



Universidade de Brasília (UNB)
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania - PPGDH

AMEFRICANIZANDO O AMOR: DIALOGOS ENTRE BELL HOOKS E LÉLIA GONZALEZ



Brasília-DF
2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

Amefricanizando o amor: Diálogos entre bell hooks e Lélia Gonzalez

LAYSI DA SILVA ZACARIAS

Brasília-DF

Julho de 2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

LAYSI DA SILVA ZACARIAS

Amefricanizando o amor: Diálogos entre bell hooks e Lélia Gonzalez

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Direitos Humanos e Cidadania, da Linha de pesquisa 2 - Políticas Públicas, Movimentos Sociais, Diversidade Sexual e de Gênero, Raça e Etnia.

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Vanessa Maria de Castro

Brasília - DF

Julho de 2021

Laysi da Silva Zacarias

Amefricanizando o amor: Diálogos entre bell hooks e Lélia Gonzalez

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Mestre em Direitos Humanos e Cidadania, da Linha de pesquisa 2 - Políticas Públicas, Movimentos Sociais, Diversidade Sexual e de Gênero, Raça e Etnia

Aprovada em 15 de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Vanessa Maria de Castro (orientadora)

Prof. Dr. wanderson flor do nascimento (examinador interno)

Profa. Dra. Edileuza Penha de Souza (examinadora externa)

Prof. Dr. Wellington Lourenço de Almeida (suplente)

Brasília, 15 de julho de 2021.

Dedico à minha irmã Ayana, que o amor seja liberdade e que renascer nele seja sempre uma escolha possível.

AGRADECIMENTOS

A todos os orixás, minha ancestralidade, pela proteção e guia. Mais especificamente agradeço a Xangô por ser meu equilíbrio, à Oxum por cuidar dos meus caminhos e à Oyá por me proteger com seus ventos. Mais que tudo agradeço aos orixás por serem comigo mesmo antes do meu coração escutar África em yorubá.

Agradeço à toda minha família do eixo Rio - São Paulo na figura de Claudete Maria da Silva Zacarias, Eli Alves Zacarias, Joye da Silva Zacarias e Ayana da Silva Zacarias; meu primeiro quilombo, minha primeira escola de amor e de negritude, por terem me nutrido desde sempre de afeto e apoio incondicional em todas as minhas jornadas, empreitadas e desafios. Eu amo vocês.

A toda a minha família do Ilé Maroketu Asé Ominarè, na figura do meu Bábálorisá Èsúbamilarè, pelo cuidado, pela paciência, carinho, dedicação e amor; por serem meu exemplo, minha comunidade amada guiada pelo espírito da ancestralidade, pelos ensinamentos sobre me reconciliar com o espelho, sobre a importância de levarmos uma vida ética e com amor, sobre a importância de nos encontrarmos.

À minha orientadora Vanessa Maria de Castro pelos conhecimentos compartilhados, colo, conversas e principalmente, pela confiança neste trabalho e no seu potencial. Com você aprendi a forma mais humana e amorosa numa relação de orientação. Obrigada por me auxiliar a encontrar um tema que não só fizesse meus olhos brilharem, mas também que me ajudasse a me encontrar comigo mesma e com a minha história.

A toda VIII Turma de mestrado, na figura de Suliete Gervásio, Kayodê Silvério, Gabriela Furtado e Isis Higino por terem proporcionado discussões de fundamental importância sobre direitos humanos, desigualdades sociais, busca por justiça, ativismo social, conjuntura política brasileira. Vocês foram minhas fortalezas e apoio em momentos muito dolorosos, mas eu sabia que eu não estava sozinha. Agradeço por meu caminho na terra ter cruzado com o caminho de pessoas tão especiais quanto vocês.

À professora Edileuza Penha de Souza e ao professor wanderson flor do nascimento por terem aceitado a fazer parte da banca de qualificação do projeto deste trabalho. Mas, principalmente por terem me incentivado a radicalizar e executar o desejo de amefricanizar o amor.

Às amigas que fiz na UnB, na moradia da pós graduação universitário bloco K, agradeço imensamente Eva Maria Lucumi Moreno e Jack Araújo Vieira. Guardo vocês não só

nas fotos, mas também no coração. Obrigada por terem confortado meu coração e compartilhado comigo, lágrimas e angústias.

Agradeço ao Maré- Núcleo de Estudos em Cultura Jurídica e Atlântico Negro e aqui gostaria de destacar os nomes de Maria de Deus Brito, Iago Maciel, Jualiana Lopes, Barbara Crateus Santos, Nailah Neves, Rodrigo Portela, Lucas Araujo, Emília Joana, Fernanda; por terem sido meu quilombo na UnB, e por “quase” terem conseguido restaurar minhas esperanças no direito. Sou grata por tudo que construímos juntos e o que ainda temos a construir principalmente no que se refere fissurar o cânone patriarcal cishetero normativo branco do direito.

Ao professor Evandro Charles Piza Duarte que também é coordenador do Maré e ao amigo e também professor Marcos Vinicius Lustosa Queiros eu agradeço principalmente a amizade e as trocas sinceras que são mais sobre o chamado da vida e menos sobre o que exige o protocolo da academia. Aos amigos que eu levo no coração desde o encontro em terras colombianas, meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço aos meus amigos e amigas Cinthia de Cássia Catoia, Ronan Parera Gaia, Rebeka Lima Cavalcanti, Poliana Kamalu, Jessica Benevides, Gabriel Barco, Jessica Akuamba, Manuela, Tatiane Santana, Daniela Lima Costa, Carlos Alberto pela amizade, pelas trocas e diálogos sobre a existência, vida, intelectualidade, espiritualidade, militância e amor. Obrigada por me permitirem ser na vida de vocês o tanto quanto vocês são na minha.

Agradeço a Lucia Xavier, Thula Pires e João Costa Vargas que em todo momento me provocaram e me inspiraram a usar meu lugar de “juventude” negra militante para ir pensar e propor políticas para além do que temos proposto. Vocês são inspiração, referências, colo, guia, apoio. Obrigada pelas trocas e por tudo mais que veio com elas.

Agradeço a Caroline Amanda Borges por ter me incentivado a buscar a cura para as feridas abertas pelas, como ela chama, “linha de frente do enfrentamento ao genocídio”. Agradeço também por você ter me mostrado que o próprio trabalho do amor poderia ser essa cura. Irmã, você se curou me curando. Todo o meu amor por nós.

A Uila Gabriela Cardoso, minha psicóloga desde o início da jornada do mestrado por ter me auxiliado em processos terapêuticos que me ajudaram a sentir em todas as células do meu corpo “como é bom ser eu!”. Aprendi no processo terapêutico, com você, que o exercício da minha agência é saber sobre o a delícia de ser eu, tanto quanto eu sei sobre as dores.

Agradeço imensamente por ter conhecido em Brasília Lusa Fontoura Portuguez e por eu ter aprendido nesse encontro a possibilidade e efetividade do exercício de responsabilidade

baseado no sentimento de amor profundo. O amor radical que pode fundamentar o desejo de mudança direcionado às ações e pensamentos profundamente autofágicos.

À Zane Nascimento por ter aceitado dividir com os propósitos desse trabalho o seu próprio processo de cura e restituição com a arte. Minha irmã, você é a joia mais que adorna oxum!

Ao Professor Hugo Rezende por ter auxiliado nas revisões das traduções presentes nessa dissertação. Minha gratidão!

Agradeço a todos os professores e técnicos do programa de Pós graduação em Direitos Humanos e Cidadania

Agradeço ao grupinho “Partiu UnB”, que vocês continuem o ideal da tomada da bastilha.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES por ter concedido bolsa que possibilitou a realização da pesquisa.

10 Músicas que acompanharam essa dissertação

1. Saudação Exú (Bat Macumba Samba Reggae, Paulo Ifatide Ifamorote)
2. DDGA (Rico Dalasam, Dinho Souza)
3. Depois Cura (Mart'nália)
4. Corazón Nómada (Kontra, Rebeca Lane)
5. Fogueira Doce (Mateus Aleluia)
6. Presente (Liniker)
7. Like it (Amaarae)
8. Banho de Folhas (Luedji Luna)
9. Lightning (Mortimer)
10. Te Invito (Herencia de Timbiqui)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é diálogo dos conceitos de amefricanidade em Lélia Gonzalez e amor em bell hooks; portanto, a proposição de amefricanizar o amor. O estudo traz o aspecto de amor que desafia os sistemas de dominação e opressão, contextualizado magistralmente por bell hooks, ao passo que amefricanidade localiza o dialogo a partir da realidade histórica, cultural e política na qual o Brasil se insere. O método utilizado foi o bibliográfico tendo como corpus analítico textos e entrevistas das autoras. Como resultados identifiquei a centralidade da categoria de amor para compreender a produção intelectual de bell hooks, foram identificadas 8 temáticas que propiciam o diálogo entre o conceito de amor e o conceito de amefricanidade: 1) a questão da representação; 2) as definições sobre o amor; 3) o amor na vida de pessoas negras; 4) a recuperação de si mesmo; 5) a comunidade; 6) a espiritualidade; 7) a justiça, e; 8) laço político entre feminino e masculino. Por fim, identifiquei nas fontes do subconsciente negro coletivo como a poesia, a ficção e o drama locus de disputa sobre uma perspectiva amefricana do amor que serve de ferraments para a ampliação do vocabulário político da teoria crítica dos direitos humanos.

Palavras-Chave: Lélia Gonzalez; bell hooks; amor; amefricanidade; ancestralidade.

ABSTRACT

The goal of this research is to build a dialogue between the concepts of Amefricanity in the work of Lélia Gonzalez and love in bell hooks; hence, the proposition of “Amefricanizing” love. The study identifies the aspects of love that challenge systems of domination and oppression, which are masterfully contextualized by bell hooks, while Amefricanity situates the debate from the historical, cultural, and political reality of the Brazilian context. The applied method was a literature review that included texts and interviews as its analytical corpus. As a result, I identified the centrality of the category of love to understand the intellectual production of bell hooks. 8 themes that enabled the dialogue between the concept of love and the concept of Amefricanity were identified: 1) the issue of representation; 2) the definitions of love; 3) love in the lives of black people; 4) self-recovery; 5) community; 6) spirituality; 7) justice, and; 8) the political bond between the feminine and the masculine. In conclusion, I identified, in the sources of the collective black subconscious, such as poetry, fiction, and drama, the locus of a dispute over an Amefricanity perspective of love that serves as a tool for the expansion of the political vocabulary in critical human rights theory

Keywords: Lélia Gonzalez; bell hooks; Love; Amefricanity; Ancestrality.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Foto de Trindade Claudia.....	29
FIGURA 2. bell hooks.....	36
FIGURA 3. bell hooks e eu.....	37
FIGURA 4. Lélia Gonzalez.....	44
FIGURA 5. Exposições Rosana Paulino.....	116
FIGURA 6. Algumas cartas do deck Next World Tarot.....	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O Convite: a metodologia amefricana	16
2 O Encontro e a possibilidade de diálogo	28
2.1. No desejo do encontro, o renascer	28
2.2. As convidadas: bell hooks e Lélia Gonzalez	35
2.2.1 bell hooks	36
2.2.2 Lélia Gonzalez	44
3 O Amor e o que dizemos sobre ele	49
3.1 A delícia de ser quem somos: a potencialidade e a complexificação teórica das perspectivas negras	49
3.2 Lélia Gonzalez e bell hooks conversando sobre amor	59
3.2.1 Entre a representação e se tornar sujeita	59
3.2.2 Definindo amor	64
3.2.3 Pessoas negras e o amor	71
3.2.4. Recuperar a si mesmo/a como ferramenta de autodeterminação	82
3.2.5 A comunidade e os laços de solidariedade	86
3.2.6 Espiritualidade	93
3.2.7 A busca por justiça	96
3.2.8 O laço político entre feminino e masculino	102
4 Amefricanizando o amor para a consumação da grande festa do batuque	110
4.1 Reordenando as estratégias: o imaginário político negro na diáspora e o amor revolucionário	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	137

INTRODUÇÃO

Olhando de perto, a história da mulher negra na diáspora é a história sobre a politização de dores, amores, afetos e busca pela liberdade. A missão de trazer a complexidade da vida negra requer então que no mesmo horizonte das dores possamos conceber os afetos e amores. Nesse sentido, acessamos ferramentas que nos auxiliam a não sucumbir ao binarismo excludente da impossibilidade de se vislumbrar mesmo nas reivindicações políticas da dor, os exercícios de amor que motivam a ação. Me lembro, quando ao comprar o livro “Não. Ele não está”¹, de Maira de Deus Brito (2018), a autora escreveu em dedicatória “esse livro fala de dor, mas também de amor, coragem e resistência. Que a luta dessas mãos lhe inspire a seguir lutando por tempos mais justos”.

A partir disso meu interesse de pesquisa passou a se direcionar para olhar a ação política por justiça empreendida por mulheres sob a ótica “do amor, da coragem e da resistência”, e passo então a compreender como traz Ana Luiza Pinheiro Flauzina (2015) no livro “Utopias de nós desenhadas a sós”, a potência da politização do amor negro e a importância de mulheres negras serem sujeitas em propor que o debate sobre amor seja levado para o campo político levando então a desmistificação do seu conceito, transformando-o em dinamizador social e cultural (NASCIMENTO, 2018 [1990]). Esse exercício de politização desloca a não mobilização do amor enquanto o genocídio negro estiver em curso (ALVES, 2019), para o manuseamento dele contra as forças de mortes. Flauzina (2015) “Querida eu que só de espada fosse feita essa guerra, mas, hoje, descubro que não há exército convocado sem amor” (FLAUZINA, 2015).

Somamos à essas argumentações, a proposta de Beatriz Nascimento (2018 [1990]) no texto “A mulher negra e o amor”, de privilegiar a condição amorosa para se referir ao modo de ser mulher negra no Brasil, se contrasta a um contexto brasileiro em que, como descrito por Tatiana Nascimento (2019), “fazer amor y política nem sempre é simples; há quem diga que o primeiro nunca é mais que sexo, quem defenda nunca menos que uma guerra, a segunda. ‘Êta mundo bom de acabar’ (racionalistas MCs)”. Entre a argumentação de Audre Lorde e bell hooks, o chamado de Beatriz Nascimento e a descrição de Tatiana Nascimento, temos o cenário ao qual se inscreve uma pesquisa que pretende tratar da temática da politização do amor e das mulheres negras.

¹ Neste livro Maira traz a história de vida de 3 mães que perderam os filhos pelo terrorismo de estado

O amor então se torna o foco da investigação. E das intelectuais negras na diáspora que dedicaram obras e formulam teoria sobre este, o nome de bell hooks² se destaca por trazer na discussão da temática os atravessamentos de sistemas de dominação e opressão tendo como centralidade a experiência negra. A autora produziu inúmeros livros e textos, e dentre eles há uma grande quantidade que dedicou à temática. Pensando formas de desenvolver um trabalho sobre amor que também propiciasse ir além do que já temos dito sobre o desmantelamento do amor romântico idealizado e, principalmente, que se relacione com especificidades da realidade brasileira, traçar um diálogo entre bell hooks e uma outra mulher negra que se destaca na luta política de mulheres negras no Brasil se apresentou como estratégia desejável. Neste sentido, reivindicada pela intelectualidade brasileira negra como uma das intérpretes do Brasil (BARRETO,2018), Lélia Gonzalez apareceu como uma interlocutora viável para o diálogo.

Esta pesquisa é teórica, tem a revisão bibliográfica como principal ferramenta e é escrita em primeira pessoa. A partir da revisão de obras, entrevistas e trabalhos sobre a vida das autoras, de cada uma privilegiamos categorias que entendemos ter instrumentalizado suas trajetórias políticas e pessoais. Da produção de bell hooks, privilegiei a categoria amor, de Lélia Gonzalez, a categoria de amefricanidade.

As categorias aqui privilegiadas se aproximam. bell hooks, como identificou Grada Kilomba (2019), estava propondo nas suas obras sobre amor um projeto político de povo para pessoas negras que desse conta da fragmentação causada pelo processo de escravização. Enquanto a categoria amefricanidade, como identifica Ana Cecília de Barros Gomes (2019), tem por objetivo resgatar a desagregação que foi forçada pelo empreendimento colonial escravocrata, porque “representa uma unidade, assim como sistema-mundo, mas que objetiva resgatar a divisão forçada imposta pela colonização.” (GOMES, 2019, p.39)

As discussões sobre amor apresentadas por homens e mulheres negras são mobilizadas e aprofundadas na identificação das ligações construídas entre o conceito, mais especificamente em sua concepção romântica ocidental e histórias de violência. Oriundos dessas histórias de violência, os sistemas de dominação e opressão na modernidade marginalizam grupos sociais ao redor do mundo que experienciam a vida de forma sitiada. Situadas na experiência de vida sitiada, perspectivas negras sobre amor frequentemente exploram espaços de dores em âmbitos subjetivo e intersubjetivo e reivindicam a releitura do

² A autora grafa seu pseudônimo com as iniciais em letras minúsculas intencionalmente pois dessa forma ela advoga que o texto ganha mais importância que a figura de quem escreve ao mesmo tempo que se diferencia da sua bisavó Bell Blair Hooks que é homenageada.

conceito moderno de humanidade, um novo futuro e uma nova forma de nos relacionarmos uns com os outros, mesmo em âmbito político. No que se refere à vida social, o espaço das dores tem tido especial atenção dos direitos humanos porque essas “dores” refletem o não reconhecimento de direitos. Nesse sentido, importa aqui identificar de que forma o diálogo entre as autoras auxilia avanços no campo teórico dos direitos humanos. Para esse trabalho, os conceitos de direitos humanos são os trazidos por Ana Flauzina (2014,2020) e Thula Pires (2017,2020) que racializam as discussões sobre direitos humanos para politizá-las.

No primeiro capítulo “O convite: a metodologia amefricana“, apresento a perspectiva metodológica adotada neste trabalho e discuto a importância das experiências de vida na produção intelectual negra. Neste capítulo também detalho as estratégias de pesquisa mobilizadas para a composição do *corpus* analítico. Argumento que nas propostas de bell hooks e Lélia Gonzalez o vivido informa o fazer político, por isso a necessidade de privilegiá-lo. Argumento que tanto nas metodologias e ferramentas metodológicas conhecidas como *vivido-concebido*, *escrevivência* e as histórias pessoais mobilizadas pela teoria crítica da raça também destacam a importância da experiência para a reflexão política.

Já no segundo capítulo de nome “O encontro e a possibilidade do diálogo”, me apresento, discorro brevemente sobre minhas motivações em me debruçar sobre a temática do amor e o porquê da escolha de bell hooks e Lélia Gonzalez. Nesta sessão, a proposta é aproximar o trabalho do universo particular de cada uma das figuras privilegiadas nesse processo de produção teórica. É também neste capítulo que as autoras são apresentadas e tento mostrar como os conceitos trabalhados por elas e privilegiados no trabalho aparecem nas trajetórias pessoais e políticas.

No terceiro capítulo denominado “O amor e o que dizemos sobre ele”, trago o amor mobilizado no trabalho de intelectualidades negras como: Beatriz Nascimento, Edileuza Penha de Souza, Clelia Prestes, Ana Flauzina, Vinicius Silva, wanderson flor do nascimento, Bruna Cristina Jaquetto Pereira, Renato Nogueira, Pastor Henrique Vieira, Aza Njeri, Luedji Luna e Jhonathan Feer. É também neste capítulo que o diálogo entre bell hooks e Lélia Gonzalez é tecido tendo os seguintes temas como entremeio: 1) a questão da representação; 2) as definições sobre o amor; 3) o amor na vida de pessoas negras; 4) a recuperação de si mesmo; 5) a comunidade; 6) a espiritualidade; 7) a justiça, e; 8) laço político entre feminino e masculino.

Já no quarto capítulo intitulado “Amefricanizando o amor para a grande festa do batuque” apresento a discussão teórica do trabalho. Apresento então percepções e mobilizo outras intelectualidades negras para compor o debate de questionamento ou aprofundamento

de algumas das temáticas que foram entremeio do diálogo entre bell hooks e Lélia Gonzalez. Apresento também as potencialidades de uma perspectiva amefricana sobre amor e apresento alguns intelectuais que a partir da arte oferecem formas amefricanas de pensar o amor: Rosana Paulino, Jota Mombaça, Tatiana Nascimento e Crysti Road. A perspectiva revolucionária de amor que a influência da arte desses intelectuais propicia, oferece grande potencial de atualização do vocabulário político da teoria crítica dos direitos humanos.

1 O Convite: a metodologia amefricana

A Amefricanidade é marca do pensamento de Lélia Gonzalez (RIOS; LIMA, 2020), uma categoria cunhada nos anos de 1980 (CARDOSO, 2014) que é a característica da incidência da autora no cenário político e a chave do porquê ser uma formulação que nos provoca ao agir. Lélia começa a formular a categoria para dar conta da história de um povo que resistiu a dominação, ao contrário do que a narrativa oficializada tentava demonstrar, ao mesmo tempo que ela buscava uma forma de nomear também a experiência negra na diáspora. A categoria político-cultural da amefricanidade expressa um olhar crítico para a formação histórico-cultural do Brasil, tendo como referência África e a América, esta que não vai se restringir apenas aos Estados Unidos, mas que também abarcará América Central, do Sul e Caribe - A América. Mais que isso temos o destaque para a centralidade do protagonismo africano e indígena para essa construção (OLIVEIRA, 2020; GOMES, 2019). É uma categoria afrocentrada³ que também incorpora processos históricos de adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas de possibilidades (GOMES, 2019)

A amefricanidade é a ferramenta metodológica que nos auxilia a não romantizar mentiras coloniais, uma vez que esta desvenda nossos olhos (LOPES, 2020). Ela traz uma denúncia a um pensamento construído com base no eurocentrismo e viabiliza as contribuições tanto ameríndias, quanto amefricanas na formação da América (GOMES, 2019), ao mesmo tempo que evoca aquela unidade específica que para além da descendência propõe vínculos de solidariedade ameríndia e amefricana. Essa é uma produção que politicamente optou por percorrer o caminho científico de pesquisas Amefricanas. Para tanto, além dos trabalhos sobre a categoria e sobre a autora, apresento aqui alguns pontos pensados coletivamente no Grupo de Estudos sobre Lélia Gonzalez realizado na Faculdade de Direito da Universidade de Brasília- UnB como atividade do Maré- Núcleo de Estudos em Cultura Jurídica e Atlântico Negro no primeiro semestre de 2019

Durante 3 encontros do grupo para discutir textos sobre a obra e vida da autora, interessava naquele momento buscar direcionamentos para as práticas de pesquisas prioritariamente dentro do campo do direito, devido ao fato de ser essa a formação da maioria dos pesquisadores e pesquisadoras presentes. Foi unanimidade no grupo que a vida e obra de Lélia nos informavam formas de se fazer pesquisa acadêmica que conseguem fissurar as construções unilaterais e dimensionais sobre a vida negra. Neste sentido, apenas a título de

³ Como aponta Lélia: “é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos iorubá, banto e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica” (GONZALEZ,2020[1988], p.134-135)

guia, elencamos os pontos que considerávamos centrais nas produções de nossas pesquisas: 1) pensar as categorias como uma forma de explicação da realidade e não para engessá-la; 2) dialogar com o “objeto” da pesquisa para depois categorizar; 3) Não impor uma linguagem externa ao que o campo ou o “objeto” pesquisado mesmo se propôs; 4) trazer o protagonismo das mulheres negras, e ; 5) que a pessoa na figura do/a pesquisador/a não esconda as escolhas do trabalho atrás de uma suposta “neutralidade” científica.

Admitir aqui a amefricanidade como marco teórico-metodológico é também um chamado para que ela possa balizar a escolha dos caminhos e a construção da análise. A categoria aqui também vai informar todas as escolhas envoltas neste trabalho, sendo o fio que perpassa todo o exercício teórico e nesta seção da dissertação trataremos como ela está nas escolhas aqui empregadas, sendo o termômetro e guia. Tanto por ser termômetro e guia para a pesquisa que tal exercício é nomeado como esforço de amefricanizar o amor. A amefricanidade neste trabalho como guia metodológico, propicia localizar o diálogo com a categoria de amor ao mesmo tempo que nos auxilia a compreendê-la numa perspectiva crítica quando somadas às perspectivas negras sobre o tema aqui presente. Seguindo, portanto, tal forma de percepção metodológica, aqui destaco o protagonismo de bell hooks e Lélia Gonzalez enquanto mulheres negras que produziram campos de conhecimento importantes para pensarmos raça, gênero, classe e outras categorias de dominação como fatores de compreensão das relações sociais e fatores determinantes na busca por justiça social.

No texto de bell hooks, “mulheres negras revolucionárias: nos transformamos em sujeitas” (2019[1992]), a autora argumenta a importância de produções de mulheres negras, sejam autobiográficas, sejam qualquer outro tipo de narrativa confessional, apesar de haver uma desvalorização delas em faculdades. As narrativas confessionais de pessoas negras para além de ser privilegiada na produção intelectual negra, são didáticas, reforçam o companheirismo e são guias para nos tornarmos sujeitas radicais: “Eu preciso não me sentir isolada e saber que existem outras companheiras com experiências semelhantes” (HOOKS, 2019[1992], p. 125-126). A autora ainda convoca mulheres negras a escreverem trazendo as verdades sobre a vida negra que vai para além do binarismo do bom e mau. bell hooks ainda argumenta que dizer que o pessoal é político é uma forma mais simplificada de questionar quem somos em relação ao trauma e também, argumentar que talvez não estamos indo na profundidade que precisamos ir nesta temática.⁴

⁴Disponível:

<https://www.youtube.com/watch?v=Fw6Fd87PhjU&list=PLzZLI6nrUnMLg02dn1qqAq05n3tApKgWw&index=25>

Audre Lorde (2019 [1977]), no texto “A transformação do silêncio em linguagem e em ação” argumenta que mesmo correndo o risco de ser ferida ou mal compreendida, ela passou a acreditar mais ainda no papel fundamental do que é dito, verbalizado e compartilhado. Ainda argumenta que enquanto mulheres negras ficam em silêncio, elas ficam incompletas. A problematização da linguagem é um dos pontos sobre o dizer porque temos a responsabilidade de ressignificar uma linguagem que foi criada para atuar contra nós e, neste sentido, a preocupação não é apenas sobre a verdade do que dizemos, mas também se a linguagem que utilizamos traz em si essa verdade (LORDE, 2019).

É também com Patricia Hill Collins que apreendemos reivindicar a potência do lugar de mulher negra para produzir reflexões sobre a sociedade (BUENO,2019) e nesse sentido, trazer aqui o devido protagonismo dessas mulheres também significa privilegiar os seus modos de propor diálogos com outros autores, campos de conhecimento, formas de articular os pensamentos e propor soluções. Há um lugar na produção e criação de possibilidades que, apesar de lançar luz às ausências, privilegia o fortalecimento das formas singulares e criativas de escolha: o exercício de agência. Por isso, das propostas apresentadas pelas autoras, privilegamos categorias que se aproximam nas suas diversas dimensões ao mesmo tempo que, para dialogar com as autoras, também trouxéssemos não apenas mulheres negras. Lélia Gonzalez e bell hooks têm a grande preocupação de não só não excluir os homens de seus diálogos políticos e epistemológicos, como também trazer as perspectivas e protagonismo indígena. Nas propostas das autoras, tanto a reconstrução dos vínculos entre homens e mulheres negras tem um lugar de importância quanto o destaque pela construção de vínculos de solidariedade, seja entre pessoas negras na diáspora ou entre pessoas negras e não negras.

A dissertação de mestrado em direito de Winnie de Campos Bueno intitulada “Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (2009) a partir do conceito de imagens de controle” do ano de 2019 é um trabalho monográfico que deu privilégio para a técnica de pesquisa bibliográfica para aprofundar o pensamento desenvolvido por Patrícia Hill Collins tendo a categoria imagens de controle como conceito principal. Sendo um trabalho teórico que analisa uma obra de uma autora importante para compreender o papel das imagens de controle na construção de subjetividades negras, Winnie reivindica a escrita da dissertação em primeira pessoa, inspirada por outras mulheres negras que a antecederam. Nesse sentido, a pesquisadora traz na dissertação sua experiência acadêmica no trabalho como um importante exercício de nomear sua própria experiência: “Compartilhar esse exercício de poder é um processo importante da

minha trajetória acadêmica porque pode inspirar outras mulheres negras a tomarem para si o controle das suas próprias narrativas em primeira pessoa” (BUENO,2019, p.12)

Em 2005, Raquel Barreto defendeu a dissertação e mestrado intitulada “Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez”, na qual realizou a comparação das trajetórias de Ângela Davis e Lélia Gonzalez. Ao tratarem da questão do gênero a partir de uma perspectiva inovadora, a pesquisadora identificou que as intelectuais destacam a importância da luta política ao mesmo tempo que lançam luzes para a relação corpo e poder principalmente na experiência das mulheres negras. Nas considerações finais, a pesquisadora traz a importância de trabalhos comparados em relações raciais pôr as continuidades e as especificidades locais. Por fim, ainda há a sugestão de aumentar as produções sobre as contribuições individuais para o desenvolvimento do movimento negro (BARRETO,2005)

Mais recentemente, o texto “Uma conversa de pretas sobre violência sexual” (2020b), Ana Flauzina e Thula Pires, ao identificarem os desafios de se posicionarem atuantes contra a morte sistematicamente direcionada a pessoas negras, afirmam que um grande risco nessa caminhada “é o de se perder” (FLAUZINA, PIRES, 2020b, p. 65). Contudo, mesmo existindo grandes resistências às formas negras de propor mudanças efetivas no contexto dito revolucionário, as autoras identificam que o legado de mulheres negras como Lélia Gonzalez e bell hooks se faz a partir da insurgência também da forma que dizemos as coisas. As autoras argumentam que a nossa forma de dizer as coisas, legado de mulheres negras, é onde podemos encontrar a transformação. No texto ainda, as autoras confidenciam que entre elas as reflexões mais produtivas se realizaram “no diálogo, escuta sensível, no plural”, e essa construção deveria ser politizada e entendida como contribuição teórica. Por isso, as autoras elegeram um tema e exercitam suas capacidades de argumentação “livres das amarras acadêmicas” (FLAUZINA, PIRES, 2020b, p.66) no modelo de entrevistas. O encontro das autoras para tal exercício, como destacam, foi no campo da troca, admiração, respeito e amor. O diálogo foi travado a partir das categorias que as autoras entendem ter instrumentalizado suas trajetórias políticas e a partir de tal, foram mobilizadas as categorias genocídio e amefricanidade para pensar a temática do estupro.

O aprofundamento e pontes iniciais entre as autoras propiciaram o aumento do repertório e o avanço dos debates a partir dele, também no diálogo de Ana Flauzina e Thula Pires, para compreender o exercício da resistência negra também comprometida com “renovação das percepções do mundo e de suas formas de expressão” (FLAUZINA, PIRES, 2020b, p. 66). Contudo, a construção de diálogo, como aponta Thula Pires (2020) com autores

com textos escritos e usando excertos desses textos, pode “sugerir pouca capacidade de elaboração sobre o que ele falou” (PIRES, 2020, p. 258). Por fim, também neste trabalho será assumida a postura responsável, como destaca Pires (2020), de aqui admitir a responsabilidade por todos os riscos e implicações das limitações da forma de diálogo proposto. Tal responsabilidade requer que não quebra cabeça entre ideias, palavras e trechos das autoras haverá a comunicação honesta da não possibilidade de encaixe (PIRES, 2020). De forma análoga à experiência narrada por Ana Flauzina e Thula Pires, o diálogo entre as autoras privilegiadas neste trabalho também pode ser traduzido como libertador e político uma vez que trago duas singularidades com trajetórias particulares que desafiam dinâmicas racistas que igualam todas as pessoas negras no lugar da zona do não ser (FLAUZINA, PIRES, 2020b).

Produzindo a partir de contextos e territórios diferentes, as proposições das autoras a partir das categorias se assemelham, mas também se distanciam. No decorrer do trabalho, também ficou evidente que enquanto bell hooks desenvolve nos diferentes textos, livros e entrevistas a categoria de amor que, para a conceituação da autora, traz características éticas e políticas importantes para a construção de uma “comunidade amada”, se aproximava também das análises e propostas políticas privilegiadas de Lélia Gonzalez, ao se debruçar sobre a ação política do movimento social negro e de mulheres negras. Como um chamado da perspectiva metodológica aqui adotada, o assunto abordado e a própria forma que é nossa, e também, das autoras para dizer as coisas; o presente trabalho será conduzido em primeira pessoa. Tal condução aqui é admitida não porque apenas por sempre falarmos e precisarmos falar de algum lugar que não “a retórica intransigente que insiste em esconder seus propósitos em palavras supostamente retas” (FLAUZINA, 2006, p.11), mas também pela temática em si e pela potencialidade do relato das experiências vividas nela (PEREIRA, 2020).

Trazer a escrita em primeira pessoa neste trabalho também propicia apresentar pontos importantes sobre a temática que só o vivido e as experiências podem trazer, mesmo que os vividos de quem escreve não sejam propriamente ditos o objeto das análises, porque a análise em si é do contexto maior a que esta experiência se vincula. Essa perspectiva vai ao encontro do que argumenta Lélia Gonzalez ao dizer que a emoção e a subjetividade atribuída ao discurso de pessoas negras não significam a renúncia à razão; mas sim a forma de afirmar a razão tornando-a concreta, humana, menos abstrata e metafórica (GONZALEZ, 2018[1979]). Escrever então em primeira pessoa, não significa desconsiderar a polifonia dessas experiências, mas apenas lançar luzes a um outro instrumento de descrever a vida negra que propicia a identificação de outras pessoas com os relatos mobilizados. Para Lélia Gonzalez e

bell hooks há uma importância do vivido no fazer político; sugerem as autoras que é o vivido que dá sentido ao que se pensa. Aponta bell hooks (1998):

É engraçado porque as pessoas muitas vezes agem como se eu sempre dissesse coisas sobre mim. Tem que haver uma maneira de reunir públicos de pessoas que vêm de classes diferentes. Na verdade, o que eu descobri ao buscar que meu livro fosse além das aulas foi que se eu contasse uma história - uma história sobre minha própria vida, uma história útil, não apenas uma história para confessar algo sobre mim, mas uma história significativa que permitisse às pessoas, coletivamente, algum tipo de participação na discussão - se elas então prosseguiam e compreendiam todas as coisas diferentes, as coisas teóricas ou não, ou se elas só entendiam as coisas teóricas e odiavam a ideia de alguém contar uma história pessoal - foi assim que eu comecei a tornar o privado público⁵ (HOOKS, 1998, p. 12)

E é também a partir do chamado da categoria da amefricanidade que neste trabalho o amor passa a ser compreendido a partir das vivências e teorizações de mulheres negras. Para citar outros exemplos, Fanon (2008), Du Bois (2007), Patricia Hill Collins (2020) Beatriz Nascimento (2018) se utilizam de vivências pessoais para refletir e pensar sobre essas situações, o que resulta em interpretações mais amplas sobre a negritude, as relações raciais, formações nacionais, questões de gênero, produção do conhecimento, invisibilidades etc. Tanto os intelectuais listados como as autoras privilegiadas neste trabalho partem de histórias diferentes, localidades diferentes, momentos históricos diferentes, contudo eles partem suas análises do denominador da experiência negra.

Giovana Xavier (2013) considerando as maneiras de construir histórias transnacionais, destaca que uma delas consiste em cruzar duas realidades a partir de uma temática por meio da qual acredita-se ser possível estabelecer conexões baseadas nas experiências dos sujeitos, mais que nos limites territoriais (XAVIER, 2013). Nessas empreitadas transnacionais então, também vemos a importância, como assinala Conceição Evaristo no prefácio do livro de Sueli Carneiro, não só de mulheres negras escreverem e publicarem, mas que também seja importante a investigação de bibliografias que muito informam sobre o universo negro, mas não são conhecidas ou recepcionadas como objeto científico (EVARISTO, 2018). As vivências e o vivido então, têm se tornado um aporte metodológico importante na tessitura de compreensões e críticas sobre as realidades vividas na diáspora negra. Para uma mulher negra, escrever sobre vivências numa proposta acadêmica em primeira pessoa traz para a cena como o/a pesquisador/a tem sua vida perpassado pela temática analisada (CARVALHO,

⁵ Trecho original: It's funny because people often act like I always say things about myself. There has to be a way to bring together audiences of people who are from different classes. In fact what I've found as I wanted my book to cross class was that if I told a story – a story about my own life, a useful story, not just a story for the sake of confessing something about myself but a meaningful story that allowed people, collectively, some kind of weight into the discussion - whether they then went on and understood all the different things, the theoretical things or not, or whether they only understood the theoretical things and hated the idea of someone telling a personal story - that's how I entered into making the private public.

SANCHES, 2020) ao mesmo tempo que pressupõe um exercício de tomada de responsabilidade pelos escritos ao nomear a própria experiência (BUENO, 2019) e confronta as propostas políticas e teóricas que são cúmplices de projetos de desumanização (PIRES, 2019).

O racismo tanto é identificado como aquele que se estrutura a partir da produção de conhecimento sistematicamente negando o lugar de pessoas negras como produtoras de conhecimento, quanto também se apresenta na dinâmica dos afetos que ainda buscando valores coloniais relacionam afetos tristes e/ou negativos aos negros enquanto relaciona os alegres e/ou bons aos brancos (OLIVEIRA, 2020). Segundo Renato Noguera (2020), numa investigação inicial sobre amor na obra de Franz Fanon, o autor sugere que homens e mulheres sonham com o amor e o relacionamento com homens e mulheres brancas porque esse também seria o sonho de alcançar a redenção e a humanização (NOGUERA, 2020). Sugere ainda Fanon (2008) que na luta por liberdade para homens e mulheres é o que há de mais humanos neles que os fazem dizer sim à vida, ao amor, e à generosidade, e; por outro lado também é o que faz eles dizerem não a desprezo do homem, à indignidade e a exploração do homem (FANON, 2008). Nesse sentido então, nos estudos críticos sobre humanidade nos interessa compreender essas construções a partir da categoria amor.

A teoria crítica da raça, a ideia de *vivido concebido* e de *escrevivências* são perspectivas que de diferentes formas nos informam a importância das experiências para as produções intelectuais negras que inclusive expandem a ideia de intelectualidade. Caroline Lyrio Silva e Thula Rafaela de Oliveira Pires (2015) argumentam a importância emancipatória e a centralidade das experiências negras sobre raça, gênero e classe (como, por exemplo, por meio de contação de história, história de família, biografias, parábolas, contos, testemunhos, crônicas e narrativas) como um dos pressupostos metodológicos da teoria crítica racial. Aqui encontramos então a afirmação da importância do “conhecimento situado da realidade lida com a parcialidade dos olhares e experiências que, por sua vez, nada mais indica do que a parcialidade de considerar neutra e objetiva uma abordagem que não reflete” (PIRES, SILVA, 2015, p. 77)

A perspectiva metodológica do *vivido-concebido* ajuda a contemplar os passos científicos prospectados para uma pesquisa que se pretende amefricana, que traz a concepção do “desde dentro para desde fora” (SOUZA, 2016, p. 26), “da porteira para dentro” (LUZ, 1992, p.70), *vivido* que dá sentido ao que se pensa. Essa é uma perspectiva que Juana Elbein dos Santos traz no livro “Os Nagô e a morte: pàde, àsèsè e o culto Égun na Bahia” (2000) e que pesquisadores como Marco Aurélio Luz (1992), Narcimária Correia do Patrocínio Luz

(1998), Moniz Sodré (1988) e Edileuza Penha de Souza (2005,2008,2013,). Segundo a intelectual Edileuza Penha de Souza (2013), o princípio dessa perspectiva metodológica é “afirmar a ancestralidade e a espiritualidade como possibilidade de recriação de valores, experiências e linguagens coletivas capazes de redimensionar o continuum civilizatório” (SOUZA, 2013. p.36). O vivido-concebido é a perspectiva que possibilita de forma concreta a formulação de propostas acadêmicas que fissuram um cânone acadêmico que tem seus pilares em ideologias teóricas positivistas, evolucionistas e unidimensionais (LUZ, 1998 apud SOUZA, 2013, p..22). É também um conceito que possibilita arquitetar novos processos que não sejam estranhos, por exemplo, aos sabores do afeto. (SOUZA,2008).

De outro lado, temos as vivências sendo privilegiadas em metodologias que se utilizam da ideia de escrevivências de Conceição Evaristo que é “uma escrita de si, para si e para-o-outro”, conceito este que fala sobre a utilização da vivência negra para informar a construção de textos, é a pessoa negra se colocando no lugar de quem vai falar sobre sua própria história e assim cobre uma série de lacunas do vazio histórico⁶. É uma forma de afirmar a própria existência por ser uma escrita contagiada pela subjetividade do sujeito (GUIMARÃES-SILVA, PILAR, 2019). A escrevivência enquanto ferramenta metodológica pode ser mobilizada como estratégia para furar o silêncio sobre a experiência negra no Brasil e é também a possibilidade de se inventar um outro futuro individual e coletivo (PENNA, 2019). A escrevivência que também traz uma dimensão genealógica da escrita de mulheres negras (EVARISTO,2007) é o exercício de se contar histórias que são individuais, mas ao mesmo tempo extremamente coletivas. Sobre tal conceito, a partir das formulações de Luis Henrique Oliveira, Lissandra Vieira e Paula Sandrine Machado, Juliana Bartholomeu (2020) identifica nesta 4 elementos que a compõem: 1) corpo, 2) condição, 3) experiência, e 4) subversão da produção de conhecimento (BARTHOLOMEU, 2020).

O que motivou a escolha das autoras foi a viabilidade da construção do diálogo entre elas demonstrado pela revisão bibliográfica exploratória. No dia 26 de junho de 2021, busquei no portal periódicos capes, os metadados bell hooks AND lélia gonzalez que tiveram 33 ocorrências em português, inglês e espanhol. Os metadados gloria jean watkins AND lélia gonzalez também foram buscados e tiveram 12 ocorrências. O total de 45 ocorrências foram nos tópicos de teoria feminista, raça, estudos culturais, ativismo, colonialismo, opressão, mulheres negras, interseccionalidade, epistemologia; contudo, não foram encontrados trabalhos teóricos que propusessem diálogo entre as autoras e muito menos diálogo

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>

semelhante ao aqui proposto. Apesar da identificação da viabilidade da construção do diálogo entre as autoras, a banca de qualificação do projeto de pesquisa dessa dissertação com a professora Edileuza Souza e Wanderson Flor do Nascimento foi fundamental para o vislumbre do aumento do corpus analítico inicialmente aventado e os pontos possíveis de diálogo entre as autoras. A pesquisa realizada aqui vem numa proposta teórica que coloca em diálogo duas categorias. Nesse sentido, o objetivo geral é apresentar a categoria de amor de bell hooks em diálogo com a categoria de amefricanidade de Lélia Gonzalez.

Livros, entrevistas, textos e pesquisas sobre vida e obra de bell hooks (excetuando os livros de poesia) e Lélia Gonzalez compuseram o *corpus* analítico da presente pesquisa. Enquanto a primeira autora dedicou obras completas e inúmeros textos sobre a temática do amor, ao recorrermos a Lélia Gonzalez não encontramos o mesmo. Podemos dizer que, se por um lado o amor para bell hooks é central nas suas obras, para Lélia Gonzalez a centralidade é a ação política do movimento social negro e do movimento de mulheres negras. Tendo isso em mente, parto minha investigação com base na estratégia recortada no texto “Quando falamos de amor: vivências afetivas na produção de intelectuais negras” (2017) da intelectual Bruna Cristina Jaquetto Pereira, que dá pistas de como iniciar a busca por compreender a visão e contribuições de Lélia Gonzalez em relação ao tema aqui estudado. Jaquetto (2017) argumenta que apesar de Lélia, dentre outras, como Virgínia Bicudo, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro, não terem se debruçado especificamente sobre temáticas “afetivo-sexuais”, onde aí se encontraria o amor, estas estudam a malha maior de dinâmicas sociais nas quais podemos encontrar entretecidas a temática que aqui será desenvolvida.

Sendo este um trabalho teórico monográfico, a principal técnica de pesquisa foi o método bibliográfico. Por isso os livros que reúnem textos e entrevistas da autora fizeram parte do corpus analítico desta pesquisa. Sobre Lélia Gonzalez foram privilegiadas as seguintes obras:

- “Lélia Gonzalez” (2010) organizado por Alex Ratts e Flavia Rios da Coleção Retratos do Brasil Negro
- “Primavera para rosas negras: Lélia Gonzalez em Primeira Pessoa” (2018) organizado pela União dos Coletivos Pan-Africanistas-UCPA
- “Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos” (2020) organizado por Flávia Rios e Márcia Lima

Por outro lado, o *corpus* analítico que se refere a textos e obras de bell hooks ⁷ compreende:

- A tese de doutorado de bell hooks intitulada “Keeping A Hold On Life: Reading Toni Morrison's Fiction” (1983) (Mantendo controle sobre a vida: Lendo a Ficção de Toni Morrison)
- Capítulos 8 e 9 do livro “Sisters of the Yam: Black Women and Self-Recovery” (hooks,2015, [1993]) (Irmãs do inhame: mulheres negras e autorecuperação)
- Capítulo 20 - Outlaw Culture: resisting representations.(1994) (Cultura proibida: resistindo as representações)
- Capítulo X “Loving Blackness as Political Resistance” (Amando a negritude como prática de resistencia) do livro “Killing Rage: Ending Racism” (1995) (Raiva mortal: Acabando com o racismo)
- Livro “All about love: New visions” (2000) (Tudo sobre amor: novas perspectivas)
- Livro “Salvation: Black people and love” (2001) (Salvação: Pessoas negras e amor)
- Livro “Communion: The female search for love” (2003) (Comunhão: a busca feminina pelo amor)

⁷ No trabalho de conclusão de curso de Arianne Mesquita Rodrigues, de 2018, “Um ensaio de bell hooks: Uma proposta de tradução comentada”, a autora identifica que na data havia apenas dois livros com publicação em português. O primeiro, “Ensinando a Transgredir: A Educação Como Prática da Liberdade”, original de 1994, é publicado no Brasil apenas em 2013 pela editora Martins Fontes, com a tradução de Marcelo Brandão Cipolla. O segundo, “Meu crespó é de Rainha”, cujo original data de 1999 e a publicação em português disponibilizada ao público apenas em 2018 pela editora Boitará com tradução de Nina Rizzi (RODRIGUES,2018). Ainda no final de 2018, traduzido por Ana Luiza Libânio, é lançada a versão em português da obra “*Feminism Is for Everybody: Passionate Politics*” traduzido por “O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras”, pela Editora Rosa dos Tempos. Ainda pela mesma editora, no final de 2019, traduzido por Libanio Bhuvi, “*Ain't I a Woman: Black Woman and Feminism*”, em português “E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo” (BHUVI,2018). A editora Elefante, no ano de 2019, pretendia lançar ao menos 3 livros traduzidos de bell hooks tendo como pretensão o lançamento de outros livros da autora[#]. Adicionados aos títulos acima, hoje temos títulos como agora traduzidos para o português, temos: “Black looks: race and representation” original de 1992, traduzido como “Olhares negras: Raça e representação” (2019), por Sthefani Borges pela mesma editora; “Teaching Critical Thinking: Practical Wisdom” (2010) “Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática” com tradução de Bhuvi Libanio pela Editora Elefante ; “Erguer a voz: Como feminista, pensar como negra” com tradução de Cátia Boacaiuva Maringolo, pela Editora Elefante. Da série de livros sobre amor: “*All about love: New visions*” do ano de 2000; “*Salvation: Black people and love*” (Salvação: pessoas negras e amor) do ano de 2001 ; “*Communion: The female search for love*” (Comunhão: a busca feminina pelo amor) do ano 2003, e; “*The Will to Change: Men, Masculinity, and Love*” (Vontade de mudar: homens, masculinidade e amor) de 2004, no início do ano de 2021, o primeiro “*All about love: new vision*” ganhou tradução de Stephanie Borges em português pela editora Elefante com o título de “Tudo sobre amor: Novas perspectivas”. Sendo assim a primeira obra da trilogia a ganhar tradução oficial, a editora elefante ainda noticiou estar preparando o lançamento de outras obras da autora sobre amor em língua portuguesa (disponível em: <https://elefanteeditora.com.br/para-ler-bell-hooks/>).

- Capítulo 15 “Recovery: a labor of Love” (Recuperação: uma obra de amor) do livro “Rock my Soul: Black People and Self-esteem” (2003) (Embale minha alma: Pessoas negras e autoestima⁸)
- Capítulo 8 “We are real cool: Black Men and Masculinity”(2003) (A gente é da hora: homens negros e masculinidade)
- Capítulo 11 e 12 do livro “Teaching Community: a pedagogy of hope” (Ensinando a comunidade: Pedagogia da esperança) (2003)
- Livro "The Will to Change: Men, Masculinity, and Love" (2004) (A vontade de mudar: homens, masculinidade e amor)
- Capítulo 18 “The Practice of Love” (A pratica do amor) do livro Writing Beyond Race: Living Theory And Practice (2013) (Escrevendo além da Raça: teoria e prática vivas)
- Capítulo 27 “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática” (2020)
- Livro: “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (2013)

O convite desta dissertação que marca o caminho metodológico a ser seguido, diz sobre o processo de amefricanização do amor ao mesmo tempo que impede que uma categoria pensada num outro contexto político-histórico-cultural seja trazida para explicar uma realidade marcadamente diferente. A perspectiva amefricana do amor para a realidade brasileira é a possibilidade de mobilizar os benefícios de pensar criticamente o amor a partir do nosso contexto político-histórico-cultural sem que a categoria engesse a nossa visão sobre a realidade. Portanto, há que se considerar também que o *corpus* analítico sendo composto por um número grande de textos de bell hooks sobre amor se justifica pelo fato de a autora estar viva até a presente data produziu mais que Lélia Gonzalez sobre o assunto e também sobre outros temas. Cabe dizer que privilegiei trazer para esta pesquisa textos e obras de bell hooks sobre amor ainda não oficialmente traduzidos no Brasil que trazem discussões importantes que não são conhecidas pelo grande público brasileiro e sociedade acadêmico- cientista. Apesar disso, por se tratar de uma proposta metodológica, a diferença de volume de itens sobre cada autora que foram analisados não inviabilizam a proposta enunciada. A proposta de amefricanização se justifica na metodologia eleita por ser fio que atravessa todo o trabalho e

⁸ bell hooks em alguns casos, se utiliza de “jogo de palavras” para dar nome aos seus livros. Caso este que parece ser o caso em tela. O termo “Rock” em inglês tem tanto o sentido de agitação quanto o sentido afetivo de embalar um bebê. A sugestão do verbo “embalar” para esta tradução se justifica pelo fato de que por mais que seja menos conhecido e usado esse verbo traz os dois sentidos que “Rock” carrega. De qualquer forma, essa dificuldade na tradução deixa uma ambiguidade.

compor parte essencial da sua estrutura. Essencialmente política, neste trabalho, a amefricanidade se liga à essência política do amor ao mesmo tempo que abre caminhos para outras possibilidades de conceber o amor, mas que se localiza no contexto histórico e cultural no qual o Brasil se inscreve.

Como bell hooks é a autora que mais se aprofundou e desdobrou o entendimento e as correlações entre a categoria amor e outras categorias, foi a partir da leitura dos textos e entrevistas da autora que elenquei os elementos que ela destaca e privilegia quando desenvolve o entendimento sobre o amor. O exercício aqui foi deixar que a autora sugerisse o que é importante no desenvolvimento da sua teoria e para tanto as repetições desses elementos foram consideradas. Neste sentido, os elementos que mais se repetiram foram: 1) a questão da representação; 2) as definições sobre o amor; 3) o amor na vida de pessoas negras; 4) a recuperação de si mesmo; 5) a comunidade; 6) a espiritualidade; 7) a justiça, e; 8) o laço político entre feminino e masculino. A partir desses elementos, busquei identificar como Lélia Gonzalez os concebia, os trabalhava, e como eles apareciam no conjunto de produção teórica da autora e na trajetória pessoal. Outro ponto importante, que complementou consideravelmente o exercício de localizar na nossa realidade o debate, foi buscar perspectivas negras sobre o amor, tanto de intelectuais contemporâneos à autora quanto aqueles e aquelas que se consideram herdeiros de seu trabalho.

2 O Encontro e a possibilidade de diálogo

2.1. No desejo do encontro, o renascer

*Me vi refletida nas chamas junto a imagem de
vozinha e ali renasci...*

(Elizandra Souza)

Minha avó materna, Trindade Claudia, provavelmente faleceu sem entender o que eu fazia ou pesquisava na academia, mas também foi dela que eu ouvia a seguinte frase “eu só vou morrer depois que você se formar na faculdade”. No final do ano de 2018, eu me graduei em direito na Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e minha avó estava lá comigo. Poucos meses depois da minha formatura já contando com seus 90 anos de idade minha avó faleceu. Seu falecimento e o meu processo de luto decorrente deste me fez querer revisitar o amor na minha vida, afinal minha avó para mim era aquela que me proveu por muitas e necessárias vezes o amor que eu enquanto pessoa⁹ (GONZALEZ, 2020[1991]) precisava. Minha tia, que foi a última pessoa da família a estar com a minha avó antes de sua passagem, relata sempre com os olhos marejados que as últimas palavras da minha avó foram “me desculpa alguma coisa, eu te amo”.

O falecimento da minha avó foi o que na época eu acreditei ser a “primeira grande perda irreparável da minha vida”, tanto que dali, comecei a questionar o amor na minha vida, uma vez que eu acreditava que todo amor do mundo que poderia estar disponível para mim foi embora com ela.

Motivada por essa perda, e no processo terapêutico do luto, que o amor precisou ser revisitado na minha vida. Foi por mim, por ela, pela nossa história que eu peguei o caminho do amor e fiz uma revolução particular; tudo mudou.

bell hooks argumenta que em algum momento a morte toca todos nós e mesmo quando a dor do luto parece interminável, ser uma pessoa amorosa significa estar aberta ao luto e a dor: “A forma em que vivemos o nosso luto é informada pelo fato de conhecermos ou não o amor” (hooks 2020, p.230). Sobonfu Somé (2012) aponta que a liberação da dor é fator importante na manutenção do equilíbrio e argumenta que os rituais de aceitação da dor não só curam as feridas como também abrem o chamado para o espírito. Para a autora, o nosso futuro depende diretamente da maneira como administramos as dores e as tristezas e destaca “As expressões positivas da nossa dor são terapêuticas. No entanto, a falta de expressão da nossa

⁹ A autora mobiliza o termo pessoa para fazer uma autocrítica quando analisa a necessidade de equilíbrio do que se refere a atuação no movimento social e projetos pessoais de vida (GONZALEZ, 2018[1991], p.390)

dor ou sua incorreta gestão está na raiz da infelicidade geral e da depressão, algo que também provoca guerras e crimes” (SOMÉ,2012)¹⁰

FIGURA 1 – Foto de Trindade Claudia



Fonte: Acervo pessoal de Laysi da Silva Zacarias, 2017.

Para mim então, falar de amor implica falar também da minha avó e das coisas que aprendi com ela. Minha avó foi operária na Companhia Siderúrgica Nacional - CSN e nesse exercício perdeu significativamente a audição ainda jovem. Teve três filhos, depois que se mudara de Minas Gerais para Volta Redonda, interior do Rio de Janeiro. Minha avó criou os três filhos sem a figura paterna, com a ajuda de familiares. Não foram poucas vezes que familiares e conhecidos me contavam o quanto a generosidade e a solidariedade eram marcas das ações da minha avó. Em um apartamento pequeno de 3 quartos, o mesmo que abrigava seus filhos e sobrinhos, chegou a abrigar estranhos que não tinham para onde ir ou o que comer. Esse apartamento chegou a abrigar 20 pessoas e quem testemunhou ainda hoje não consegue entender como foi possível com poucos recursos e numa casa tão pequena aquela experiência ter sido viável. Todas aquelas pessoas nutririam lembranças e sentimentos de amor profundos pela minha avó.

Minha avó sempre foi admirada e respeitada por quem a conhecia. Uma mulher vaidosa, que cuidou de seus filhos, sobrinhos e de quem mais ela desse conta; mesmo assim a máxima dela era “saco vazio não para em pé”. Ela sempre aconselhava que precisamos nos

¹⁰ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/aceitar-a-dor-quando-banhar-se-em-lagrimas-cura-as-feridas-mais-profundas-por-aline-matos-rocha/>

cuidar primeiro e antes de tudo. Minha avó nunca buscou a perfeição, o que me permitia vê-la para além do pedestal que eu insistia em colocá-la nas minhas projeções de imaginário. Ela cuidou dela mesma e de muitas pessoas ao seu redor, mas eu não acredito que estão aí as lições de amor que eu aprendi com ela. As lições de amor que eu aprendi com a minha avó foram sobre agenciamento e liberdade, mesmo nas adversidades impostas por contextos atravessados por questões de raça e gênero. Foi sobre liderar seu próprio quilombo¹¹ ajudando a ultrapassar a maior quantidade de barreiras o quanto fosse possível; isso tudo sem perder a dimensão das pessoinhas (GONZALEZ, 2018, 2020[1991]) que somos e ainda podemos ser.

Na minha infância no interior de São Paulo, minha avó esteve presente me alimentando de amor. As condições socioeconômicas em que vivíamos empurravam todas as crianças negras ao nosso redor a começar a trabalhar muito cedo, para assim ajudar financeiramente suas famílias. Eu sempre gostei de estudar, eu ia muito bem na escola e por isso minhas notas e desempenho se destacavam. Quando me foi oferecido um trabalho de jovem aprendiz numa creche, mesmo sabendo o quanto o dinheiro ajudaria minha família, eles me deram a opção de me dedicar aos estudos, se fosse isso que eu queria. E dessa forma eles se organizariam me liberando dos afazeres domésticos ou de alguma responsabilidade em auxiliar financeiramente a partir do trabalho. Minhas obrigações dali em diante seriam brincar e estudar para o que quer que eu quisesse traçar de caminho.

Ao menos num cenário micro, naquele momento, minha família me liberou de fardos para que eu pudesse alçar voos que minha avó, minha mãe e até mesmo meu pai, na minha idade, não puderam ousar sonhar. Relembrar dessa passagem da minha vida me conecta com a similaridade com as histórias captadas pelas lentes das câmeras do documentário “Filhas de Lavadeiras”, dirigido por Edileuza Penha de Souza. Nesta produção, mulheres negras relatam o exercício de afeto que construíram e as lutas para que suas filhas e núcleo familiar, ao viver outras realidades, pudessem sonhar ir mais longe e viver condições melhores do que aquelas experienciadas até então (FILHAS DE LAVADEIRAS, 2019)

Pensar que a temática que pesquisei atravessou a minha trajetória de vida e acadêmica é sinônimo de ter meu corpo tomado por emoções profundas e diversas, ao mesmo tempo em que as memórias se apresentam. O amor, pra mim, já foi tudo e nada; hoje é uma possibilidade, dentre várias outras, de afirmar à humanidade, presença negra. Já houve momentos que eu só queria respirar e me perder neste que por anos fui levada a acreditar que seria apenas um sentimento. Outras vezes, também por engano, tomei para mim a couraça de

¹¹ Aqui quilombo é mobilizado como a forma de família estendida a partir da qual pessoas negras encontram como forma estratégia de sobrevivência.

que eu, como mulher negra, era forte demais para precisar de qualquer coisa relacionada ao amor. De tanto me falarem que ele não era pra mim, que a minha história não cabia no amor, eu acreditei. Até que eu olho para a minha negra história coletiva e percebo que não.

Olho para as minhas mãos, acaricio a minha cor até alcançar meu ombro. Paro. Inspiro e expiro, gravando um sorriso no meu rosto. Meu corpo, este que tanto neguei a ponto de um simples exercício ritual de hidratá-lo com creme tornou-se cena de uma “missão impossível”. Corpo este que ao crescer normalizou receber o afeto do abraço familiar apenas duas vezes ao ano. A partir do chamado da cura, da consciência, do amor que me vejo também nesse corpo; estou no aqui, no agora e represento a maior prova de amor que minha ancestralidade poderia ter ensinado: a da continuidade. Foram as revoluções silenciosas, mas também em alto e bons sons; foram as estratégias traçadas com a combinação da criatividade dos mais novos e a sabedoria dos griots; o olhar para dentro e para fora; o compreender as diferentes temporalidades; foram os passos deixados na areia; a sabedoria escondida das matas; foi a disputa no cenário político institucional. É por uma combinação de tudo isso que ainda estamos aqui.

Me recuso a perder mais um dia vivendo a partir das informações falsas de amor que me informam que "ele é um puro sentimento", "para senti-lo é preciso sofrer" ou "você só será feliz quando amada por outra pessoa". Quero viver o amor que me torne mais livre e não quero esperar a minha passagem para vivê-lo. Quero viver ele agora, com o que eu tenho, com os que eu tenho, nas minhas condições; mas sobretudo no aqui e no agora e apesar dos que agem para que eu não o viva. Serei meu próprio amor, a tampa da minha panela, a metade de minha laranja. Vou escrevendo histórias tortas, inacabadas, plurais, contraditórias, nas linhas retas do determinismo antinegro, para quem sabe, abrir caminhos para um outro futuro para as próximas gerações que me terão, quem sabe, como exemplo na lembrança e na memória.

Sou filha e neta de singularidades, que em ato de amor, mesmo contra as probabilidades históricas, construíram lares também como lugares de resistência e de luta pela liberdade, se privaram de muito e resistiram para que hoje eu pudesse ter o direito de escolha sobre a vida - bem como os caminhos e rumos desta. Minhas ancestrais me deram a possibilidade de ser mestra do meu destino. Deram alguns passos atrás para que eu pudesse, hoje, me preocupar em viver e não mais em apenas sobreviver. Assim, me ensinaram lições de amor nas quais cabem os sacrifícios e as novas possibilidades para uma pessoa negra ser e estar no mundo. Eu sou fruto de lições de amor dos meus ancestrais que primeiro colocaram os pés nas terras *brasilis* e daqueles que eu pude nomear de pais e avós.

Foi assim, olhando essa minha/nossa história que pude compreender que, apesar da história contada e do imaginário forjado sobre nós, a história negra muito tem a informar sobre amor numa perspectiva política. Perspectiva política esta que nos auxilia ao organizarmos para dentro ao mesmo tempo que nos prepara para o diálogo estratégico para fora. Revisitar essa história é a possibilidade de povoar nosso imaginário, não negando a dor que nos é infringida, mas de histórias amorosas capazes de nos auxiliar, como pessoas negras, a nos inscrevermos de outras maneiras no (nosso) mundo, e desse jeito nos impulsionarmos a um projeto de futuro em que as nossas autofagias não sejam a centralidade e não dê cabo a nossa dissolução.

No segundo semestre de 2019, ingressei no mestrado do Programa de Direitos Humanos e Cidadania- PPGDH (UnB) com o intuito de pesquisar a resistência de mulheres negras contra o genocídio negro brasileiro. Eu pretendia identificar as diversas formas pelas quais mulheres negras se mobilizam para impedir o aprofundamento do genocídio e dos seus efeitos na comunidade negra. O projeto foi também inspirado na minha militância contra o genocídio antinegro na Campanha Nenhuma Luana a Menos¹². Para além do cenário institucional universitário, os atos, as audiências públicas e o monitoramento das redes sociais para as mobilizações em torno do caso foram um outro momento no qual o ódio antinegro não

¹² Mulher negra, periférica, filha, irmã, mãe e lésbica: Luana Barbosa dos Reis, no dia 9 de abril de 2016, teve seu corpo brutalizado naquilo que se alega ter sido uma abordagem policial. Luana estava levando seu filho para a aula de informática quando, pela segunda vez no dia foi abordada pela polícia militar. Luana foi parada, dessa vez, próximo da sua casa e não demorou muito para a família ser avisada: “Corre, vão matar Luana”. Segundo relatos de testemunhas, os agentes militares já se aproximaram de forma agressiva, exigindo que Luana se virasse contra a parede e abrisse as pernas. Em resposta, Luana diz: “Eu sou mulher, não estou fazendo nada de errado! Quero ser revistada por uma policial”. Neste momento, os agentes policiais forçaram Luana a abrir as pernas por meio de um chute na perna e um soco no abdômen. Ela caiu, levantou-se e se defendeu das agressões dando um soco em um policial e um chute no pé do outro. Luana continuou tentando mostrar que era uma mulher, levantou a camisa. Três policiais começaram a agredi-la brutalmente com os cassetetes e o próprio capacete dela. Roseli Barbosa fez um vídeo na saída do distrito policial, no qual mostra Luana, gravemente ferida, denunciando as ameaças feitas pelos policiais que a agrediram: “Eles vai me matar, vai matar todo mundo da minha família. Vai matar todo mundo, eu vomitei até sangue”. No dia seguinte, Luana deu entrada na Unidade de Emergência do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, com febre e sintomas de AVE (acidente vascular encefálico), parte direita do corpo paralisada e hematomas por todo o corpo. O boletim médico apontou politraumatismo causado por agente contundente. Nos dias seguintes seu quadro piorou, dia 13 de abril de 2016, uma quarta-feira, Luana não resistiu e morreu. Luana e tantas outras luanas ainda são, raramente, lembradas quando da denúncia do genocídio sofrido pelo povo negro no Brasil. A dinâmica da politização do sofrimento negro tem significado a inviabilidade da condição de “vítima” a segmentos negros, em especial de mulheres negras e LBTQI+. A politização da morte de Luana denuncia uma trama complexa: ao mesmo tempo em que corpos negros são associados à reprodução da violência, é negado, a esses mesmos corpos, o direito de reclamar a violência sofrida. A “Campanha Nenhuma Luana a Menos” [por meio de denúncias, atos públicos, documentos, notas públicas ou matérias jornalísticas] investiu na dimensão narrativa da existência do ato de violência [e sua brutalidade] para aqueles não o vivenciaram ou presenciaram a sua deflagração. Nesse contexto, uma contra argumentação a imagem de Luana que era montada pela narrativa oficial da polícia para a corporação e a opinião pública estava “justificando” o acontecido. A partir de uma frente ampla de rede militante contra o genocídio antinegro que foi possível colocar mesmo que nas mídias alternativas e redes sociais uma contra imagem, contra argumentação.

tem medo de se mostrar. O ódio contrário a vida de Luana era tão grande quanto a raiva que mobilizou eu e tantas outras pessoas em apoio à uma família negra que perdeu parte de si, perda essa irreparável. Quanto mais corpos negros se contabilizam e as lágrimas dessas famílias caem, mais é possível perceber a profundidade, a complexidade e a sistemática repetição de eventos similares ao de Luana. O sentimento é de estarmos numa guerra, mas sem ter as munições necessárias disponíveis para impedir que as mortes (mesmo em vida¹³) continuem.

Recordei-me do XIII curso de atualização “A Teoria e as Questões Políticas da Diáspora Africana nas Américas”, quando o projeto da presente dissertação primeiro se desenhou em poucas palavras rabiscadas no caderno de anotações que na época eu carregava comigo. Com base na aula da professora Ana Pinheiro Flauzina e na provocação “precisamos alargar nosso horizonte revolucionário para que a resistência e o amor caibam nele”, que primeiro enxerguei a possibilidade. Num outro momento, numa troca com a irmã/colega de turma Velluma Oliveira Azevedo, ouvi “Irmã, não é sobre o ódio não, é sobre o amor”. No livro, “Utopias de nós desenhadas a sós”, de autoria de Ana Pinheiro Flauzina, mais especificamente no ensaio de nome “Genocídio”, que cada célula do meu corpo teve certeza sobre os caminhos dessa dissertação:

Foi na busca de alguma reação à altura, foi esboçando uma resposta viável a esse abate indiscriminado de gentes e possibilidades, que me percebi sem munição, sem um plano minimamente ordenado, sem o contingente necessário para dar conta da missão.

Não se confunda. Não estou aqui como uma mendiga desprovida de afeto

A necessidade do encontro que exponho não é somente claro indício das minhas frustrações pessoais. Não reivindico o amor como antídoto comercializado para a solidão. O que me interessa é usá-lo como artefato para a luta.

Pare e me ouça bem: esse é um reclame de guerra. Essa que há tanto nos une e dilacera, que nos dá gana de resistência e nos confunde com seus discursos de carnaval.

No meio de tantas perdas, de tantas trincheiras abandonadas, violo um código perigoso. Um código que prescreve o meu silêncio como um sinal de lealdade a tua dor, a nossa cor. Um acerto subentendido que, segundo melhor juízo, não deve ser rasgado sob risco de nos perdermos um do outro, de denunciarmos as nossas misérias íntimas em público. Um ajuste que sustenta que nossas fraturas internas não devem ser enunciadas sob risco de diluição do todo.

Norma distorcida, que tem sido mantida para teu benefício exclusivo.

Sabes bem o que é esse pacto da manutenção do teu ego distorcido como mal necessário, desse teu lugar de destaque como dado natural, o grande obstáculo por aqui.

Então pare de berrar e segurar meu braço! Vou falar o que penso.

¹³ A ideia de morte em vida traz a constatação que antes do resultado morte resultante do terrorismo de estado, há uma sistemática marginalização e violação de direitos para essas famílias e pessoas pelo estado. Sendo, dessa forma o resultado morte a última, mas não a primeira violação àquela vida.

Eu sei, mais um julgamento para a sua fileira de julgamentos sumários. Fique aí, não chegue perto. Uma dor me invade o peito quando te vejo assim. Bravo, acuado, se agarrando a essas ninharias para se reconhecer no mundo. Começo a vacilar. Tenho esse direito? Quero te acolher uma vez mais e dizer que vai passar. Mas dessa vez não posso. O clima hostil me obriga a atitudes drásticas. O tempo é das frases retas, dos parágrafos sem pausas. Me contorço com seu constrangimento, mas a realidade me convoca. É hora de recompor estratégias, reordenar as táticas, trabalhar para dentro, mexer em nós. Senta, você vai me escutar: chegou o tempo de nos prepararmos para o confronto. É dada a hora de falarmos de amor. (FLAUZINA, 2015, p. 15 e 16)

Minha experiência na “Campanha Nenhuma Luana a Menos” dialogava diretamente com as provocações de Ana Flauzina na poética e na aula. Provocada por ela, eu revisei na minha memória os laços de afeto, de solidariedade, de irmandade e os problemas complexos que enfrentamos enquanto pessoas de diferentes lugares, experiências prévias e expectativas que se juntavam nas mobilizações também complexas, e que nos colocou em contato próximo daquilo que mais desejamos proteger os nossos: o sofrimento constante, a perda irreparável, o trauma, a dor; do outro lado o ódio à existência de Luana e, em consequência por diversos momentos, à nossa existência. Tudo isso me informou, como argumenta Flauzina (2015), a urgência de reordenarmos as estratégias como preparação para a hora do confronto. Ao entender que reordenar as estratégias tem como exercício prévio olhar para dentro para nós, tão importante quanto visitar falar da raiva, construir possibilidades e ambiente da cura, é trazer amor para a cena. As perdas, tanto no campo pessoal quanto coletivo-político, faz redimensionarmos e atualizarmos a urgência e os lugares do amor.

No artigo “We Are Still Here: Declarations of Love and Sovereignty in Black Life Under Siege”¹⁴ (2020), Cynthia B. Dillar explora como pessoas negras continuam vivas em todo mundo em tempos de crescente violência contra nossos corpos, mentes e espírito. O cerne do argumento de Dillar é que o amor marca profundamente a vida negra no mundo todo e mais especificamente a vida de mulheres negras, pois o amor é a força motriz da nossa capacidade de sobreviver e florescer (DILLAR, 2020). A autora argumenta que em tempos em que a vida negra está em sério risco de ameaça, declarações de amor que afirmam a importância da vida negra e de amar a negritude como um lugar de soberania talvez sejam o único lugar de se viver plenamente.

A autora ressalta, a partir de histórias negras ao redor do mundo, que ainda estamos aqui, primeiro, porque definimos a nós mesmos e essa definição nos torna responsáveis por nossa comunidade. Mas que não apenas nos definimos, como o fazemos de maneiras ricas e

¹⁴ “Nós ainda continuamos aqui: declarações de amor e soberania na vida negra sob ataque”. A tradução mais correta para “under siege” seria “sobe cerco”, mas aqui escolhi por utilizar “sob ataque” por se aproximar mais dos sentidos mobilizados no artigo.

sutis que reafirmam a vida e vão muito além das definições que fizeram e ainda insistem em fazer sobre nós e por isso nossa humanidade precisa ser lida de uma forma complexa. Estamos aqui por reconhecermos que nossa história coletiva, nossa herança e espírito estão sempre presentes de forma a desafiarmos as teorias do saber e do ser. Continuaremos a desafiar o que é dito sobre nós e a reafirmar nossas verdades. As mulheres negras continuam aqui porque sabem a importância de reafirmam que raça, gênero e outras identidades sempre importam (DILLAR, 2020).

Olhar o amor a partir de perspectivas negras como uma possibilidade para além da falta, pessoalmente me levou a uma série de encontros que se refletiram nos desejos de proposições políticas e epistemológicas nos espaços nos quais estou. Nesse sentido, o amor para mim começou a se definir no meu dia-a-dia como um agir na ética do encontro, que necessariamente precisa estar presente na ação política. Minha avó, bell hooks e Lélia Gonzalez, sem dúvidas foram mentoras nesse processo inacabado, como tantas outras pessoas que atravessaram meu caminho e que ainda vão atravessar. A maturidade do amor sem dúvida requer a ação do tempo, a exposição à experiência da vida que muito tem a ver conosco em relação a nós mesmos e em relação aos outros.

Sabendo que as palavras nem sempre conseguem apreender o que os nossos sentidos experienciam no mundo fático, ofereço essa proposta de definição e de diálogo com a maturidade e consciência que tenho hoje, pedindo licença para fazê-lo ao conversar com essas mulheres que eu tanto respeito. Vejo minhas limitações pois sou pessoinha (GONZALEZ, 2018, 2020[1991]) e assim vejo elas também dessa forma. Enquanto a palavra da vida de bell hooks parece ser o amor, pois como argumenta a autora é este que está presente em toda a sua obra e todo seu fazer político (HOOKS,2017)¹⁵, a palavra da vida de Lélia Gonzalez é ação política das mulheres amefricanas.

2.2. As convidadas: bell hooks e Lélia Gonzalez

Até o momento da escrita da presente pesquisa não foram encontrados indícios de que bell hooks e Lélia Gonzalez se encontraram ou se conheceram pessoalmente¹⁶. As trajetórias

¹⁵ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/construindo-uma-comunidade-de-amor/>

¹⁶ No ano de 1984, com bolsa concedida pela Fundação Ford, Lélia Gonzalez vai para os estados para desenvolver em parceria com Tereza Cristina Araujo Costa o projeto de nome “Mulher Negra: proposta de articulação entre raça, classe e sexo”. Lélia conheceu lideranças feministas negras norte-americana como Angela Davis Dorothy Height, Queen Mother Moore, Miss Helena B. Moore. Disponível em

personais, políticas e ativistas das autoras marcam suas singularidades no mundo e muito disso também encontramos nos seus textos. São autoras que se engajaram a partir da perspectiva feminista e traçaram caminhos nos quais teoria e prática necessariamente estão juntas, uma alimentando a outra. Mesmo ainda quando não havia a pretensão de escrever essa dissertação, a leitura dos textos das autoras me remetia uma à outra. As palavras sempre foram buscadas para fazer sentido a essa conexão que eu sentia ao ler as obras delas. Buscando entre as palavras que até mesmo elas mobilizaram em seus textos, que faz jus aos seus exemplos de vida, alinhado ao lugar de ação que o diálogo entre elas inaugura: libertação.

2.2.1 bell hooks

FIGURA 2 – bell hooks



Fonte: Compilação da pesquisadora, 2021¹⁷

bell hooks por ela mesma:

Naquele tempo, quando tínhamos pequenas mercearias nas esquinas, eu estava caminhando para a mercearia tagarelando e a pessoa atrás do balcão disse: "Você deve ser a neta da Bell Hooks". E eu fui para casa e queria saber da minha mãe "Quem é Bell Hooks?" porque, é claro, a Bell Hooks já estava há muito tempo morta e ela era conhecida por ser uma pessoa de discurso inflamado. E assim, quando mais tarde, em minha vida como escritora, decidi por um pseudônimo, pensei, vou pegar o nome Bell Hooks e quando escrevi um ensaio sobre isso que diz "quando o nome

<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/do-brasil-para-o-mundo.jsp>. Em março de 1983 bell hooks defendia seu trabalho doutoral sobre dois livros de Toni Morrison na Universidade da Califórnia em Santa Cruz e no ano seguinte a autora lança o livro de nome "teoria feminista da margem ao centro".

¹⁷ Montagem a partir de imagens coletadas do site Berea College lugar que hospedou o bell hooks institute (Instituto bell hooks) via <https://www.berea.edu/tag/bell-hooks/>.

bell hooks é chamado a minha bisavó se levanta cheia de energia" (ST. NORBERT COLLEGE, 2014)¹⁸.

No início do ano de 2018, durante meu estágio de pesquisa na Universidade de Alberta no Canadá, na cidade de Edmonton, com muitas feridas ainda abertas por ter encontrado também no ambiente universitário as faces nefastas da antinegitude, ainda carregando na mala um término de relacionamento de muitos anos; era mês da história negra e as bibliotecas e livrarias da cidade de Edmonton tinham sessões de livros dedicadas à história negra. Foi num momento de curiosidade que me chamou atenção na estante um livro e as seguintes informações da capa preta com uma sutil ilustração de duas borboletas brancas voando "All about love: new visions"¹⁹, " autora de "Salvation: Black People and Love" ²⁰ Fui provocada, comprei o livro, cheguei em casa, arrumei no meu quarto as compras que eu tinha feito no dia, coloquei uma roupa quente após ter andado mais que o recomendado nas ruas cobertas de neve, fiz um chá, sentei na cama e comecei a ler o livro de bell hooks, "All About Love: New Visions"²¹

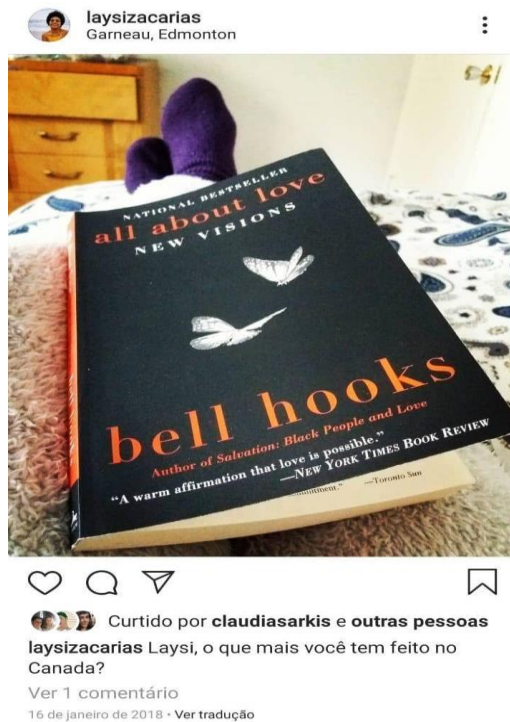
¹⁸ O texto se refere a uma fala de bell hooks em uma entrevista e por isso a carga de oralidade é maior e no momento da tradução a fala foi de certa forma padronizado a norma culta para tentar trazer o que a autora sugeriu querer transmitir. Para além dessa fala em específico em outras entrevistas transcritas na língua inglesa a autora mobiliza as mesmas expressões. Transcrição da fala: "Back in the day when we had little groceries on the corner, I was walking to the grocery and mouthing-off and the person behind the counter said: "You must be Bell Hooks's granddaughter. And I went home and wanted to know from my mother "How is Bell Hooks" because of course Bell Hooks was long dead and but she was known to be a person of fiery speech. And so when later, in my life as a writer, I decided on a pseudonym I thought, I will take the name bell hooks and when I wrote an essay about it that says "when the name bell hooks is called the spirited my great-grandmother rises" (1:35-2:12). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yVuup9zgshI&t=17s>

¹⁹ Tradução: tudo sobre amor: novas perspectivas.

²⁰ Tradução: Salvação: pessoas negras e amor.

²¹ Tradução: Tudo sobre amor: novas perspectivas.

FIGURA 3 – bell hooks e eu



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2018.

Eu lia o livro e cada frase me arrebatava. Chorei, senti tudo que uma pessoa negra precisa sentir ao se deparar com as sombras e as alegrias de uma história pessoal e coletiva que dificilmente era tida a partir do prisma do amor. Tudo que eu tinha aprendido até ali é que éramos dor, que eu era a dor e produto dela. Naquele momento, era como se bell hooks, num pergaminho que contém as informações sobre um dos sete segredos da vida, me presenteasse. Contudo, ainda não era aquela a minha hora. Veja, todas as informações que eu lia abriam feridas ainda não cicatrizadas, eu não conseguia compreender muitas daquelas informações. Compreendi que eu teria que viver outras coisas para que um dia aquelas informações pudessem ressoar em mim como algo para além da dor. Parei de ler e guardei o livro, como uma escriba que descobriu a receita do segredo da vida, mas precisou escondê-la para não cair em mãos erradas.

Voltei para o Brasil, fiz outro intercâmbio de estágio de pesquisa, mas desta vez para a Colômbia. Lá eu escrevi meu trabalho de conclusão de curso de nome “A Luta política do Movimento negro e a (não) centralidade do direito”. Hoje eu percebo que além do encontro com a categoria de amor ainda no Canadá, nos agradecimentos do meu trabalho de conclusão de curso, eu já trazia a ideia que hoje apresento em forma de dissertação de mestrado, aprendi com bell hooks, o amor cura:

a todas as minhas irmãs pretas Poliana Kamalu, Rebeka Lima Cavalcante, Inara Firmino, Jessica Benevides, Danielle Marques e Sthéfani Luane por terem me mostrado que amor de irmãs pretas cura e por terem dividido comigo a cura. O amor de vocês me curou, tantas vezes, das dores que só o racismo consegue infligir. A partir dessa cura, sigo e escrevo, nestas páginas estão vocês e estamos nós. (ZACARIAS, 2018, p.06)

Poliana Kamalu, Rebeka Lima, Inara Firmino, Jéssica Benevides, Danielle Marques e Sthefani foram companheiras na experiência do Coletivo Negro da Usp de Ribeirão Preto. Essa experiência de aquilombamento²² informou profundamente minha forma de ver e construir os afetos, e aqui não reivindico o lugar de Alice no país das maravilhas. Cada experiência vivida (as boas, as ruins e as horríveis) me informou que apesar da dor, ainda era possível nos vermos e nos tratarmos para além desses paradigmas, mesmo que a nossa presença na vida uma dos outras possa ser passageira.

bell hooks é intelectual negra, estadunidense, ativista, feminista e escritora. Gloria Jean Watkins, mais conhecida como “bell hooks”, nasceu em Hopkinsville, Kentucky no sul dos Estados Unidos em 1952, uma cidade racialmente segregada. bell hooks é viva até hoje, não tem filhos e se declara celibatária. Tem licenciatura em literatura inglesa pela Universidade de Stanford em 1973; mestrado em literatura inglesa na Universidade de Wisconsin em 1976; doutorado em literatura na universidade da Califórnia, em Santa Cruz em 1983. No ano de 1985, na Universidade de Yale, bell hooks inicia sua carreira como professora universitária lecionando sobre assuntos relacionados à questão racial, experiência que marca sua escrita (HOOKS,2020; RODRIGUES,2018).

O doutoramento de bell hooks, assinado ainda com o nome de Gloria Jean Watkins, foi finalizado com a apresentação em 1983 de um trabalho de nome “Keeping A Hold On Life: Reading Toni Morrison's Fiction”²³ sobre seus olhares e o que bell hooks reivindicou como discussão intensa das duas obras de Toni Morrison, *The Bluest Eye* (1970) e *Sula* (1973) (hooks; MCKINNON,1996). Na tese são examinados os elementos que permitiram Toni Morrison a escapar da invisibilidade que forças sociais e políticas na época relegava às mulheres negras escritoras. Neste meio também se discute as representações de mulheres negras nas duas obras com ênfase de que essas imagens eram alternativas às representações estereotipadas de mulheres negras na ficção americana da época. Ainda argumenta a tese que a representação de mulheres negras por escritores americanos era instrumento para compor

²² Aquilombamento aqui é utilizado para agrupamento de pessoas negras quem em lugares com estruturas institucionais e maioria branca se unem para se fortalecerem coletivamente e estrategicamente lidarem com as eventuais violências. É evidente aqui a influência aqui de intelectuais como Abdias do nascimento e Beatriz Nascimento (2018)

²³ Tradução: Mantendo controle sobre a vida: Lendo a Ficção de Toni Morrison

seus próprios mitos raciais e fantasias, o que resultou na criação de caricaturas. A época da tese se discutia o uso da ficção como ferramenta de recuperação de aspectos positivos da história negra sistematicamente ignorados e invisibilizados. (WATKINS,1983). Como relata bell hooks (2020):

Durante meus anos de pós-graduação, enquanto trabalhava duro para terminar o doutorado, me esforçando para manter o compromisso com a vida espiritual em um mundo que não a valoriza, eu voltava a essas lições sobre a primazia do amor. A sabedoria que elas transmitem impedia que eu endurecesse meu coração. Manter-me aberta para o amor foi crucial para minha sobrevivência acadêmica. (HOOKS,2020, p.118)

O pseudônimo adotado pela autora é em homenagem à bisavó materna, Bell Blair Hooks, uma mulher indígena (HOOKS,2019 [1992]). Adicionando a este fato a vontade de despir-se do ego associado ao seu nome, em suas escritas o pseudônimo é grafado em letras minúsculas, com o “intuito de romper com seu eu atormentado e angustiado da infância” (RODRIGUES, 2018, p. 8). Grafar o nome em minúsculas é um sinal de respeito e reverência. O pseudônimo escolhido pela autora tem uma ligação espiritual, mas também ancestral, estando ao encontro da marca de cosmovisões africanas do mundo na crença da ancestralidade: "Quando o nome bell hooks é chamado, o espírito de minha bisavó se levanta cheia de energia" (YANCY; DAVIDSON, 2009, p.223). A pessoa que bell hooks mais se recorda que mostrou para ela amor, quem ela considerava ser o amor da sua via, foi seu avô Daddy Gus, mais que tudo seu avô a aceitava do jeito que ela era (YANCY; DAVIDSON, 2009).

A infância de bell hooks foi marcada pela segregação racial, ela escreve seu primeiro livro aos 19 anos, mais tarde escrevendo sobre “gênero, raça, ensino e a importância da mídia para a cultura contemporânea” (LINO, 2014, p.19), bem como memória, poemas, literatura e espiritualidade - em relação aos quais a autora destaca a importância de não serem tratados de forma separada, mas sim conjunta. bell hooks conta também que iniciou um relacionamento quando tinha 19 anos e que apesar de não ter se casado, ela imaginou que ficariam juntos para o resto da vida. Ainda assim, quando ela chegou na meia idade, ao sentir que não conhecia o verdadeiro amor, bell hooks resolveu deixar a relação para trás (HOOKS, 2003). Juntamente com suas experiências afetivas que a instigaram a pensar sobre amor na sua vida, são das figuras e na representação dos relacionamentos em sua própria família durante sua infância e adolescência, que bell hooks vai partir para suas análises sobre amor em geral e, posteriormente, especificamente a importância deste na vida de pessoas negras. Em seu

primeiro livro mais geral sobre amor, a autora destaca que a experiência de perda inesperada de amigos jovens a fez também pensar sobre o “sentimento” (HOOKS, 2000). O desejo da autora era conhecer o significado do amor para além da armadura da fantasia, o desejo de conhecer as verdades do amor de acordo com o que se vive.

Ao ser prestigiada por sua produção de conhecimento nas áreas da educação, crítica cultural e social, bem como o feminismo, a própria autora reivindica a centralidade do amor em todas essas produções. Nesse sentido, também argumento a importância de nos aprofundarmos no entendimento da categoria de amor proposta por ela, uma vez que esta é central para compreender todo o restante das obras da autora.

Para mim, todo o trabalho que faço é construir uma base de compaixão amorosa (loving-kindness). O amor ilumina as questões. E quando escrevo críticas sociais e culturais provocativas que desafiam as mentes dos leitores a pensar além dos paradigmas estabelecidos, penso nesse trabalho como amor em ação. Enquanto pode desafiar, perturbar e às vezes assustar ou enraivecer os leitores, o amor é sempre o lugar onde começo e termino. (HOOKS,2017)²⁴

Para falar de amor a autora vai do Rap ao budismo. Os trabalhos de bell hooks na temática do amor trazem um latente fundo religioso. O despertar para o amor, argumenta ela, também é um despertar espiritual. A espiritualidade foi importante para a autora pois representou suporte de resistência crítica ao racismo e à opressão que contribuiu para o seu reconhecimento pessoal e bem-estar num contexto de criação de uma sociedade racialmente segregada (YANCY; DAVIDSON, 2009). Ao mesmo tempo que para falar de amor ela vai lançar mão da figura de anjos, de passagens e ensinamentos bíblicos ou até mesmo de suas memórias de pessoa que teve parte da sua vida acompanhada por uma educação familiar cristã. Além disso, parte de sua reflexão sobre a temática vai ser acompanhada por reflexões advindas do budismo.

Durante a faculdade, a autora começou a estudar budismo e o misticismo islâmico, e a partir desse estudo a autora escolhe seguir o caminho de Zen Budismo como forma de curar as feridas da alma pela mente, com um foco no presente, na meditação, no amor a si própria e aos outros. A autora ainda destaca que foi importante para a decisão dela a natureza não dualista do budismo, que abarca tanto a possibilidade de articulação das dimensões físicas e espirituais da vida quanto a possibilidade de conectar espiritualidade e política. Aqui ainda são referências importantes para a autora que aparecem em sua escrita Trungpa Rinpoche e Thich Nhat Hanh (YANCY; DAVIDSON, 2009).

²⁴ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/construindo-uma-comunidade-de-amor/> .

A autora relata que foi escrevendo sobre teoria feminista que ela começou a pensar profundamente sobre amor em relação à dominação, uma vez que até o fim de sua adolescência o que ela pensava sobre amor envolvia amor romântico e familiar. Uma das experiências que marca a trajetória e a escrita de bell hooks é a sua vivência no Sul racialmente segregado dos Estados Unidos. Nesse sentido ainda, sua escrita também vai sofrer influência de pensadores e ativistas pelos direitos civis dessa época. Também engajada nas mobilizações por direitos civis, bell hooks traz para seus escritos a busca pela justiça, a luta contra as injustiças sociais e questões relacionadas ao problema do prejuízo de gênero. A partir de sua experiência, a autora relata conseguir encontrar em todos os movimentos por justiça social o amor tendo um papel importante ao instaurar uma ética. Nesse meio, a obra de bell hooks vai ser atravessada por duas questões centrais: a questão da representação e o amor como a solução capaz de dar conta para esse problema da representação. A questão da representação na obra de bell hooks tem forte vínculo com o trabalho da autora como crítica cultural bem como com sua atuação como educadora e palestrante. A argumentação de bell hooks é que as representações de pessoas negras na televisão, no cinema, bem como no sistema educacional estadunidense, trazem imagens e estereótipos negativos que forjam o imaginário de pessoas negras que vão ser internalizados tanto por pessoas negras quanto por pessoas não negras. Mas o resultado desses estereótipos quando internalizado por pessoas negras resulta no auto ódio, baixa estima.

Dá também vem a forte influência de Martin Luther King nos escritos da autora:

Durante meus primeiros anos na faculdade, a mensagem de amor de Martin Luther King como o caminho de acabar com o racismo e curar as feridas da dominação racial tinham começado a ser substituídas por um movimento black power que enfatizava resistência militante. Enquanto King havia pedido por não-violência e compaixão, este novo movimento nos pedia para endurecer nossos corações, para entrarmos em guerra contra nossos inimigos. Amar nossos inimigos, os líderes militantes nos disseram, nos fazia fracos e fáceis de subjugar, e muitos viraram as costas para a mensagem de King (HOOKS,2017)²⁵

Cornel West, filósofo, intelectual negro estadunidense é amigo da bell hooks é uma das referências da autora para pensar amor enquanto ética, sendo famosos os seus diálogos na temática. Os dois se encontraram enquanto atuavam como professores na Universidade de Yale, e a partir daí surgiu uma parceria frutífera que faz com que eles se coloquem em diálogo e colaboração para suas construções teóricas²⁶. Os dois têm uma obra colaborativa do ano de

²⁵ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/construindo-uma-comunidade-de-amor/>

²⁶ https://www.youtube.com/watch?v=_LL0k6_pPKw&t=305s

1991 de nome “Breaking Bread: Insurgent Black Intellectual Life”²⁷. Os autores argumentam que através de uma política de conversão (a saída das políticas de inimizade), o mundo tal qual conhecemos, que carece de amor, com tanta violência, dominação e opressão, pode ser transformado num mundo onde a ética do amor, como proposta por Martin Luther King, seja um privilégio (YANCY; DAVIDSON, 2009).

A autora ainda se engajou com o trabalho do educador brasileiro Paulo Freire, e a partir disso oferece para a pedagogia crítica a necessidade de uma metodologia tipicamente feminista para este campo (YANCY; DAVIDSON, 2009). Seguindo a ideia dialética de opressor-oprimido de Freire, bell hooks, aplicando a sua avaliação de como funciona o patriarcado nas comunidades negras estadunidenses, argumenta que é na esfera doméstica entre homens e mulheres negras que seria possível identificar a dialética senhor-escravo, uma vez que essas duas figuras mediam relações de poder desiguais. Apesar de argumentar que o poder patriarcal é um privilégio de todos os homens em nossa sociedade, independentemente da cor ou raça, a autora não antagoniza com homens negros e muito menos os identifica como as “fontes primárias” da exploração e dominação (YANCY; DAVIDSON, 2009.p. 20). Ainda segundo a autora, é o patriarcado que força homens negros a terem vergonha de cuidar de sua comunidade, bem como os nega uma vida emocional que poderia ser uma força humanizadora (HOOKS, 2014 [1981]). Apesar de ter feito uma crítica da linguagem sexista utilizada por Paulo Freire, foi também o trabalho do autor que proporcionou que a autora voltasse a acreditar na educação libertadora que pressupõem a mudança dos paradigmas tradicionais de educação (YANCY; DAVIDSON, 2009).

No prefácio da edição brasileira do livro “Olhares negros: raça e representação”, Rosane Borges (2019) destaca que o livro incide em dores próprias da modernidade - o sentimento de terríveis outros não contemplados por uma concepção de humano - e nos oferece uma cura. A autora identifica uma guerra travada na ordem do imaginário, das imagens e dos signos. O que bell hooks propõe é evidenciar o caráter traumático da escravidão, trazer a relação permanente entre representação e dominação, e oferecer uma transformação dessa representação a partir do exercício revolucionário de busca pela liberdade que pressupõe desobediência (BORGES,2019).

²⁷ Tradução: Dividir o pão: Vida intelectual negra insurgente

2.2.2 Lélia Gonzalez

FIGURA 4 – Lélia Gonzalez



Fonte: Compilação da pesquisadora, 2021²⁸

Lélia Gonzalez por ela mesma:

A barra é pesada. Eu sou uma mulher nascida de família pobre, meu pai era operário, negro, minha mãe uma índia analfabeta. Tiveram dezoito filhos, e eu sou a décima sétima. E acontece que nessa família todos trabalhavam, ninguém passava da escola primária, mesmo porque o esquema ideológico internalizado pela família era este: estudava-se até a escola primária e, depois, todo mundo ia à batalha em termos de trabalho pra ajudar a sustentar o resto da família. Mas no meu caso o que aconteceu foi que, como uma das últimas, a penúltima da família, já tendo como companheiros de infância os meus próprios sobrinhos, a visão de meus pais com relação a mim já foi uma visão de neta, praticamente. Então eu tive oportunidade de estudar, fiz jardim de infância ainda em Belo Horizonte, fiz escola primária e passei por aquele processo que eu chamo de lavagem cerebral dado pelo discurso pedagógico brasileiro, porque, à medida que eu aprofundava meus conhecimentos, eu rejeitava cada vez mais a minha condição de negra. (GONZALEZ,2020[1980], p. 286)

Lélia Gonzalez é uma intelectual, militante, professora universitária, feminista negra brasileira, que falece no ano de 1994 no Rio de Janeiro, deixando um filho afetivo Rubens Rufino. Filha de um pai ferroviário e mãe indígena empregada doméstica, nascida em Minas Gerais em 1935, Lélia foi a penúltima numa família de 18 filhos. A família mudou-se para o Rio de Janeiro em 1942, quando o irmão de Lélia, Jaime Almeida, começou a carreira de jogador de futebol no Flamengo. Lélia é uma das figuras históricas mais importantes do movimento social negro e do movimento de mulheres negras hoje no Brasil. Apesar de ter

²⁸ Montagem a partir de imagens coletadas no site Projeto Memória Lélia Gonzalez: o feminismo negro no palco da história via <http://www.projeto memoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/#conteudo>

sido invisibilizada pela academia, existe um movimento encabeçado por acadêmicos e acadêmicas negras para que o pensamento dela seja valorizado e incorporado nas produções científicas da mesma forma e nível de importância que outras figuras tidas como intérpretes do Brasil (BARRETO, 2018).

Meu primeiro encontro com os textos de Lélia foi já na graduação em direito na Universidade de São Paulo, mais especificamente tentando trazer epistemologias negras para direcionar as ações da assessoria jurídica popular em que eu atuava. Me fascinava como aquela mulher também negra conseguia de uma forma irreverente falar para seu povo e ainda dialogar com os cânones de sua área, de forma, no meu entendimento, a fissurar ele. Não demorou muito tempo para já em casa, relatar para os meus pais que na juventude militaram informados pela atuação do movimento social negro no estado do Rio de Janeiro o quão fascinada eu estava com a leitura dos textos dela e com a personalidade dela. Foi bonito de ver no rosto dos meus pais a alegria por eu estar estudando, já na faculdade, aquela figura do movimento negro que eles tiveram oportunidade de ouvir de perto tanto no Instituto de Pesquisa das Culturas Negras-IPCN²⁹, quanto em andanças de Lélia por outras cidades do Estado do Rio. Nesse momento, meu pai ainda relatou que em uma ocasião, ainda na cidade de Volta Redonda-RJ, foi ele incumbido de recepcionar Lélia na rodoviária, ela que vinha para uma reunião. Minha mãe me relatava com os olhos brilhando o quanto era poderoso ver e ouvir Lélia Gonzalez falar. Não havia dúvidas de que ela não só atravessou o caminho deles, como também deixou sua marca.

Ao estudar a realidade cultural-política brasileira, bem como voltar seus olhos para dentro do movimento negro, Lélia sempre nos brinda com visões apuradas sobre a realidade e alinha suas provocações e pensamentos epistêmicos à realidade vivida. Por isso, não à toa ou sem motivo, seus textos são embebidos de relatos sobre sua experiência, a experiência comum com a população negra e com mulheres negras. Trazendo seu vivido para o texto, Lélia evidencia o quanto este informa o político. Lélia fez da ação política a linha que atravessava tanto a sua trajetória de vida, quanto a sua obra. A mulher irreverente e de sorriso fácil (GONZALEZ, 2018), mudou ontem e hoje a nossa forma de compreender a ação política de pessoas negras.

Quando falo de experiência, quero dizer um processo de aprendizado difícil na busca de minha identidade como mulher negra dentro de uma sociedade que me oprime e me discrimina justamente por isso. Mas uma questão de ordem ético-política prevalece imediatamente. Não posso falar na primeira pessoa do singular de algo

²⁹ Ver mais em “Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos “ de Petrônio Domingues.

dolorosamente comum a milhões de mulheres que vivem na região; refiro-me às ameríndias e amefricanas, subordinadas a uma latinidade que legitima sua inferioridade. (GONZALEZ, 2020, p.140)

A formação de Lélia compreende bacharelado e licenciatura em História, Geografia e Filosofia na hoje conhecida como Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ (anteriormente Universidade do Estado da Guanabara). Na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, foi onde a autora realizou mestrado em Comunicação, enquanto o doutorado foi na área de Antropologia Social na Universidade de São Paulo - USP. Sua atuação enquanto professora universitária começou em 1963 na Faculdade de Filosofia de Campo Grande (FEUC), tendo também lecionado na Universidade Gama Filho e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), bem como ter exercido cargos administrativos em outras universidades (RATTS; RIOS, 2010)

Ao apresentar o seu vivido na afetividade, Lélia relata que era uma pessoa “tímida e altamente reprimida”, que teve poucos relacionamentos, sendo o primeiro namorado negro que morava num subúrbio e depois teve um namorado branco; mas que foi namorar de verdade muito depois (VIANA, 2006). Lélia primeiro se casou com Luiz Carlos Gonzalez no ano de 1964, dois anos depois de se formar em Filosofia pela Universidade Nacional da Guanabara. Carlos, seu colega de curso na filosofia, foi descrito por ela como “um homem branco, sofrido e uma pessoa problemática”. A família de Carlos foi contra o casamento dos dois em uma “campanha violentíssima e de baixo nível”, que muito ilustrava o racismo na época - “pode até ter um caso com uma mulher negra, mas não casar”. Um dos pontos dessa relação foi o marido tomar a decisão de romper com a família devido ao cenário instaurado. No ano de 1965, Luiz Carlos comete suicídio, mas Lélia mantém o nome “Gonzalez” em homenagem a esse homem que foi tão importante em sua vida. A figura de Luiz Carlos na vida de Lélia é descrita pela autora em entrevistas como fator importante para seu entendimento enquanto uma mulher negra, e também é a partir dessa relação que Lélia começa a perceber sutilezas escancaradas do racismo no Brasil.

Mesmo depois da experiência traumática com a família de Luiz Carlos e o caso de suicídio, ainda que Lélia fosse mais resguardada quanto a falar de sua infância e sua família, ela continuou falando sobre seus amores (VIANA, 2006). Lélia ainda teve um segundo casamento no final de 1960 com Vicente Marota, um “mulato” de pai branco e mãe negra que até tinha ideologia de classe, mas que segundo a autora, não gostava de preto. Lélia relata que eles ficaram juntos durante 5 anos, mas destaca a contradição: ele procurava fugir de si

próprio enquanto ela estava buscando a si mesma (GONZALEZ, 2020)³⁰. Nesta busca por si mesma, Lélia fala da importância de ter ido fazer psicanálise, e conseqüentemente buscar o candomblé como forma de voltar às suas raízes e origens, sendo o seu organizador psicossocial (RATTS; RIOS, 2010).

Somando-se a outras intelectualidades negras, Lélia Gonzalez escreve num contexto em que o movimento social negro se coloca fortemente na disputa da arena política nacional brasileira. Confrontar o mito da democracia racial foi parte essencial do trabalho de homens e mulheres negras, bem como aliados, que produziam pesquisas e dados, mostrando que a imagem do Brasil que se vendia no cenário internacional, não tinha lastro com a realidade enfrentada pela maioria de sua população diariamente. As críticas foram feitas tanto no cenário externo quanto interno uma vez que era necessário disputar a narrativa histórica que se contava sobre a formação brasileira tanto nos campos culturais quanto políticos.

Na sua obra, Lélia Gonzalez não só faz uso como também busca a reflexão com e a partir de pensadores e pensadoras do Brasil, dos Estados Unidos, da Europa, da América Latina e do Caribe. São nos diversos contextos da diáspora negra que a autora vai buscar similaridades e desenvolver explicações comuns para abordar o racismo. Nesse processo, a recuperação de estratégias de resistência de mulheres negras e indígenas ganhou atenção especial da autora. Ela buscava essas mulheres e as registrava como protagonistas e sujeitas históricas (CARDOSO, 2014). A interdisciplinaridade vai acompanhar o campo do pensamento inaugurado por Lélia, vai ser marca da sua irreverência e também, talvez, explique porque a autora conseguiu aprofundar seu entendimento sobre as relações políticas e culturais do Brasil.

A psicanálise, aqui nos interessa, por também ter sido uma das referências de bell hooks para pensar a categoria de amor, uma referência advinda da Europa, foi recorrida por Lélia ao mesmo tempo que incorporada às suas reflexões para, segundo Clélia R. S. Prestes (2018), analisar a cultura brasileira e a formação da identidade em um contexto de sexismo e racismo ao passo que, segundo Flávia Rios e Márcia Lima (2020), ela é incorporada nas reflexões sobre a cultura de dominação e subversão que seria especialmente vista no âmbito da linguagem. Lélia foi membra fundadora do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (BARRETO, 2005) e na psicanálise Lélia vai acompanhar principalmente as linhas de Jacques Lacan e Sigmund Freud. Além destes, podemos destacar M. D. Magno e Betty Milan, que auxiliaram a difusão desse campo de conhecimento no Rio de Janeiro (RIOS; LIMA, 2020).

³⁰ Entrevista Pasquim

Do conjunto de produção intelectual de Lélia, ou campo de conhecimento por ela inaugurado, destacam-se as três abordagens: decolonial, interseccional e psicanalítica (RIOS; LIMA, 2020). Flavia Rios e Marcia Lima (2020) destacam o processo histórico dinâmico que podemos perceber na categoria de amefricanidade que foi cunhada por Lélia Gonzalez, pois ela nos aproxima de outras categorias políticas culturais, bem como processos políticos internacionais. Segundo as autoras, a própria dinâmica que trata a categoria é marca que distingue o pensamento de Lélia Gonzalez: adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas (RIOS; LIMA, 2020, p. 20).

A categoria da amefricanidade nos oferece a possibilidade de compreender as formas em que o racismo se apresenta na constituição do estado brasileiro, suas instituições e também seus reflexos nas relações intersubjetivas atravessadas por fatores de gênero sexualidade, classe, capacitismo, pertença religiosa, etc (PIRES, FLAUZINA, 2020b). É também da perspectiva dessa categoria que compreende Thula Pires (2020b), o convite a um exercício minucioso de nomeação e provincialização do nosso lugar e pré-compreensões conceituais, ao mesmo tempo que podemos descrever e diagnosticar as violências estruturais e sistêmicas herdadas do período colonial (FLAUZINA; PIRES, 2020b).

A marca do pensamento e da mobilização política de Lélia, que podemos bem ver na categoria da amefricanidade, nos informa ações que podem ser mobilizadas em estratégias empreendidas no campo político, no campo acadêmico e em qualquer outro campo que a criatividade nos permitir sermos informados por essa forma de inscrição no mundo. Foi num discurso na Assembleia Nacional Constituinte, que Lélia Gonzalez relaciona o amor à luta política empreendida contra o racismo no Brasil (GONZALEZ, 2020 [1987]). Ela nos permite a intervenção crítica sem que o exercício desta necessariamente nos leve a cair nos termos do sistema. A amefricanidade, ao informar nossas opções em qualquer campo de disputa em que nós propomos fazê-la presente, nos impulsiona a ir além.

Mergulhar-nos no universo de Lélia Gonzalez, como aponta Al Eleazar Fun (2018), significa encontrar arsenal para temas que até hoje nos angustiam. Mais que procurar e desenvolver explicações similares para abordar o racismo nos contextos diversos, Lélia trabalhou para recuperar as estratégias de resistência de mulheres negras e indígenas (CARDOSO, 2014). Lélia se destacou da intelectualidade da sua geração, dentre outras características, por evidenciar as formas de resistência negra que também estavam presentes no cotidiano e que não eram até então facilmente tidas como insurgentes (RIOS; LIMA, 2020).

3 O Amor e o que dizemos sobre ele

3.1 A delícia de ser quem somos: a potencialidade e a complexificação teórica das perspectivas negras

Não, esse não é um reclame de amor, foram as batalhas que me despertaram a necessidade de falar de nós.

(Ana Flauzina)

A experiência negra quando analisada, como bem identificado pela intelectualidade, tem oferecido uma série de deslocamentos sobre as representações da realidade que auxiliam o melhor entendimento da complexidade do mundo que nos cerca, mas sem a nossa exclusão dele. As perspectivas negras sobre a economia, as relações sociais, ciência, medicina, história, filosofia, sociologia, direito, ciências sociais; nos oferecem tanto descobertas quanto nos brindam com novas perspectivas. Apresentar aqui um recorte das perspectivas negras sobre o amor, nos auxilia a situar o debate e a localizar o que o diálogo proposto no presente trabalho propicia encontros e avanços.

No texto “Literatura e Identidade” (2018 [1987]) que foi escrito para o II Perfil de literatura Negra- Mostra Internacional de São Paulo, Beatriz Nascimento fala sobre a imagem do negro na literatura. No texto, a autora tece uma crítica sobre a obsessão literária em descrever o amor sempre como o interracial, trazendo a dimensão de que poucas são as obras que trazem amor entre negro e negra e quando o trazem, é simplesmente uma relação que se dá pela necessidade da subsistência e não tendo o prazer como plano de fundo. A autora ainda destaca que o afeto do homem negro é frequentemente descrito preferencialmente se direcionando à mulheres brancas, ao passo que o afeto do homem branco se direciona para a mulher negra (escrava, babá, empregada) ou a mestiça (mulata, padrão de eroticidade). A autora entende que essas buscas estão mais ligadas à representação do desafio do outro, do que ao encontro pleno com o mesmo, o que sempre ficticiamente empreende uma relação de submissão (NASCIMENTO, 2018 [1987]).

Beatriz Nascimento, no texto “Mulher Negra e amor” (2018 [1990]), desloca o imaginário que liga a mulher negra a um estado conectado estreitamente à representação sexual. A autora parte da temática amor neste texto tendo como base histórias de vida e a observação de aspectos da afetividade de mulheres frente às relações heterossexuais. Enquanto a mulher submetida em relações de poder com o sexo oposto, ela também é colocada num contexto de violência que nega sua autoestima. A autora então destaca que é

em um contexto de desvantagem que se encontra grande parcela da população feminina, o que repercute em relação ao outro sexo e traz a falta de paridade. Beatriz Nascimento ainda destaca que essas relações são marcadas pelo desejo amoroso de repartir afeto da mesma forma que os bens materiais. Ao trazer especificamente a experiência de mulheres negras, a autora fala sobre questões relacionadas às dificuldades advindas de padrões estéticos femininos centrados no ideal de embranquecimento que resultam em "trânsitos afetivos extremamente limitados", empurrando mulheres negras a permanecerem solitárias ou a ligar-se a alternativas em que os laços de dominação não podem ser afrouxados. Nesse sentido, argumenta a autora que nos contextos em que se encontram, cabe às mulheres negras desmistificar o conceito de amor, trazendo este como dinamizador cultural e social, o envolvendo também na atividade política de forma a se buscar mais a paridade entre os sexos que a igualdade iluminista. Nesse sentido, é preciso ainda, argumenta a autora, rejeitar a fantasia da submissão amorosa e deste exercício:

pode surgir uma mulher preta participante, que não reproduz o comportamento masculino autoritário, já que se encontra no oposto deste, podendo assim, assumir uma postura crítica intermediando sua própria história e seu ethos. Levantaria ela a proposta de parcerias nas relações sexuais que, por fim, se distribuiria nas relações sociais mais amplas. (NASCIMENTO, 2018 [1990], p.356)

Beatriz Nascimento (2018 [1990]) nos lança provocações de querer pensar o que até hoje temos considerado como conceituação de amor nas vidas das pessoas negras e como estes conceitos de diversas formas estão ligados às ideias de necessidade de submissão. Mais que isso, faz pensar também que as fantasias mais profundas e românticas forjadas sobre o conceito de amor que se relacionam à submissão vão de encontro a necessária busca de paridade entre os sexos. Talvez foi por ter visto a potencialidade em pensar essas desmistificações no âmbito mais íntimo que Beatriz propõe que o debate seja ampliado e levado tanto sua reflexão quanto exercício para o cenário cultural, social e político. Beatriz, conseguindo ver a figura da mulher negra para além de onde nos colocaram, o prisma da sexual, nos possibilita vislumbrar possibilidades disruptivas. Dessa forma, seguindo esse exercício podemos subverter a forma que nos vemos, a forma que nos relacionamos (sejam estes vínculos íntimos ou políticos). Seguindo os prismas oferecidos por Beatriz, o amor inaugura uma série de debates dos quais os frutos poderiam ser cenários mais justos.

Na tese de doutorado intitulada "Cinema na Panela de Barro Mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade." (2004), apresentada ao Programa de Pós- Graduação

em Educação da Universidade de Brasília (UnB), Edileuza Souza desenvolveu junto a um grupo de doze mulheres congueiras e paneleiras, trabalhadoras moradoras do bairro Goiabeiras Velha, localizado em Vitória, Espírito Santo; um trabalho sensível, delicado, da mesma grandeza de sua potência e importância, ao trazer os sonhos e desejos de mulheres maduras sobre o amor. Este fato é interessante porque “O não sofrer por amor só é possível com a maturidade” (SOUZA, 2004, p.19). A autora traz o cinema, mitologia yorubana, epistemologias negras e o vivido concebido para nos oferecer concepções tão maduras quanto políticas sobre o amor:

à medida que subimos a ladeira nos damos conta de que histórias de amor não são perfeitas, nem mesmo no cinema, onde toda ficção é possível, nem tampouco na vida real, onde muitas vezes descobrimos que a convivência, o dia a dia e a rotina transformam príncipes encantados em sapos. Muitas vezes, quando a realidade e, sobretudo o amadurecimento, nos faz ver que a vida não é um conto de fadas, admitimos as nossas imperfeições, como também reconhecemos a imperfeição da pessoa amada. De braços e coração abertos, recorremos e apelamos a um repertório infinito de canções, pois como disse Cartola, “o mundo é um moinho (SOUZA,2004, p.18-19)

Edileuza Penha de Souza (2004) nos presenteia com um desses trabalhos tão leves quanto o suspiro, respiro que oxigena todas as suas células ao mesmo tempo em que sua consciência te faz perceber uma pessoinha frente à história de uma outra pessoinha (GONZALEZ,2018, 2020 [1991]). Mais que isso, nos interessa aqui a concepção de amor que a autora construiu na sua tese, que segundo a mesma foi uma concepção de amor que abarca mulheres negras e que se define a partir do amor e também de nossas identidades, corpos, memórias, territórios e territorialidades (SOUZA,2004). Dessa forma ainda, segundo a concepção da autora, no que concebemos ser amor, poderão estar as conjunções de nossas experiências familiares, individuais e/ou coletivas. São estes também que sustentarão aqueles que frustrados não conseguirem alcançar o amor. Ainda em seu trabalho de doutoramento, a pesquisadora encontrou tanto histórias de amor quanto de dor, o que de alguma forma se alinhava com a ideia de que pessoas negras são tão constantemente violentadas que chegam a acreditar que não nasceram para amar ou serem amadas (SOUZA, 2004). Da série de deslocamentos oferecidos no estudo sobre as concepções de amor, e o primeiro deles que aqui queremos lançar luzes é: amor não rima com dor. Já o segundo deslocamento é a crítica do amor romântico presente no cinema como aquele heterossexual e branco.

Na dissertação de mestrado em psicologia social de Clélia Rosane dos Santos Prestes, de nome “Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras. Resiliência em mulheres

negras: transmissão psíquica e pertencimentos” (2013), a psicóloga escreve considerações interessantes a serem observadas entre as relações de mulheres negras e o amor. A autora traz a complexidade em que se dá essa relação uma vez que, por mais que mulheres negras tenham demandas de amor, elas também estão em constante alerta para evitar que novos ataques alcancem feridas ainda abertas. Nesse sentido, a vivência do amor é um ato de resistência para mulheres negras uma vez que esta exige a dissolução dessas complexidades e subversão dos imaginários de lugares sociais reservados a elas. Sobre todas essas complexidades, a autora destaca:

É complexo abrir-se para as figuras sociais que anteriormente rejeitaram e que repetidamente acessam privilégios sexistas e racistas em contrapartida de prejuízos delas. É complexo também encontrar lugar na vida de uma mulher que, acostumada ao enfrentamento diário, torna-se fática e treinada para conjugar o verbo cuidar frequentemente como sujeito. É complexo participar de uma vida temperada por tantas exposições a vulnerabilidades e violências simbólicas. Complexo ainda, diante de tantas lutas por empreender e pessoas por cuidar, encontrar espaço e permissão para vivenciar o amor. (PRESTES, 2013, p.153)

A complexidade descrita por Clélia Prestes (2013), ainda chama atenção porque o assunto amor pressupõe uma aposta e também estarmos abertos para olhar para dentro. Essa abertura que talvez pressuporia de alguma forma, num imaginário, se abrir mostrando assim suas vulnerabilidades porque um dia desejou receber amor, mas que em resposta escolheu acessar os privilégios sexistas e racistas, ferindo assim não só as expectativas como também o desejo. Para figuras que se sentem e estão fatidicamente sendo vulnerabilizadas e expostas à sistemáticas violências simbólicas, o amor ensinado como o sentimento que te faz abrir mão de si para o outro totalmente irracional; se torna sinônimo de uma maior vulnerabilidade.

Ana Luiza Pinheiro Flauzina no seu livro de poesias “Utopias de nós desenhadas a sós” (2015) traz as diversas faces da realidade negra que nos convoca a revermos bem como a recalibrar, a fim de minar autofagias que persistem nos percursos de movimentos revolucionários pela libertação negra. No livro são abordados a partir da ótica do amor, tanto episódios que são tidos como privado (ex. relacionamentos amorosos), quanto aqueles de âmbito público (ex. luta política negra contra o genocídio). Nos dois âmbitos há o convite para a politização e amor porque na vida fática, público e privado se fundem. Especificamente no poema intitulado “Genocídio”, Flauzina encara um álter ego que se vê no meio de uma guerra racial. Todos os seus ao seu redor estão sendo abatidos e ela não vê mais o que fazer a não ser aceitar a guerra, compreender que exército algum é convocado no ódio e reclamar o amor frente ao abate das nossas possibilidades enquanto povo para que possamos olhar para

dentro e nos organizar para fora: “É hora de recompor as estratégias, reordenar as táticas, trabalhar para dentro, mexer em nós. Senta, você vai me escutar: chegou o tempo de nos prepararmos para o confronto. É dada a hora de falarmos de amor” (FLAUZINA,2015, p.16).

A partir das provocações de Flauzina (2015) podemos pensar nas diversas autofagias que minam as possibilidades de agência negra. Essas autofagias podem ser entendidas tanto no nível interpessoal quanto no nível organizativo negro. Na primeira percepção podemos nos aprofundar no entendimento da urgência de politizarmos o amor para entendermos pessoas negras como mais que as representações prejudiciais que fazem de nós ou até mesmo analisarmos as reais dimensões do racismo internalizado que dá sequência no auto ódio. Já na segunda percepção somos convidados a pensar nas violências internas que nos desmobilizam seja porque fazem parte de questões da ordem do gênero, da sexualidade, identidade de gênero, classe social, etc. O convite aqui é para sermos mais do que eles fizeram da gente, retomarmos nossa agência tendo o amor como o fato político que nos leva a enxergarmos uns aos outros no espelho de uma forma que a imagem refletida não seja insuportável de ser sustentada (FLAUZINA,2015). Essas provocações vão num sentido semelhante aos feitos por Lélia Gonzalez (2020[1991]):

A gente percebe que existem algumas exigências éticas para dentro do movimento, e que o movimento negro ainda não tomou consciência delas. Eu acho isso. Essa coisa da solidariedade é fundamental. Falo de uma perspectiva ética, evidentemente, mas estou apontando para o político. É essa solidariedade que vai permitir que você não se envolva com as formas de cooptação que vêm de fora. Então a gente percebe que isso leva a essa falta de perspectiva de implementação de uma prática política e de um trabalho efetivo, concreto, visando esse futuro aí. A gente nota que determinados quadros, que são pessoas assim que têm uma competência, uma capacidade, se deixam levar pelas propostas de cooptação que vêm da parte do sistema. Então você se vê numa espécie de beco sem saída, porque de repente você está levando uma porrada aqui e eu não te ajudo, porque eu estou comprometida com a minha cooptação (GONZALEZ, 2020[1991], p.328-329).

No artigo teórico “Políticas do Amor e Sociedades do Amanhã” (2019) os professores Vinicius Rodrigues Costa Silva e wanderson flor do nascimento, com base principalmente em bell hooks, Achille Mbembe e Sobonfu Somé, discutem o contexto em que vivemos de constante perigo à vida negra, caracterizada pelo genocídio negro, sob o nome de sociedades da inimizade, um conceito de Achille Mbembe. No contexto apresentado, os autores discutem a proposta de mudança dessa sociedade da inimizade para uma sociedade do amanhã, que possa ser guiada pelo espírito como a proposta de Sobonfu Somé. A política do amor, como proposta por bell hooks, seria aquela capaz de converter as sociedades de inimizade em sociedades do amanhã. Estas sociedades não serão baseadas na dominação ou no ódio à

negritude, mas sim na comunhão e na humanização de nós mesmos e dos outros. Enquanto vidas negras parecem não importar em sociedades da inimizade, elas passam a realmente importar nas sociedades do amanhã (SILVA; NASCIMENTO,2019).

No livro “Dengos e zangas das mulheres-moringa: Vivências afetivo-sexuais de mulheres negras” (2020) que é uma versão da tese de doutorado, defendida em 2019 no Programa de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), Bruna Cristina Jaquetto Pereira escreve sobre gênero e raça, afetividade e sexualidade trazendo a discussão que tem por base os efeitos do racismo sobre a afetividade negra e como este resulta na “solidão da mulher negra”. O argumento central do trabalho é que o desejo e o afeto estão entrelaçados às hierarquias sociais de gênero e raça. As mulheres negras de diversas faixas etárias e classes sociais entrevistadas pela acadêmica, nos confidenciam suas histórias afetivo-sexuais, e em cada um dos relatos confirmam estudos de relações raciais no Brasil, a angústia e a dor apertada o peito da interlocutora negra que lê o texto em seus encontros e desencontros. Neste trabalho são analisadas relações afetivo sexuais que dão conta de lançar luzes para as formas que lidamos com o amor em níveis interpessoais, ao mesmo tempo que também podemos ver como estes se refletem nos âmbitos organizativos de mobilização negra (PEREIRA,2020)

Em seus estudos, Bruna Cristina Jaquetto Pereira (2020), identifica um esforço de mobilizações negras, de forma a promover mudanças na maneira em que pessoas negras se relacionam para alcançar o âmbito afetivo-sexual, bem como há um esforço para a descentralização da representação do casal heterossexual como aquele que representa a resistência negra. Dando um destaque para os relacionamentos entre pessoas negras, a autora destaca que as entrevistadas lidaram com problemas que eram consequência de um contexto sócio-histórico de discriminação e violência que impacta a constituição da subjetividade, mais especificamente nos envolvimento e performances afetivos-sexuais. A pesquisadora identificou ainda, entre as entrevistadas, a expectativa de que o relacionamento entre pessoas negras, “amor negro”, fosse refúgio dos problemas advindos do racismo. Para as entrevistadas, o relacionamento entre pessoas negras era visto como o relacionamento ideal, o encontro de afins, um horizonte de liberdade (PEREIRA,2020). Essa visão romântica do “amor negro” quando colocada em análise com a realidade se complexifica e na prática se mostra tão realista quanto muitos/as desejam. A pesquisadora analisa que neste aspecto são colocadas grandes expectativas no par, quando se trata de relacionamentos entre pessoas negras, para que o/a outro/a dê conta de uma série de feridas e prejuízos que o racismo impõe à toda a população negra, como se este fosse capaz de apagar essas dores.

No livro “Porque amamos?” O que mitos e filosofia têm a dizer sobre amor” (2020), o professor e filósofo Renato Nogueira nos apresenta alguns mitos sobre maneiras de amar, e argumenta que estes se relacionam a aspectos culturais, míticos e filosóficos. O autor passa pelas diferentes concepções de amor em momentos históricos e políticos diferentes que povoam o nosso imaginário quando o assunto em tela é mencionado, são eles: 1) o deslocamento do amor romântico propiciado pela percepção de Sobonfu Somé sobre a temática - fundamentalmente o amor não é uma emoção individual e você não será capaz de amar sem antes conhecer quem você é e sem ter outras pessoas que deem suporte para a sua vida; 2) o amor como sendo fundamental para sobrevivência humana, sendo sinônimo para atração entre pessoas, podendo ser ele a motivação da construção de famílias ou de comunidades; 3) o amor como o sinônimo de criar laços e construção de intimidade, que também se materializa no compartilhar histórias: “O amor é uma narrativa porque é um projeto de futuro capaz de aumentar o bem-estar. É a produção de pensamentos, sentimentos e planos. É a preservação e reinvenção do desejo. O que queremos juntos?” (NOGUERA, 2020, p.61); 4) a possibilidade de concebermos não apenas o amor monogâmico como possível e entendermos que todas as formas de amor vão apresentar seus desafios de se viver na prática, e em todos eles o autoconhecimento é primordial, pois a partir dele identificamos qual amor nos convém; 5) os vários exemplos de amor que a bíblia nos oferece para pensar o assunto começando por Adão e Eva; 6) Dentre as diversas significações que atribuímos à palavra amor, do amor platônico compreende-se que este se refere ao desejo que carregamos pelo que não temos; 7) A configuração hoje do amor romântico como duas pessoas que se amam e se bastam, suas características patriarcais e heteronormativas, bem como as outras concepções que o desafiam como o poliamor; 8) O diagnóstico do amor no hoje como um chamado para a abertura à mudança; 9) Os desafios sobre o encontro amoroso entre duas pessoas no desejo de forçar mudança da pessoa amada e a frustração da projeção de desejos outros sobre ela; 10) A verdadeira face do amor que encontramos no equilíbrio entre o prazer e o cuidado; 11) entre o amor e o ciúme, a maneira que lidamos com este é uma escolha. Por fim, o autor conclui que amar, em seus aspectos científicos, culturais, míticos e filosóficos, é um fazer político que enfrenta desafios e reafirma a tese de que sem admiração e/ou desejo o amor não se torna possível.

Já o Pastor Henrique Vieira - ativista de direitos humanos do movimento negro evangélico, ator, teólogo e cientista social- no livro “Amor como Revolução” (2019), também a partir de relatos de passagens de sua vida, propõe diálogos que questionam o lugar comum da conceituação do amor, pelo autor identificada como a mais recepcionada na vida da

sociedade brasileira e que normaliza e reproduz sistemas de dominação e prejuízos sociais. O amor como revolução reivindicado pelo autor leva a revisitação da possibilidade de se enxergar e amar o outro, a partir dos ensinamentos de Jesus Cristo, sendo esse “outro” os adeptos de religiões de matriz africana e a comunidade LGBTQIA+. Dentre as referências sobre amor na vida de Jesus e no evangelho da bíblia, outra referência sobre o tema que se destaca no livro é a de Martin Luther King. Segundo Henrique Vieira, o conceito de amor está em disputa justamente por refletir o momento histórico bem como as características da sociedade. A crítica do autor é que o amor hoje adstrito apenas ao âmbito de uma casa, apenas de um casal e em sua acepção apenas sentimental; perde o seu caráter ético e político porque conseqüentemente se distancia da rua, da praça, da sociedade, da política, dos conflitos sociais e dos direitos humanos. Diante disso, o autor destaca que o amor é uma escolha e um agir, sendo também preciso ser uma consciência política e uma consciência diante da vida. Nesse sentido, o amor é uma revolução, uma vez que ele juntamente com a arte e a espiritualidade nos convida a reinventar a vida, sendo sempre a produção do novo; não tendo, portanto, como estes se conformarem com lógicas de dominação e discriminação. A perspectiva de amor revolucionário apresentada pelo autor é um convite para que a humanidade se relacione de uma forma diferente que não aquela posta por tradições racistas, patriarcais e homofóbicas (VIEIRA,2019).

Aza Njeri (2020) também é uma intelectual negra que se debruça na temática do amor. No artigo de nome “Amor um ato político poético” a intelectual argumenta que o amor é a substância que comunica nossa humanidade, altera nosso estado físico, mental espiritual e biológico, sendo este compreendido dentro dos vieses distintos das diversas perspectivas culturais. A autora ainda argumenta que o amor entendido num viés ocidental, coloca o sujeito “universal” branco como o único com o direito de gozar da plenitude do amor, e é por isso que é urgente colocarmos em foco outras perspectivas sobre o amor que coloquem o “outro” em referência a esse sujeito universal branco em centralidade e agência. Ao falar dos efeitos do amor ocidental sobre a outridade, a autora destaca que este faz com que nós não nos amemos. Desenvolvemos traumas subjetivos pois pensamos que buscando o amor pelo sujeito “universal” branco, estabeleceremos algum tipo de humanidade para nós (NJERI,2020)

“Bom mesmo é estar debaixo D’agua”³¹ é o nome do álbum visual que Luedji Luna lançou no ano de 2020, dirigido por Joyce Prado. O álbum tem a participação de Lande Onawale, Conceição Evaristo e Tatiana Nascimento. Nesta obra, a artista fala sobre amor e a

³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z7IPX61UdJ4&t=236s>

experiência de mulheres negras, e o disco foi pensado e produzido em um momento no qual a artista estava repensando suas próprias afetividades. No álbum, a artista traz a água como uma metáfora que vai se ligar aos significantes das emoções, do afeto, do amor e à Oxum. Em entrevista para o The Guardian, a cantora relata que o álbum é tanto sobre ela quanto sobre outras mulheres negras. Luedji afirma que “mulheres negras precisam reivindicar e ter o direito de amar e serem amadas”. Mais que isso, ela traz para o álbum a referência de bell hooks quando esta argumenta que o amor cura (hooks,2000):

Espera-se que cantemos sobre fome, dor, fome, tristeza. Mas podemos cantar outras coisas. Também vivemos outras coisas. É por isso que falo de amor, para fugir desse estereótipo, dessa expectativa de dor quando você pensa em uma mulher negra”, diz. “Estou falando sobre o amor como cura. Estou falando sobre amor como poder” (LUNA apud GEREMIAS, 2020).

No álbum “Um Corpo no Mundo”³² (2017) a cantora praticamente lança um manifesto da mulher negra sobre existir, resistir e voltar às suas raízes, enquanto no álbum “Bom mesmo é estar debaixo D’água” a cantora traz reflexões de como, a partir das experiências de mulheres negras com seus amores e desamores, podemos repensar/resistir às formas do racismo de nos destituir de humanidade. Somos convidados a todo o momento junto com a cantora, a revisitar nossas raízes até que seja possível existir, e então escolhemos não só dizer que somos mais que a dor, mas praticar nossas agências, escolhendo viver mais que a dor que eles nos infringem. Para Luedji falar de amor enquanto mulher negra é processo de restituir da humanidade negada para pessoas negras. O racismo é fator capaz de hierarquizar e negar humanidades. A importância do disco, como destaca a cantora, é trazer a experiência de amor de mulheres negras em primeira pessoa, porque além da experiência da dor ainda há o que se falar.

No ano de 2019, o pianista negro brasileiro Jhonathan Ferr também deu destaque para o amor num disco afrofuturista de nome “Trilogia do amor”³³ que é dividido em três capítulos: A Jornada, O Renascimento e A Revolução. As trilogias acompanham um percurso de amadurecimento da personagem, bem como é evidente a carga subjetiva do próprio Jhonathan que também se faz presente no disco. O pianista também relata que o trabalho de dois anos que antecederam a criação do disco vai remeter às experiências e encontros

³² Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=kmLCDekyhbs&list=PLviC6RPXdPEIHKsvbY3bX0SRQnEOmS1LE> e <https://www.immub.org/album/um-corpo-no-mundo>

³³

Disponível

em:

<https://open.spotify.com/album/64MQPXmhrd0wNEt0jzOAhY?si=LTln069BS6KM0OL8SW6DQw&nd=1>

espirituais que também remetem à sua conversão ao budismo. O disco foi lançado juntamente com uma produção visual do primeiro capítulo “A Jornada”. Tudo começa em “Planetária”, música de introdução, em que somos automaticamente colocados num cenário do futuro. Aqui quase sussurrando com uma voz metálica, Jhonatan nos recebe dando boas-vindas e nos mostrando o caminho, “o amor”, com a música que segue “Luv Is the Way” (O amor é o caminho). É também por meio do convite para o amor que percorremos o Renascimento e a Revolução. Na música “Sonhos”, já estamos no terceiro e último capítulo da trilogia: A Revolução. A última música do álbum começa com Martin Luther King entoando um trecho do seu famoso discurso “I have a dream” (Eu tenho um sonho).

O discurso de Martin Luther King e principalmente os trechos que este fala sobre amor e a construção de uma sociedade harmoniosa entre pessoas negras e brancas, são inspiração até hoje para muitos dos intelectuais aos militantes que minimamente se compadecem frente aos movimentos *Black Lives Matter*. King e Malcom X são figuras que influenciam o pensamento negro na diáspora no que se refere aos movimentos por direitos para pessoas negras, poder negro e libertação. King por um lado, pelos seus discursos de não violência, é tido por vezes como mais palatável, enquanto Malcom é a figura que não alcança o mesmo status. Meu estranhamento e vislumbre foi quando bell hooks também se apoiou nessas duas figuras para desenvolver sua teoria sobre amor e pessoas negras falando de amor especificamente para pessoas negras. Mas bell hooks logo responde que as pessoas, ao mobilizarem o discurso de King “I have a dream” (eu tenho um sonho), frequentemente se esquecem o quanto ele estava escrevendo sobre o significado de justiça. Ainda continua a autora que não podemos esquecer que quando falamos de democracia também mobilizamos justiça (ST. NORBERT COLLEGE, 2014)

Nas perspectivas negras aqui trazidas, há uma afirmação positiva do amor entre pessoas negras, a mobilização deste dentro de mobilizações por justiça, bem como o deslocamento do imaginário de representações para que pessoas negras consigam também se ver a partir do prisma do amor. Há a argumentação do direito que pessoas têm de experienciar a vida a partir da perspectiva de bem estar (ST. NORBERT COLLEGE, 2014). A aposta em desmistificar o conceito do amor, tanto quanto oferecer este como possível no campo político, é um trabalho primeiro atribuído às mulheres negras. O tempo e a maturidade que advém com este é um dos pontos que é levantado para argumentar as possibilidades de eventos que ensejam o desejo de mudança sobre as concepções ou contemplações sobre o amor. Compreender o amor, dessa forma, estaria ligado a compreender também a vida; a

importância da consciência. Nesse sentido ainda, na linha da consciência, temos a vinculação de amor e a possibilidade de exercer a agência, em dimensões de escolhas e desejos.

A crítica levantada do amor negro como uma forma tentar dar uma roupagem negra ao amor romântico é uma das formas que não vai significar exercício de agência ou libertação porque este fortemente se prende as representações estereotipadas que normalizam sistemas de opressão e dominação. Dentre as diversas formas de se conceituar e conceber o amor advindas das diversas culturas, mitos e territórios; exercer agência significa escolher aquela que melhor cabe. O amor também pode ser a possibilidade política e revolucionária para que a humanidade se relacione de uma forma oposta àquela das tradições racistas, patriarcais e homofóbicas. Em resumo, ele é essencialmente político, ligado ao poder de agência, restabelece humanidade para pessoas negras e, numa perspectiva afrofuturista, ele seria o caminho.

O diálogo entre bell hooks e Lélia Gonzalez sobre amor vai num caminho semelhante ao do conjunto de perspectivas negras aqui apresentadas, sendo que algumas destas mais recentes vão ser referência em bell hooks. Das perspectivas negras sobre amor, a citação de bell hooks na revisão bibliográfica que mais é mobilizada é o texto “Vivendo de amor” (2000) e por isso então a importância de trazermos para este trabalho reflexões urgentes, mas que estão em textos ainda não traduzidos para o português. Apesar da semelhança no caminho percorrido, o diálogo entre as autoras vai além, oferecendo um panorama que aborda a devida complexidade do tema. Essa complexidade se apresenta quando se aborda as várias faces e dimensões da vida que o amor toca: 1) a questão da representação; 2) as definições sobre o amor; 3) o amor na vida de pessoas negras; 4) a recuperação de si mesmo; 5) a comunidade; 6) a espiritualidade; 7) a justiça, e; 8) laço político entre feminino e masculino. Nos próximos capítulos, apresentaremos o amor no diálogo entre as autoras, como estas concebem essa categoria, as proximidades e os distanciamentos entre suas perspectivas, bem como uma proposta de americanização da categoria amor já na discussão.

3.2 Lélia Gonzalez e bell hooks conversando sobre amor

3.2.1 Entre a representação e se tornar sujeita

Apesar das autoras viverem em realidades que, pelos diferentes processos históricos e sociais, vão ter diferenças marcantes, ainda assim temos muitas continuidades. O próprio conceito do que é raça nas territorialidades das autoras será distinto. Contudo, elas

empreendem lutas políticas que marcam as semelhanças da vida negra na diáspora, o ódio à negritude. Entre bell hooks e Lélia Gonzalez algumas proximidades já se destacam logo no estágio inicial de pesquisa, no que se refere tanto à vida, quanto às temáticas abordadas nas obras das autoras. E são essas proximidades que tornam viável a construção de um diálogo teórico entre elas. Podemos falar então que, para além das autoras trazerem a importância do vivido para suas formulações teóricas ou até mesmo formularem teorias tendo a psicanálise como aporte, outros pontos de confluência também existem. A questão da representação, que aqui se destaca, é um dos pilares da produção e ação política das duas.

Em contexto de comunidades negras segregadas e isoladas, bell hooks argumenta em sua tese de doutorado que as comunidades negras norte americanas, ao serem representadas nos tratados de sociologia e antropologia, estes se basearam em pontos de vista de “fora”, criando e reproduzindo distorções, estereótipos e desinformações. O acesso ao ponto de vista de dentro dessas comunidades é feito com base na sinceridade e autenticidade de informantes internos, seja pela ficção, drama ou poesia, Como grupo, pessoas negras foram fortemente afetadas pelas ramificações desses estereótipos. Neste contexto, os trabalhos de escritores/as negros/as era de distinguir a representação de pessoas negras feitas por pessoas brancas que não tratavam a negritude como seres humanos complexos. (WATKINS, 1983).

Como professora universitária, Lélia conversou com estudantes estrangeiros que relataram terem ficado espantados ao verem o Brasil na publicidade, na propaganda e na comunicação de massa representado como se fosse um país escandinavo (GONZALEZ,2020[1987]). Ao adentrar um pouco mais sobre o tema do negro e a publicidade, a autora ainda avança ao argumentar que o tipo de imagem que o Brasil quer dar de si mesmo como um país branco, mesmo tendo maioria negra, não é diferente do que fazem outros países da chamada América Latina. A autora traz o exemplo do contexto do Panamá e diz que isso acontece devido a um racismo disfarçado. Esse racismo disfarçado tem base numa hierarquia que tem sustentado as sociedades da América Latina, nestas em que o grupo branco se apresenta como superior, como bonito, como belo e consumidor. Mulheres negras, ainda aponta a autora, começam a aparecer na publicidade em época de carnaval e em comerciais de produtos de segunda categoria ou em comerciais de máquinas de lavar roupa (GONZALEZ,1988)³⁴

34

Disponível

em:

https://www.youtube.com/watch?v=fMWQTtq_2Bk&list=PLzZLl6nrUnMLg02dn1qqAq05n3tApKgWw&index=34

Lélia Gonzalez criticava as representações de mulheres negras pela mídia brasileira porque mesmo que no campo político atores ativistas estivessem atuando para desarticular estereótipos prejudiciais à negritude, canais de televisão insistiam em reproduzir tais representações (BARRETO,2005). A intelectual ainda argumenta que o mito da democracia racial define o negro no âmbito público e privado, mas é no consciente que ele reproduz o que brancos falam entre si sobre negros. Num nível inconsciente há o ideal do branqueamento. Entre essas imagens, advoga a autora, o elemento comum é que pessoas negras são vistas como objeto de entretenimento (GONZALEZ, 2020[1983]). Bruna Pereira argumenta no trabalho de nome “Tramas e dramas de gênero e de cor: a violência doméstica e familiar contra mulheres negras” que tanto o amor e a sexualidade da mulher negra no Brasil são forjados por estereótipos (PEREIRA, 2013)

O exemplo do parágrafo acima que traria o mito da democracia racial em nível inconsciente é a imagem que Lélia argumenta que, quando atribuída a mulheres negras, tanto trazem os corpos delas como animalizados quanto as destituem de humanidade. São então os corpos de mulheres amefricanas vistos como não humanos; corpos animalizados (GONZALEZ, 2020[1988]). É nesse contexto de representações que grupos negros organizados, tanto no Brasil, quanto nos Estados Unidos vão empreender a disputa política pela representação da negritude a partir da afirmação da estética e cultura negra. A afirmação então da cultura e da beleza negra no contexto diaspórico brasileiro e estadunidense, a partir do movimento “black is beautiful” (Negro é lindo) (BARRETO,2005), ganha destaque. Na literatura de Toni Morrison, como destaca bell hooks, a perda da autoestima num contexto alimentado pela indústria da cinematografia, é colocada como responsabilidade da onipresença da ideia de amor romântico e beleza física na sociedade ocidental (WATKINS,1983). No ocidente apenas o tido como belo é amado, contudo mesmo o slogan “Black is beautiful” (negro é lindo) é questionado por Toni Morrison por que ainda assim há a permanência da obsessão da cultura ocidental pela beleza. Quando se coloca a força de um povo na beleza, o foco se volta para a aparência em oposição ao ser (WATKINS, 1983). Neste cenário, há uma importante e interessante aproximação entre representação e identidade no campo de disputa política.

Na literatura de Toni Morrison, bell hooks identifica na personagem Claudia, o processo de compreensão da internalização de um ensinamento em que o ódio é direcionado à negritude, enquanto o amor é direcionado à brancura. Enquanto a personagem narra sua resistência ao fetichismo da socialização do amor a bonecas brancas, ela também se depara com o fracasso porque a comunidade não apoia ou incentiva o desvio social por ela

empreendido (WATKINS,1983). De acordo com bell hooks, há uma enorme dor para pessoas negras ao identificarmos que não conseguimos controlar como nos vemos e somos vistos, não controlamos nossas imagens (HOOKS, 2019[1992]). Por isso, um dos pontos cruciais das feridas causadas por essas dores seria, tanto pessoas negras, quanto aliados progressistas realizarem esforços de intervenção crítica para a transformação no campo das imagens. Ainda destaca a autora que esse ponto tem sido também levado a cabo pelos movimentos políticos de libertação e autodefinição:

A questão é de ponto de vista. A partir de qual perspectiva política nos sonhamos, olhamos, criamos e agimos? Para aqueles que ousam desejar de modo diferente, que procuram desviar o olhar das formas convencionais de ver a negritude e nossas identidades, a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o *status quo*. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas do bom e mau. Abrir espaços para imagens transgressoras, para a visão rebelde fora da lei, é essencial em qualquer esforço para criar um contexto para transformação. E, se houve pouco progresso, é porque nós transformamos as imagens sem alterar os paradigmas, sem mudar perspectivas e modos de ver (HOOKS, 2019[1992], p. 36)

Continuando a pensar a ideia da representação, mais especificamente para mulheres negras, bell hooks, tendo como referência Audre Lorde, argumenta o amor como aquele capaz de nos levar a compreender as forças que nos levam a olhar a negritude e olhar o ser mulher negra a partir do campo da hostilidade (HOOKS, 2019[1992]). A consciência sobre essas forças não só propicia a resistência à elas, como também nos propicia o engajamento ao construir imagens não hostis ou essencialistas sobre nós mesmos. E aqui também temos a responsabilidade de pessoas negras, mais especificamente mulheres negras, sendo reivindicada pela autora, uma vez que são as perspectivas de mulheres negras que tratarão de promover a vida negra com um escopo na realidade, a partir do lugar da complexidade e imagens positivas, ao contrário de como frequentemente se tem descrito e representado (HOOKS, 2019[1992]). Para Audre Lorde (2019), é o erótico, ou seja, a personificação do amor em todos os aspectos, que dimensiona esse lugar entre as origens da autoconsciência e o caos dos sentimentos (LORDE, 2019). É o erótico para a autora que afirma a força vital das mulheres, pois oferece energia criativa que agora reivindica nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho e nossas vidas (LORDE, 2019). A argumentação que bell hooks e Lélia Gonzalez constroem sugere que o amor dá uma resposta à questão das imagens e da representação, pois é ele que seria o fator motivador na busca da consciência por

nós mesmos sobre a realidade, mudando assim nossa forma de nos ver e ser (HOOKS, 2019[1992])

Beatriz Nascimento (2018 [1974]) argumenta que o preconceito racial contra o negro no Brasil é tão violento e ao mesmo tempo sutil que muitas vezes ele vem à tona entre nós e desenvolvemos relações de amor e ódio por nós mesmos (NASCIMENTO, 2018 [1974]). Neusa Santos Souza (1983) compreende que se saber negra é sobre a experiência do massacre da identidade, mas é também sobre o comprometimento no resgate da história e na recriação das possibilidades. É também nesse sentido que a autora argumenta que possuir um discurso sobre si mesmo é um exercício de autonomia. Discurso este que quanto mais fundamentado na realidade, mais significativo é (SOUZA, 1983). É também Audre Lorde (2019) que argumenta que, tanto para homens negros, quanto para mulheres negras, se não nos definirmos, os outros nos definem e esta definição sempre será em benefício deles.

Ao se debruçarem sobre questões como a representação negra nas mídias ou na história, as autoras reivindicam que o vivido também privilegie histórias que não apenas de dor. Elas trazem histórias que seriam capazes de inundar o imaginário negro de construções positivas sobre a negritude como as ferramentas no agir contra o racismo internalizado e o auto ódio. Nesse sentido, o amor incidindo na questão da representação, auxilia o fortalecimento da agência negra trazendo fortemente figuras negras para a posição de sujeitos, tanto políticos, quanto de suas próprias histórias.

A importância da autodefinição que as autoras sugerem como exercício de agência negra, tem propostas de execução tanto em níveis individuais, quanto coletivos, e estes se alimentam numa relação em que um é essencial para a realização do outro. O processo de autodefinição que as autoras tratam é do campo do político e do subjetivo. Tal exercício pressupõe pessoas negras enquanto sujeitas. Mas, enquanto para bell hooks identificamos que a autodefinição passa por um processo em que a descolonização e o amor à negritude sejam possíveis (BORGES,2019), para a autodefinição de Lélia Gonzalez, a desarticulação do pensamento e continuidades de práticas coloniais também é importante, mas lado a lado a este processo a autora coloca a ação política de mulheres africanas.

Os exercícios teóricos propostos pelas autoras, tendo como ponto fundamental a subversão das representações históricas e políticas de pessoas negras, mais especificamente, mulheres negras como objeto, trazem então figuras negras para o campo de sujeitos que têm em seu potencial de libertação, a agência negra. No caminho da contemplação da liberdade e da agência negra, a questão das imagens e representações da negritude são os pontos que também ensejam as autoras a pensarem o amor. A luta negra contra os sistemas de opressão e

dominação negras são pontos cruciais na trajetória delas. Esse exercício das autoras pode ser percebido no decorrer de suas obras e entrevistas, mas quando lançamos luz às categorias específicas eleitas por elas, temos a possibilidade de aprofundamento dessas propostas. As autoras, cada uma a seu modo, sugerem a importância da autodefinição como um exercício de agência para a liberdade negra. É nesse sentido que as proposições das autoras são sempre no sentido da liberdade e com o amor não é diferente.

Na tese de bell hooks de 1983, a autora identifica haver uma linha de gênero entre as temáticas as quais homens e mulheres escritores negros diretamente se dedicavam. Mulheres negras, por um lado, abordavam temas como relações interpessoais, seja na família ou na comunidade; já homens negros em sua escrita, considera a autora, se dedicavam às questões políticas maiores, tendo como foco as interações entre negros e brancos. O interesse da época em trabalhos de mulheres negras, destaca bell hooks, se deu não apenas pelo fato delas serem mulheres negras, mas sim por produzirem textos que trazem a distinção das comunidades negras estadunidense sob âmbitos negativos e positivos (WATKINS, 1983)

3.2.2 Definindo amor

Motivada pelas leituras críticas de bell hooks sobre amor e pessoas negras, de modo informal, fui conversar com pessoas negras ao meu redor sobre a compreensão delas sobre o amor; as respostas que tive foram interessantes. Do grupo de amigos e familiares com homens com os quais eu dialoguei, mesmo todos deixando transparecer a dificuldade encontrada em falar sobre o assunto, prevaleceu a ideia de que o amor é o que não se escolhe sentir, é irracional e puro. Já das mulheres negras, por mais que a primeira coisa a ser identificado por elas sejam que amor não pode ser justificativa para violência (numa alusão a violência doméstica), ainda fica evidente que nas falas delas o amor ainda vem com uma grande carga sentimental de ser dono da outra pessoa, dos seus pensamentos, das suas escolhas. O amor, seja o que nos foi ensinado ou o que pela nossa história projetamos sobre o conceito dele, tem tido papel importante na forma que nos relacionamos, mas ainda nos relacionamos com base na dominação, na violência e não respeito das individualidades.

Argumenta bell hooks que na literatura de Toni Morrison, a personagem Sula não é seduzida pelo conceito de amor romântico que incentiva homens, e especialmente mulheres, a acreditarem não nas substâncias, mas em ilusões. O ponto fundamental para a mudança do entendimento de Sula sobre o amor é justamente o encontro com a liberdade que se dá justamente quando ela deixa para traz o mundo representado no dualismo metafísico

ocidental: certo-errado, bem-mal. A partir dessa mudança, o amor não é mais entendido como uma emoção que se dá em troca de mais amor; o amor deixa de ser um sistema de troca e passa a ser a capacidade de aceitar completamente a outra pessoa. Neste contexto, para Sula, o amor que permite inclusive o perdão da pessoa amada também é previsto como possível para quando houver uma revolução social completa (WATKINS, 1983).

[...] a base de todo amor em nossa vida é a mesma. Não há amor especial reservado exclusivamente para parceiros românticos. O amor verdadeiro é a base de nosso envolvimento com nós mesmos, com a família, com os amigos, com companheiros, com todos que escolhemos amar. Embora necessariamente nos comportemos de forma diferente dependendo da natureza da relação, ou tenhamos diferentes graus de compromisso, os valores que orientam nosso comportamento, quando baseados numa ética amorosa, são sempre os mesmos para cada interação. E um dos relacionamentos românticos mais longos da minha vida, me comportei de maneira mais tradicional, colocando-o acima de todas as outras interações. Quando ele se tornou destrutivo, achei difícil ir embora. Eu me vi aceitando comportamentos (abuso físico e verbal) que não toleraria em uma amizade (HOOKS, 2020, p. 167-168)

Com bell hooks aprendemos que para amar verdadeiramente é preciso ter a mistura dos seguintes ingredientes: carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade e comunicação aberta (HOOKS, 2020 [2000]). O amor sendo tomado pela autora como uma escolha, ato de vontade, uma ação (hooks, 2020 [2000]); está intrinsecamente ligada à concepção de agência (YANCY; DAVIDSON, 2009). Indo de encontro à cultura patriarcal que coloca o amor como sendo do âmbito feminino, da fraqueza e do sentimentalismo; a autora apresenta o amor como uma poderosa força política e espiritual que tem a capacidade de transformar esferas políticas da vida norte americana, seja a religião, o local de trabalho, os lares e as relações afetivas (HOOKS, 2000, 2001, 2003). A definição de amor mobilizada pela autora, pressupõe uma ética que reivindica o amor-próprio e ao próximo (YANCY; DAVIDSON, 2009.) Tendo a família/ comunidade como nossas primeiras fontes de amor, bell hooks vai desenvolver sua conceituação de amor também a partir deste lugar.

No livro “All about love: New visions” de 2000 no português “tudo sobre amor: novas perspectivas” lançado em 2020, bell hooks fala sobre o amor numa perspectiva mais geral sobre o significado e a prática do amor nas nossas vidas (hooks, 2003). O início do livro começa com a autora questionando a não frequência de debates públicos sobre amor, por mais que possamos encontrar este na cultura popular representada em músicas, livros, filmes e revistas. Numa busca pessoal sobre o significado, a autora se depara com o fato de que a maioria dos livros referências sobre a temática, eram escritos por homens e que por mais que

as elaborações mais visionárias sobre amor viessem de obras escritas por mulheres, elas não tinham tanto conhecimento quanto seus pares homens que escreviam livros com a mesma temática. Enquanto a capacidade de mulheres era questionada quando esta se dedicava a falar sobre amor, o mesmo não acontece quando esta escolhia se dedicar sobre a temática da morte. Contudo, para bell hooks, a temática da morte sempre a fazia voltar a contemplar a temática do amor (HOOKS, 2020 [2000]). Revisando a bibliografia sobre amor, interessada no impacto do patriarcado como forma de dominação masculina sobre mulheres e crianças, a autora identifica que as diferentes perspectivas de amor de homens e mulheres não está vinculada a algo inato, mas que na realidade essas diferenças são aprendidas.

Ao falar sobre amor no ambiente familiar, a argumentação é de que nos acostumamos a ver o cuidado como amor, mas a autora advoga que amor não pode ser apenas isso. Admitir amor apenas como cuidado, seria também admitir que uma criança que foi cuidada, mas ao mesmo tempo viveu os abusos que circundam uma família disfuncional; viveu num lar amoroso, aponta. Contudo, se por um lado a autora por diversas vezes foi acusada de questionar o “amor” que pessoas receberam enquanto criança, por outro lado a autora argumenta que foi com essa definição de amor que facilitou para que ela lidasse com seu espírito ferido e com os atos de desamor em sua vida. A autora evidencia a importância de falar sobre temas polêmicos que não vão agradar a todos, seja dentro ou fora das comunidades negras estadunidenses e que são capazes de promover mudanças profundas.

Chama a atenção da autora o lugar das crianças nas relações de dominação em âmbitos familiares. bell hooks advoga que mesmo nos círculos mais progressistas dos Estados Unidos, existe uma grande resistência em compreender que as crianças na nossa sociedade estão indefesas frente a dominação adulta. A questão da criança para bell hooks é tão forte que ela chega a advogar que talvez o maior problema de opressão e dominação que temos hoje não seja necessariamente a dominação entre homens e mulheres, mas sim a dominação de adultos sobre crianças (HOOKS, 2019 [1992]). Ainda segundo ela, não é raro ouvir dos colegas progressistas que os métodos de correção do comportamento de crianças com base na tortura e violência física sejam reivindicados no lugar da naturalidade ou do amor. E é neste ponto que a autora reivindica que não há amor sem justiça. Por mais que não nasçamos sabendo amar instintivamente, seja nós mesmos ou outras pessoas, sabemos reagir ao carinho. bell hooks argumenta que aprender a nos amar e amar aos outros, depende de uma existência de um ambiente amoroso (família, comunidade, sociedade).

O conceito de amor de bell hooks está fortemente ligado com o reconhecimento e acolhimento do outro enquanto um todo também subjetivo. E para entender essa ideia trazida

por bell hooks, seu mentor Thich Nhat Hanh³⁵ é chave importante. Ele advoga que todas as coisas dependem de outras para serem e, nesse sentido, uma identidade encontra a outra para que esta seja possível. Neste ponto, portanto, a reflexão se encaminha para que comecemos a pensar o encontro como forma de manter não só uma identidade, mas todas elas. (YANCY, DAVIDSON, 2009). A perspectiva empregada pela autora então é que o amor tem um papel importante para a conexão entre humanos (YANCY, DAVIDSON, 2009)

Apesar da identificação de certos níveis de cinismo em discussões públicas sobre amor nos Estados Unidos, bell hooks argumenta que pessoas nutrem desejos internos de conhecer o amor verdadeiro (HOOKS, 2020[2000]). As tentativas de levar a discussão do amor para debates públicos empreendidos pela autora advém do diagnóstico de apesar de se negar a discussão, a sociedade estadunidense consome e se interessa em consumir os discursos sobre amor, sejam eles advindos da música, do cinema, da televisão, da literatura, revistas e até mesmo de livros de autoajuda (HOOKS, 2020[2000]). Estes últimos detêm especial atenção da autora uma vez que por um lado alguns nomes de destaque de popularidade se debruçaram a compreender as diferenças da concepção de amor entre homens e mulheres e por outro lado, o fato de que homens ganham destaque e prestígio ao escreverem sobre amor, enquanto mulheres que se debruçam sobre o mesmo trabalho não tem o mesmo reconhecimento.

Entre as argumentações de que mulheres amam de forma diferente de homens, bell hooks argumenta que tal constatação se sustenta apenas superficialmente, pois o argumento da autora é que homens e mulheres são socializados de forma distintas quando o assunto é amor. Ao contrário de algum senso comum que possa ainda acreditar que de forma inata, homens e mulheres amam de forma diferentes, a autora argumenta que essas diferenças são ensinadas. Enquanto homens são socializados e crescem com a certeza de que sabem o que é amor e que receberam amor, mulheres são socializadas para acreditarem que são as naturais fornecedoras de amor e por isso se tornam o público que mais consome livros de autoajuda sobre amor. Tidas como naturalmente sentimentais, mulheres consomem o que homens, tidos naturalmente como racionais, têm a dizer, ou melhor, ensiná-las sobre amor. (HOOKS, 2020 [2000]).

Uma das faces dessa crise do amor que bell hooks identifica não só na comunidade negra, mas na sociedade estadunidense, se dá pelo grande número de definições de amor que se tem disponível. Definições estas que estão aos montes e por vezes não oferecem anteparo na realidade pelo grande grau de abstração que carregam, por mais que os livros tentem

³⁵ É um vietnamita, monge budista, poeta e educador.

fornecer definições claras. Para a autora, é essencial o ponto de partida de uma definição de amor que seja factível; portanto, a escolha dela é por seguir a definição proposta pelo psiquiatra M. Scott Peck no livro “A trilha menos percorrida: uma nova visão da psicologia sobre o amor, os valores tradicionais e o crescimento espiritual” do ano de 1978. Scott reverberou o trabalho de Erich Fromm que traz a seguinte definição de amor “a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa”. Para bell hooks, os autores mais perspicazes vão pensar o amor como uma ação e não apenas como um substantivo. Segundo a definição seguida também pela autora, não amamos instintivamente, mas escolhemos amar, o amor é uma intenção e uma ação e a vontade tem aqui seu peso. A definição de amor trazida por bell hooks, bem como a necessidade dos ingredientes específicos para que este seja verdadeiro, é também o exercício da autora para que de uma forma mais evidente seja compreensível que o amor não pode coexistir com situações e/ou contextos nocivos ou abusivos. A violência, a dominação e a opressão jamais poderão coexistir com o amor ou até mesmo ser tido como tal.

Ainda que bell hooks e Lélia estejam em contextos e temporalidades diferentes, as duas nos dão notícias do amor enquanto relação entre sujeito-objeto (YANCY, DAVIDSON, 2009; GONZALEZ, 2020[1988]) e ainda desafiam as definições de amor que mais se sedimentaram no imaginário ocidental. É aqui que encontramos uma importante contribuição do diálogo entre as duas. Enquanto bell hooks fala a partir da realidade estadunidense e nesse sentido por diversas vezes mobilizar ao falar de amor e pessoas negras o lugar de “african american”, os deslocamentos propostos por Lélia Gonzalez são extremamente amefricanos, tendo por base principalmente a experiências de mulheres negras e indígenas. O primeiro deslocamento que a categoria amefricanidade propicia e aqui vamos mobilizar, é a da crítica da centralidade negra estadunidense como se aquela realidade pudesse representar o vivido por todas as pessoas negras na diáspora (GONZALEZ,2020[1988]). O contexto de formulação da categoria também retoma a um período no qual o movimento negro brasileiro era acusado de ser uma cópia do movimento negro estadunidense. Ainda assim, Lélia identifica e critica setores do movimento negro nos dois países que idealizam África. (BARRETO, 2005, p. 51). A categoria nos chama atenção para reconhecermos as narrativas como parte da realidade e que como tal, não podem inviabilizar a importância de outras tantas realidades que também têm muito a dizer.

No texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (2018,2020 [1980]), Lélia detém parte do seu esforço para se debruçar sobre o que autores da época como Caio Prado Jr. insistiam em nomear de “milagre de amor humano” na senzala. Numa época em que o mito da

democracia racial era fortemente defendido pela elite política brasileira, o amor foi uma das ferramentas mobilizadas como tentativa de falsear a violência. A miscigenação no Brasil tem origem no estupro de mulheres negras e indígenas, o estupro na escravidão era forma de controle social sobre todas as pessoas escravizadas (BARRETO, 2005). Mais especificamente, no texto de Lélia, os corpos de mulheres negras eram aqueles que eram objetos que os senhores utilizavam para satisfação sexual.

Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, aponta Raquel Barreto (2005) que o estupro bem como a reprodução do trabalho escravo vai representar a experiência do corpo feminino negro. Ao mesmo tempo que estes corpos eram objetos de desejo também eram de repulsa, a mancha negra a ser apagada da história do país. Pessoas escravizadas foram sexualmente violentadas como forma de dominação de seus corpos (DAVIS, 2016, p.38). Ainda destaca Barreto (2005):

Sobre os EUA, recordamos uma expressão bem popular do black english, mothafucka (mother +fucker) que mostra a permanência na memória coletiva dos afro-americanos da presença do senhor branco como aquele que “comeu”/estuprou a sua mãe (a escrava). O termo nega qualquer visão romanizada a respeito da relação entre escrava e proprietário (BARRETO, 2005, p. 104)

Ainda questionando esse “milagre do amor na senzala”, Lélia Gonzalez argumenta ser uma afirmação que não leva em consideração a complexidade em torno do que é o desejo que de tão complexo Freud dedica toda uma vida a escrever sobre. Dentro da complexidade que é o desejo, a autora argumenta que o amor da senzala como descrito realizou apenas o milagre da neurose brasileira (GONZALEZ, 2018, 2020[1983]). Segundo Thula Pires (2020b) é essa neurose que torna pessoas negras testemunhas vivas (GONZALEZ, 2020[1988]³⁶), permanentes dos processos de desumanização que foram os pilares da construção tanto do estado quanto da sociedade brasileira (PIRES, FLAUZINA, 2020b). A neurose cultural brasileira para a autora tem o racismo como principal sintoma (GONZALEZ, 2018, 2020 [1988]³⁷) e é também investigando ela que podemos compreender a internalização do racismo em forma prática e significado (RIOS, LIMA, 2020). A reversão de um processo de desontologização de povos escravizados nas américas para Luciana Ramos (2019) requer a volta para o processo de construção de memória e consciência na neurose cultural brasileira.

Lélia Gonzalez sugere que o amor sendo a relação entre sujeito e objeto amado, alguns objetos que se tornaram foco de pulsões parciais faz com que partes do corpo, reais ou

³⁶ Texto Por um feminismo afro-latino-americano

³⁷ Texto: Nanny: Pilar da amefricanidade

fantasmadas se tornem objeto de amor que não a pessoa por completo (GONZALEZ, 2018,2020[1988])³⁸. O estupro ao ter sido mobilizado historicamente como dominação de corpos e ainda mobilizado em contexto de guerra como arma (DAVIS,2016) está longe de ser a execução de qualquer coisa que se assemelha ao amor. A diferença crucial entre satisfação de desejo e violência portanto se faz aqui com presença da anuência, da vontade. Lélia Gonzalez nos dá notícias aqui que o amor não coexiste com a violência e muito menos deveriam existir definições e acepções que os façam correspondentes.

A importância do processo de nomeação é destacada em importância pelas duas autoras. bell hooks evidencia essa importância quando traz a formação da subjetividade radical de mulheres negras, que ao identificarem seus corpos historicamente forjados como objetos e commodities, subvertem a lógica supremacista branca advinda do processo de escravidão e se tornam sujeitas, contando suas histórias e trazendo nomeações próprias para as suas vivências. Há aqui um desafiar o olhar branco sobre a existência negra, a partir do momento que mulheres negras contam suas histórias, trazendo para si definições e perspectivas que quebram com as lógicas herdadas de processos de dominação e hierarquização de humanidades. Já Lélia Gonzalez a partir de seus textos e da própria categoria da amefricanidade traz a importância de pessoas negras contarem suas histórias de protagonismo tanto na cultura quanto na política brasileira. História essa que é apagada pela história hegemônica, bem como ao fazê-lo privilegiar a resistência de mulheres negras e indígenas. Dessa forma, Lélia auxilia no desenho de uma história em que a mulher negra não será ilustrada apenas como sujeita a qualquer violência de senhores de escravos, seu objeto.

O realocamento de corpos negros como sujeitos, até mesmo em âmbitos políticos, não só desafia definições que servem à continuidade de sistemas de dominação, como também coloca mulheres negras como fontes de ação transformadora (YANCY, DAVIDSON, 2009). Nesse sentido, podemos aprender também com as autoras a importância de desafiar os binarismos com os quais estamos acostumados tradicionalmente a olhar a realidade. Existe uma potencialidade em olhar o mundo a partir de outros lugares que não inviabilizem as diferentes formas de ser e estar no mundo e isso também faz parte da ação transformadora de mulheres negras que executando a arte de amar, constroem formas de estarmos juntos no mundo que não inviabilizam a manutenção da nossa diferença. É aqui então que compreendemos o que a experiência negra pode nos ensinar sobre o amor.

³⁸ Texto: A categoria político cultural da amefricanidade

3.2.3 Pessoas negras e o amor

Como bell hooks constrói sua teoria a partir de sua experiência de vida e política, grande parte das histórias e análises por ela mobilizadas sobre a temática vai ser com base na vida, cultura, literatura, produção teórica e movimento de direitos civis e libertação levados a cabo por pessoas negras. Também devido ao seu engajamento político, Lélia Gonzalez vai analisar a realidade social brasileira, mas tendo como fonte a vida e a luta negra e a partir destes recortes, tencionamos e aprofundamos o que bell hooks desenvolve. Ao falarem sobre a vida e luta negra, as autoras sempre reivindicam a autodefinição e a reafirmação de instrumentos que ajudam a solidificar e a expandir a agência negra. A busca por liberdade e responsabilidade vão ser as chaves para entender as construções apresentadas.

bell hooks argumenta na sua tese de doutorado que a destruição da capacidade de amar se dá a partir do ato desumanizador de fazer pessoas funcionarem como coisa e objetos (WATKINS, 1983) e também que o processo de escravidão teve forte impacto na capacidade de pessoas negras de amar e isso reflete num cenário em que leva a uma crise do espírito (YANCY; DAVIDSON, 2009). Os atravessamentos da escravidão na arte de amar para pessoas negras, vai ter impacto crucial no exercício de agência, busca pela liberdade e autodeterminação. O verdadeiro amor, portanto, recupera o que o processo de escravidão desagregou. Para pessoas negras, o fim da escravidão não significou que de repente a liberdade para se amar e amar aos outros como se esse caminho já fosse conhecido de longa data. Quando afetam diretamente a capacidade das pessoas de amar e até mesmo de exercer agência, sistemas de dominação muito se beneficiam (HOOKS,2015 [1993]). Por isso, uma sociedade supremacista branca, o auto ódio e o racismo internalizado ficam no caminho do amor. (HOOKS,2015 [1993]).

O cenário apresentado por bell hooks é destacado num nível maior de preocupação quando ela relata uma conversa com jovens negros que dizem estar totalmente desacreditados do amor (HOOKS,2020 [2000]). A produção da música negra é um dos lugares que bell hooks se ancora para buscar identificar também na população negra estadunidense uma grande crise no que se refere ao amor. “O que amor tem a ver com isso?” é uma das canções que a autora destaca para dizer sobre a necessidade de diante uma crise do amor, elevarmos essa discussão para debates públicos. E é nesse contexto de crise, em que pessoas negras argumentam a falta de amor, que a autora argumenta ser necessário o exercício intelectual que trate da temática do amor entre pessoas negras, tanto mostrando sua relevância para a luta política tanto quanto a sua importância na vida privada (YANCY, DAVIDSON, 2009)

Um dos destaques feitos por bell hooks é que ao palestrar sobre relações entre homens e mulheres negras a audiência automaticamente assume que ela irá falar sobre os laços românticos, afetivos sexuais. Um importante exercício que a autora faz é lembrar que nessas relações ela inclui as relações entre pais e filhos, irmão e irmã, etc (HOOKS,2005b). E ainda para ela a casa, as comunidades que chamamos de lar, é o lugar fundamental para a construção do amor negro, uma vez que nossas lutas contra dominação devem começar nos lugares onde vivemos (YANCY, DAVIDSON, 2009). A autora ainda argumenta que há uma constância da escolha do amor como gesto de resistência para afro-americanos, apesar de muitos fazerem essa escolha por se verem incapazes dar ou receber amor (HOOKS,2015 [1993]). E é também em seus lares que estadunidenses negros, contra as probabilidades históricas, construíram lugares de resistência e luta por libertação por mais que essa realização física pudesse ser circundada de severas limitações materiais (YANCY, DAVIDSON, 2009)

Já no contexto de Lélia, as predileções afetivas de pessoas negras e a prevalência do desejo por pessoas brancas foram identificadas como parte do “esquema racista” e da “internalização do valor branco”, neste sentido a autora destacava o desejo de homens negros por mulheres brancas (PEREIRA,2017). A partir da análise das predileções afetivas de pessoas negras, estudos importantes foram realizados até então, aqui destacamos aqueles que vão falar sobre os efeitos da internalização do racismo, a miscigenação como ideal da democracia racial e os estudos sobre a solidão afetiva de mulheres negras. Contudo, neste ponto também se destaca o deslocamento que bell hooks nos sugere quando esta argumenta a necessidade de começarmos a enxergar o amor para além das dimensões afetivas homem e mulher e neste ponto as autoras convergem de entendimento.

Nas perspectivas negras, com o auxílio do que produziu Beatriz Nascimento (2018 [1987]), contemporânea de Lélia, pudemos identificar a sistemática representação de personagens de pessoas negras que sugeriam amor possível de ser vivido apenas com um parceiro/a branca. Por outro lado, ainda, a autora identifica a pessoa negra apenas sendo passiva de ser objeto de amor, quando esta fenotipicamente se aproxima do ideal da miscigenação. É em um outro texto, Beatriz ao tratar a temática amor e mulheres negras, reivindica um lugar privilegiado dessas figuras para não só desafiar o conceito de amor, mas também trazer a importância deste para o debate e prática da política negra. Aqui então a autora nos auxilia a sobre a importância de também pensarmos as relações políticas que em certas medidas reproduzem normalização de conceitos de amor que dão continuidade a sistemas de dominação (NASCIMENTO, 2018 [1987]).

Destacando o imaginário criado em torno da figura da mãe preta, algumas coisas podemos apreender. A dedicação laboral da mãe preta para com a família do senhor de escravos, por vezes foi descrita como um dos grandes exemplos nacionais de “amor infinito”, porque neste imaginário, esta mulher se dedicava a garantir o cuidado e a sobrevivência daquelas crianças que depois seriam os próximos senhores ou senhoras a prescreverem castigos físicos, tanto a ela própria, quanto aos seus filhos. As representações em torno dessa figura no imaginário nacional eram da mulher negra que dedicava uma vida abnegada de amor e lealdade às famílias dos seus senhores (LOPES, 2020), um objeto passivo (GONÇALVES, 2020[1984]). Raquel Barreto (2005) destaca que diferente das considerações de Gilberto Freyre, Lélia advogou que a mãe preta não exercia suas funções por amor ou bondade, mas sim pelas imposições da escravidão. (BARRETO, 2005) Lélia Gonzalez ainda destaca a racionalidade da elite escravocrata de época que só aproximava a figura de pessoas negras a qualquer característica humana quando estes corpos estavam ao seu serviço (GONZALEZ,2020[1988])³⁹. Nesse cenário, o amor verdadeiro é aquele infinito que apenas considera as necessidades daquele a quem “o amor se relaciona”. O extremo abrir mão de si é a abnegação representada nesse imaginário.

Em contraste com o imaginário idealizado da abnegação, bell hooks argumenta que o pressuposto do amor é nos tornar quem somos completamente (HOOKS,2020[2000]). A essência do amor verdadeiro, também argumenta bell hooks, são indivíduos que se vêem como realmente são, e conhecer a nós mesmo como somos é um exercício assustador, tão difícil quanto conhecer o outro. Por isso que o amor verdadeiro requer trabalho, “Uma vez que o verdadeiro amor lança luz sobre aqueles aspectos de nós que queremos negar ou esconder, permitindo que vejamos quem somos claramente e sem vergonha, não é surpreendente que tantos indivíduos que dizem querer conhecer o amor se afastem quando esse amor lhes acena” (HOOKS, 2020 [2000], p. 215). Por isso aqui o autoconhecimento é importante para bell hooks, reconhecer nos mesmos e os outros é parte fundamental do amor.

O segundo livro sobre amor escrito por bell hooks é de uma forma mais específica direcionado para pessoas negras “Salvation: Black People and Love”⁴⁰ que teve sua primeira publicação no ano de 2001, a autora disserta sobre a profunda complexidade do amor na comunidade afro-americana nos Estados Unidos dando destaque para um cenário que se estende desde a escravidão até os dias atuais (YANCY, DAVIDSON, 2009). A autora argumenta que não é de se chocar que a população negra seja desconfiada quando o assunto é

³⁹ Racismo e sexismo na cultura brasileira

⁴⁰ Tradução: Salvação: Pessoas negras e amor

amor, afinal foi um povo forçado a ver seus jovens vendidos, entes queridos serem espancados até ficarem irreconhecíveis, além de conhecer de perto a privação, a perda, o sofrimento e a separação forçada de familiares e parentes. E mesmo constatando esse nexo de causa e consequência, a autora ainda acredita que no sonho de algumas pessoas escravizadas estaria o desejo de um dia ter desenvolvida de forma plena sua capacidade de amar (HOOKS,2015[1993])

No contexto estadunidense, bell hooks argumenta o problema da ausência da temática do amor em debates públicos em que líderes negros trazem o assunto “crise da vida negra contemporânea”. E mesmo que nestes debates tenham importantes figuras de líderes religiosos negros cristãos, do islã e de outras religiões; mesmo para essas religiões o amor seja considerado fundamental, esse debate não é encarado (HOOKS, 2001, p.6). Para a comunidade negra estadunidense, homens e mulheres, bell hooks defende que a implementação de uma ética amorosa deva conduzir ao crescimento psicológico, social e espiritual: "sem uma ética do amor que molde a direção de nossa visão política e nossas aspirações radicais, somos frequentemente seduzidos de uma forma ou de outra em contínua fidelidade aos sistemas de dominação” (YANCY; DAVIDSON, 2009, p.218)

Martin Luther King é uma das figuras frequentemente mobilizadas por bell hooks, justamente porque em seus discursos e pregações o amor foi peça fundamental que orientou a luta pela liberdade na manutenção da crença da não violência. Apesar de trazer o amor como central, bell hooks reconhece que apesar de King aconselhar pessoas negras a importância de amar e não odiar os inimigos ou mesmo “odiar pessoas brancas”, ele não se ateu às questões do amor-próprio e do amor comunitário entre pessoas negras. (HOOKS, 2001). Uma das lacunas identificadas por bell hooks no discurso de King é por acreditar que pessoas negras para conseguirem amar seus inimigos, antes precisavam se amar. Essa é uma das grandes questões levantadas pela autora sobre o amor à negritude: Como amar o outro se você não se ama? (HOOKS, 2001)

Enquanto Luther King tinha se concentrado em amar os inimigos, Malcom X chamou-nos de volta a nós mesmos, reconhecendo que cuidar da negritude era nossa responsabilidade central. Malcom falou sobre amor em raras ocasiões e nelas ele falava para pessoas negras da necessidade de pessoas negras mudarem a forma que se vêem, chamando atenção para o pensamento racista internalizado. O ataque por líderes negros à filosofia de não violência de King fez parecer que o amor era para fracos (HOOKS, 2001, p. 8-9). Embora Luther King tenha frisado a importância do amor próprio negro, ele falou mais sobre amar nossos inimigos e para bell hooks, nem ele nem Malcolm viveram o suficiente para integrar plenamente a ética

do amor numa visão de descolonização que fornecesse um plano para a erradicação do auto-ódio negro. (HOOKS, 2006). Para bell hooks, ainda ao afirmar a incompatibilidade entre amor e poder, ao citar Carl Jung (HOOKS, 2020) e depois Harold Kushner, (HOOKS, 2001) ela vai se colocar contra pessoas ou movimentos que direcionam suas ações tendo o poder como fundamentação.

No capítulo 1 “amando a negritude como resistência política” do livro “Olhares negros: Raça e representação” (2019[1992]) de bell hooks, a autora descreve a percepção a partir de uma de suas experiências docentes em uma turma que a maioria se lia como liberais e progressistas sobre um interesse maior entre seus alunos sobre o auto-ódio das pessoas negras em detrimento do debate crítico sobre “amar a negritude”. bell hooks define as pessoas que “amam a negritude” como aquelas que num processo de descolonização mental rompem com o pensamento advindo da supremacia branca de que somos inferiores, inadequados ou marcados pela vitimização (HOOKS, 2019[1992]). No mesmo texto, argumenta-se que amar a negritude em contexto supremacista branco é tão ameaçador e grave para a ordem social que a punição a esse crime é a morte

Nessa linha, continua a autora, enquanto a ideia de sucesso material para pessoas negras for mais importante que a integridade pessoal e a luta pela autodefinição (descolonização mental + amor a negritude), enquanto continuarmos a sermos ensinados a rejeitar a negritude como forma de alcançar qualquer grau de autossuficiência econômica; sempre haverá crises da identidade negra. Em contexto brasileiro, Neusa Santos Souza no livro “Tornar-se negro” (1983), argumenta que o empenho de pessoas negras a conquistar a ascensão social tem sido pago com o massacre da sua identidade (SOUZA, 1983). A ascensão social, argumenta a autora, foi a forma encontrada por pessoas negras que, ansiando serem tratados como pessoas, vão buscar ocupar os lugares laborais que os cidadãos brancos e respeitáveis ocupavam, mesmo que buscando ser tratado como branco significasse deixar de ser negro. Mesmo que a ascensão social hora é incentivada e noutro momento bloqueado, a função deste se cumpria sempre: “fragmentar a identidade, minar o orgulho e dismantelar a solidariedade do grupo negro” (SOUZA, 1983, p. 21).

Desenvolvendo um pouco mais o sacrifício de conexões positivas com a cultura negra e a experiência com a negritude, bell hooks traz o romance *Praisesong for the Widow*⁴¹, como exemplo. Depois do casal Avey e Jay terem seus laços com a cultura negra rompidos motivados pela busca do sucesso material, com a morte de Jay, Avey começa a repensar o que

⁴¹ Tradução: Louvor a viúva

em tudo isso poderia ter sido diferente para que eles não tivessem perdido tal laço. Nesse sentido analisa hooks (2019[1992]):

Para recuperar a si mesma e retomar o amor pela negritude, Avey precisa nascer de novo. Neste estado de renascimento e despertar ela é capaz de compreender o que poderia ter feito, o que ela deveria ter buscado: "Consciência. Eu deveria ter procurado a consciência do valor que possuíam. Vigilância. A vigilância necessária para protegê-lo. Segurá-lo como uma joia fora do alcance dos invejosos que a destruiriam ou diriam que ela pertence a eles". Para se recuperar, Avey precisa reaprender o passado, entender sua cultura e história, reconhecer seus ancestrais e assumir a responsabilidade de ajudar outras pessoas negras a descolonizar seus pensamentos (HOOKS, 2019[1992], p.61)

bell hooks ainda consegue ver sentido em pessoas negras ou não brancas que se auto segregam como forma de se protegerem de interações objetificantes com a branquidade. Pessoas negras, ainda segundo a autora, podem querer estar longe dos brancos em espaços onde não sejam alvo de ataques racistas e ainda criar contextos em que possam “amar a negritude” como sendo uma posição válida para criar relações (HOOKS, 2019[1992]). Em espaços segregados pessoas negras ainda conseguem controlar suas representações ainda que constantemente projetamos imagens nossas a partir do auto ódio. Já em espaços colonizados e integrados para pessoas negras construir autoestima é preciso a promoção de espaços de descolonização (HOOKS, 2001)

Argumenta bell hooks (HOOKS,2015 [1993]) que uma das verdades privadas da vida negra que raramente é levada a discussões públicas, é o quanto mulheres negras sentem que vivemos vidas que tem pouco ou nenhum amor. Esse assunto traz tanta dor que mulheres negras raramente conseguem trocas integrais sobre ele. É por esse motivo que a autora deixa implícito a necessidade de trazermos a discussão sobre amor num capítulo específico sobre a saúde da mulher negra⁴². Muitas pessoas negras compartilham do entendimento do cuidado com o bem-estar material sinônimo da prática do amor e mesmo em contextos de privilégio material o amor pode ser ausente. Em lares negros, sendo mulheres negras muitas vezes as únicas provedoras, tentando a todo momento proporcionar os meios para bem-estar material; estas podem não se ver dispostas a cultivar a prática do amor. E nesse contexto, enquanto a

⁴² O amor é destacado por bell hooks sendo de tamanha importância para a vida da mulher negra que “o livro da saúde da mulher negra” deveria ter um capítulo para falar especificamente sobre amor. É uma curiosidade interessante que no Brasil o texto “Vivendo de amor” de autoria de bell hooks e traduzido para o português foi publicado em uma coletânea de Criola, organização política de mulheres negras sediada no Rio de Janeiro, no ano de 2000 e compôs “O livro da Saúde das Mulheres Negras: Nossos Passos vêm de longe”, organizado por Jurema Werneck, Maisa Mendonça e Evelyn C. White, especificamente alocado na parte dois, destinada a pensar as “Dores dessa vida”

dedicação ao cuidado no que se refere às necessidades materiais esteja presente; a necessidade de amar e ser amada poder ser negada (HOOKS,2015[1993]).

Não falar sobre relações saudáveis entre homens e mulheres negras tem nos prejudicado, argumenta bell hooks, porque nos deixa fixados apenas nas coisas que não estão dando certo ao passo que nos mantém afastados do conhecimento de experiências que estão dando certo e que poderiam nos informar em formas saudáveis das relações funcionarem. Esse cenário faz com que, por vezes, partamos do pressuposto de que não existe amor entre homens e mulheres negras. Ainda argumenta a autora que apesar de não ser tão noticiado, há um movimento de pessoas negras que buscam amor em outras pessoas negras (hooks,2005b) As discussões sobre amor ressaltam mais a sua falta que a sua presença e esse ponto para bell hooks é uma das questões. E por mais que haja pressuposições que insistem que amamos de forma instintiva, a realidade encontrada pela autora é que muitos de nós não só não temos certeza do que falamos quando este assunto entra em pauta, bem como não temos certeza de como expressá-lo.

Esconder ou reprimir totalmente a vulnerabilidade e “usar máscaras” é uma das formas que bell hooks identifica que pessoas negras encontraram para sobreviver numa sociedade supremacista branca. O grande problema identificado pela autora aqui é que a estratégia de sobrevivência construída em torno de mascarar sentimentos, mentir e fingir, e a criação da aparência de invulnerabilidade, até eram necessárias, mas hoje elas estão ligadas a uma desvalorização geral da vulnerabilidade. A interpretação da não vulnerabilidade como força emocional, mesmo que erroneamente, para a autora faz sentido, mesmo assim ela argumenta que essa estratégia não faz mais sentido hoje porque não precisamos mais temer violência extrema vinda das mãos de brancos racistas, não tendo lugar mais essas estratégias dentro ou fora dos lares (HOOKS,2005b). Nesse sentido, manter essas estratégias significa grandes prejuízos para nossas vidas íntimas, laços emocionais e íntimos. A incapacidade de sermos vulneráveis significa a incapacidade de sentir, enquanto o compromisso com a verdade entre nós cura os laços disfuncionais (HOOKS,2005b)

Por esse cenário desenhado e com o intuito de falar de amor a partir da sua presença, nos é oferecido formas radicais de se pensar o amor que se apresenta nas suas faces esperançosas e alegres. bell hooks argumenta ainda da necessidade de cruzarmos o limiar da dor para podermos conhecer a felicidade do amor, quanto mais fugimos da dor, mais estamos longe de conhecer a totalidade do amor (HOOKS, 2020[2000]). O amor não é o lugar onde nunca mais sentiremos dor, essa crença é falsa e não nos auxilia a lidarmos com a realidade que começar a amar não significa o fim do sofrimento e da dor. Contudo, o amor é o fator que

nos impulsiona para a consciência de nós mesmos e sobre a nossa realidade a ponto de nos oferecer instrumentos para lidar com ela de forma consciente.

A aceitação da dor é parte da prática do amor. Ela nos permite distinguir o sofrimento construtivo da dor autoindulgente. Como a promessa do amor nunca foi realizada em nossa vida, talvez a prática mais difícil seja confiar que a passagem pelo abismo doloroso conduz ao paraíso (HOOKS, 2020[2000], p.192)

Audre Lorde (2019) argumenta que algumas farsas baseadas fundamentalmente em ideologias de separação são aceitas por nós como se invenção nossa fosse (LORDE, 2019). Ao ver como pessoas negras ficavam presas ao auto ódio devido à baixa autoestima, bell hooks também se motivou para escrever sobre amor (HOOKS,2013). Para pessoas negras não permanecerem em sofrimento psicológico contínuo, bell hooks argumenta a necessidade de programas mentais que auxiliem na descolonização e disciplinamento da mente. Palestrando ao redor do mundo, a autora se deparou com pessoas que foram capazes de descolonizar suas mentes e identificou que essa mudança foi propiciada por profundos sentimentos de amor (HOOKS,2013b). O exemplo mobilizado pela autora testemunhos tanto de sobreviventes do holocausto quanto de ataques genocidas ao redor do mundo é sobre o poder que a mente desempenha ao encontrar força interior e permitir que a pessoa se sinta autorrealizada. Ao também relatar que pessoas escolhem caminhos espirituais distintos para conseguirem lidar e/ou eliminar estados mentais negativos, a autora relata que foi no budismo que ela encontrou ferramentas para ir além da política de culpa e possibilitou que ela se conectasse em compaixão com ela mesma e com outros seres. (hooks, 2013b)

Clélia Prestes (2018) argumenta com aporte em Fanon (2008) e Neusa Santos (1990) numa linha semelhante à defendida acima por bell hooks. Partindo de Fanon, há uma argumentação sobre a necessidade de superar a fixação a um passado de dores e apego forçoso a negritude, ao mesmo tempo que se supera a feridas e que o processo de conscientização aconteça. Esse exercício é destacado como importante pelo autor pois ao mesmo tempo que auxilia na compreensão dos efeitos do racismo, liga a pessoa ao presente. Ao mesmo tempo que reforça o compromisso dela com ela mesma e com os próximos. De Neusa Santos, compreende-se que ser negro significa apenas o compartilhamento de uma história de desenraizamento, mas sim o compartilhar o processo de transcendência a uma consciência alienada sobre a negritude. Nesse sentido ainda, falar de si faz parte do processo de adquirir uma nova consciência que respeite a diferença, mas que não aceita os vários tipos de exploração (PRESTES,2018)

Ainda nesse ponto, bell hooks argumenta que tendo o racismo impactado até hoje na vida de afro-americanos, há uma persistência do sentimento em muitos de nós de que nunca estaremos livres de sofrimento. Em um outro destaque da autora é no sentido de que a solidariedade política baseada na narrativa de pessoas negras sistematicamente no lugar das vítimas, coloca mais uma vez pessoas brancas no centro da questão (HOOKS, 2019[1992]). Essa sistemática, argumenta a autora, não só limita o nosso entendimento de como o racismo impacta a nossa vida, mas também nega a centralidade negra, a história e a própria agência negra que é uma história que vai além da dor. Esse ponto específico que a autora aborda, muito se relaciona com a defesa que ela empreende sobre urgência de transformarmos de forma crítica, as imagens que produzimos sobre a negritude. “Consideramos cruciais o tipo de imagem que produzimos, o modo como escrevemos e falamos criticamente a respeito delas.” (HOOKS, 2019[1992], p. 35)

Acho que você recebe mais recompensas por ser uma vítima. Acho que mesmo que a direita e outros digam, oh estamos cansados de negros dizendo que são vítimas, na verdade todos nós negros, sejam negros heterossexuais, negros que são gays, gays em geral, quanto mais você grita de vítima, mais você é ouvido. Quando você começa a tentar oferecer uma análise complexa que diria: pense em uma mulher que poderia tentar falar sobre ser estuprada que teria que dizer, bem, na verdade eu estava confusa, não tinha certeza ... Quero dizer, não deixamos espaço para uma narrativa emocional complexa. Acho que isso é parte do problema. Quando se fala em conseguir coisas boas do Estado ou de uma agência ou algo desse tipo, é sempre melhor ser uma vítima do que ser alguém que conta uma narrativa mais complexa. Assim, de certa forma, fomos empurrados para uma posição estranha. Sinto que as pessoas, particularmente os grupos que são oprimidos e explorados, sentem medo de que, se desistirmos de uma retórica de vitimização, desistiremos de toda aceitação; acho que isso é algo contra o qual temos que lutar. Temos que insistir na complexidade de quem somos. Eu sempre acho isso necessário ⁴³.(HOOKS,1998, p.15)

Ainda no assunto sobre a dor, o sofrimento e a representação, a proposição feita pela autora é sobre abandonar o vício do sofrimento e a queixa pelo que os brancos fizeram, pelo que os seus pais fizeram, seja pelo que seu parceiro fez ou até mesmo o que as crianças

⁴³ Mesmo que "cry" possa ser traduzido como chorar, mas aqui parece caber melhor gritar/espernear. Trecho original: I think you get more rewards for being a victim. I think that even though the rightwing and others say, oh we're tired of black people saying they're victims, in fact all us black people, whether black people who are straight, black people who are gay, gay people in general, the more you cry victim, the more you get heard. When you start trying to give a complex analysis that would say: think about a woman who might try to talk about being raped who would have to say, well, in fact I was confused, I wasn't sure ... I mean, we have left no room for a complex emotional narrative. I think that's part of the problem. When you talk about getting goodies from the state or from an agency or what have you, it's always better to be a victim than it is to be somebody who tells a more complex narrative. So in a way we've been pushed into a weird position. I feel people, particularly groups who are oppressed and exploited, feel afraid that if we give up a rhetoric of victimhood, we will give up all accountability; I think that's something we have to struggle against. We have to insist on the complexity of who we are. I always find this necessary.

fizeram. (HOOKS, 2003a, p 211). bell hooks identifica que a absorção passiva da mentalidade colonizadora significa a abdicação do poder de autodefinição (WATKINS, 1983)

Aqui a autora provoca pessoas negras, em um âmbito de escolhas pelos rumos da própria vida/escrita da própria história, em âmbito particular, tomar responsabilidade e escolher a liberdade que o exercício da agência nos leva a viver. O chamado de responsabilidade de bell hooks vem no sentido de argumentar que na caminhada por ela proposta da arte de amar, não há salvadores, não há que ficarmos esperando sermos salvos, nós mesmos por escolha seremos responsáveis pela nossa salvação. A responsabilidade aqui implica também em tornar-se sujeito: “A arte e a prática de amar começa com nossa capacidade de reconhecer e afirmar a nós mesmos” (HOOKS,2015[1993], p. 154)

Amor-próprio é a base de nossa prática amorosa. Sem ele, nossos outros esforços amorosos falham[...]. Quando interagimos com os outros, o amor que damos e recebemos sempre é necessariamente condicional. Embora não seja impossível, é muito difícil e raro que sejamos capazes de estender o amor incondicional aos outros, em grande parte não temos como exercer controle sobre o comportamento deles e não podemos prever ou controlar totalmente nossas reações e suas ações. Podemos, contudo, exercitar controle sobre as nossas. Podemos nos dar o amor incondicional que é fundamento para a aceitação e a afirmação sustentadas. Quando nos damos esse presente precioso, somos capazes de alcançar os outros a partir de um lugar de satisfação, e não de falta (HOOKS, 2020, p. 106-107)

Num sentido semelhante ao argumentado por Bruna Jaquette no livro “Dengos e Zangas” (2020) na realidade brasileira, bell hooks no texto “We real cool” analisa de forma crítica o que a comunidade negra estadunidense tem mobilizado em torno da expectativa de buscar um no outro o amor. Com uma série de expectativas adicionais de que as relações entre pessoas negras podem desfazer danos causado pelo racismo (hooks,2005b), há o alerta ao fato de que muitas das acepções deste conceito é na verdade o amor romântico sendo oferecido numa embalagem negra (PEREIRA, 2020). A concepção de amor negro que é mobilizada é o daquele que irá curar as feridas da pessoa que foram provocadas pelo racismo, mas para além do exercício de mapear os impactos do racismo na nossa vida, ainda é preciso, segundo bell hooks, examinar outros traumas tão doloroso quanto, mas que tem pouco ou nada a ver com o racismo (HOOKS,2005b, p.110). Para além da problemática de ser uma concepção que diminui a agência pois pressupõem a delegação da responsabilidade da cura para uma outra pessoa. O outro problema desta concepção é que do outro lado da relação também tem uma pessoa negra ferida pelo racismo e é uma carga gigantesca colocar como responsabilidade desta, a cura das feridas do racismo de uma outra.

No livro “We real cool: black men and masculinity” (2005b)⁴⁴ bell hooks ainda destaca que o impacto negativo do racismo nas nossas vidas nos leva a pensar que nunca estaremos livres do sofrimento, mas tal pensamento nega tanto a nossa história quanto a nossa agência (HOOKS, 2005b). E ainda aconselha hooks, se formos guiados pela prática do amor que se define como a combinação de cuidado, compromisso, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança; encontraremos o caminho para, com as ferramentas necessárias, construir uma autoestima saudável (HOOKS, 2005b). A autorresponsabilidade como exercício de agência no processo de autocura das feridas do racismo, é importante e reivindicado pela autora. E não, essa responsabilização não significa que a autora também não estabeleça que a branquidade tem suas cotas de responsabilidade neste processo. Se bem que a autora tem reconhecido pessoas que mesmo com muitos privilégios e nunca terem sofrido injustiças como sendo capazes de trabalhar a favor dos oprimidos devido as suas escolhas políticas (HOOKS, 2019[1992]). A solidariedade da branquidade com a negritude enraizada em ações é aquilo que deve substituir qualquer desejo utópico de pessoas brancas se tornarem negras pela “força da vontade”. Em contraste a argumentações que querer forçosamente levar a ver a branquidade como impotente e vítima frente a ordem social racista, a autora ainda argumenta que pessoas brancas podem escolher serem antirracistas 24 horas por dia (HOOKS, 2019[1992])

Felizmente, há pessoas não negras que se despiram de seu racismo de formas que lhes permitem criar laços de intimidade baseados em sua capacidade de amar a negritude sem assumir o papel de turista cultural. Ainda está por vir uma quantidade significativa de textos destes indivíduos que relatem como mudaram suas atitudes e resistem, numa vigilância diária, a voltar a contribuir com a supremacia branca (HOOKS, 2019[1992], p. 58)

Ao formar tal argumentação, a autora se recorda de pessoas brancas que se alinharam à luta por direitos civis e estavam dispostas a dar suas vidas para o fim do sistema de segregação racial. Essas pessoas, argumenta a autora, eram guiadas pelo amor. Por isso, o convite dela é que pessoas brancas “amem a negritude” como uma forma de resistência política. E amar a negritude, ainda segundo ela, pressupõe o processo de descolonização que muda a forma com que a branquidade vê a si e a negritude. (HOOKS, 2019[1992]). E neste ponto, os aliados não negros são importantes, pois eles estão produzindo imagens e narrativas sobre a negritude nas mídias, no sistema educacional, etc. Pessoas brancas, não negras, são capazes de engajar na luta da militância negra pelas transformações das imagens e quando

⁴⁴ Tradução: A gente é da hora: homens negros e masculinidade

acolhem para si e celebram o conceito de uma subjetividade não branca (HOOKS, 2019[1992]).

Mas ao entender que não há salvadores nesse processo, bell hooks argumenta o papel central de pessoas negras de desbloquear a capacidade de nos imaginarmos, nos vermos e nos descrevermos de formas libertadoras (HOOKS, 2019[1992]), pois “sem isso, como poderemos desafiar e convidar os aliados não negros e amigos a ousar olhar para nós de jeitos diferentes, a ousar quebrar sua perspectiva colonizadora?” (HOOKS, 2019[1992], p. 33). Tanto bell hooks, quanto James Baldwin, trazem para a cena a responsabilidade de pessoas brancas num processo de luta contra dominações e renúncia de seus privilégios dentro da supremacia branca (YANCY, DAVIDSON, 2009) pois esta é a forma de olhar e ver o mundo que nega qualquer valor a pessoas negras (HOOKS, 2019[1992])

3.2.4. Recuperar a si mesmo/a como ferramenta de autodeterminação

Audre Lorde (2019) identifica a problemática de vivermos a partir apenas de diretivas externas a nós, nosso conhecimento e nossas necessidades internas. Quando assim fazemos, vivemos de fora para dentro, porque nossa vida passa a ser limitada por modelos externos e alheios que nem sempre vão se fundamentar no que são as necessidades humanas ou individuais. Tendo isso em mente, a autora argumenta que vivendo de dentro para fora temos contado com o poder do erótico- a personificação do amor em todos os seus aspectos- e é este que passa a orientar nossas ações no mundo ao nosso redor. Mais importante que tudo é que reconhecendo nossos sentimentos mais profundos, passamos também a não nos satisfazer com o sofrimento e a autonegação que por vezes parece ser a nossa única saída numa sociedade fundamentada na opressão e na dominação (LORDE, 2019)

Muito articulada com a problemática de se equiparar amor ao cuidado, que frequentemente inunda imaginários com significados de abrir mão de si pelo outro, Raquel Barreto (2005) fala de um tema que ele considerou ser pouco explorado por Lélia, mas abordado por bell hooks que é o fato de mulheres negras serem colocadas sempre na posição de responsabilidade, de dar aos outros e do cuidado. A consequência disso seria que estas mulheres pouco desenvolviam sua individualidade (BARRETO, 2005). No presente trabalho, reivindicamos algumas entrevistas no fim da vida de Lélia nas quais ela sugere a importância da individualidade para pessoas negras: “Eu achava que tinha que estar em todas, me jogando loucamente, e meu projeto pessoal se perdeu muito, agora que eu estou catando os pedaços

para poder seguir a minha existência enquanto pessoa que sou” (GONZALEZ,2018[1991], p.390).

Para Lélia há uma distinção entre individualidade e individualismo e projeto pessoal, não quer dizer individualismo, mas sim a pessoa poder se ver na dignidade de ser humano. Lélia Gonzalez argumenta que muitas pessoas se perdem no meio do caminho ao sacrificar sua existência pessoal pelo movimento. Usando sua experiência como exemplo, relata que tentando estar em todas, o projeto pessoal dela se perdeu e que depois disso foi preciso pegar seus pedaços para seguir sua existência enquanto pessoa (GONZALEZ, 2018,2020[1991]). Lélia relata um processo no qual as pessoas saem machucadas e feridas. Ainda segundo a autora, a secundarização da vida pessoal pode ser justificada por uma falta de clareza política (GONZALEZ,2018[1991]). Lélia Gonzalez sugere aqui também a importância de seguir a existência também se vendo enquanto pessoa que dá lugar aos desejos nos projetos individuais como possibilidade de se enxergar enquanto ser humano numa dimensão holística e complexa.

Então me parece que esse equilíbrio é fundamental. Você constrói sua vida pessoal, você tem a possibilidade de ser universal, humano, de entender o todo, de sentir esse todo dentro de você. Então você não se sectariza, radicaliza mas não sectariza. E para isso tem que estar muito atento. Senão vai ser a grande dançada. A gente cansa, a gente morre na praia. (GONZALEZ,2018[1991], p.391)

A importância da “busca por si mesma” aparece como ponto importante na produção intelectual das autoras, mas é também no vivido, nas suas experiências que aprofundamos a importância da temática para as autoras. Nos relatos sobre relacionamentos afetivos das autoras, temos por um lado bell hooks que deixou uma relação, pois o companheiro não estava aberto ao crescimento pessoal e abertura emocional a qual ela deseja se dedicar (hooks, 2003), e por outro lado Lélia Gonzalez que também pôs fim a um relacionamento, porque ela buscava se conhecer e se encontrar olhando para dentro e em sua negritude enquanto seu companheiro estava mais interessado em fugir de si, se embranquecer (GONZALEZ, 2020[1986]).

Ao nos debruçarmos sobre o vivido e as obras de Lélia Gonzalez e bell hooks, compreendemos na junção das linhas e entrelinhas que a busca por elas mesmas tendo a afirmação positiva da negritude como guia é peça fundamental. Ao buscarem elas mesmas, elas exerciam e experienciavam o que elas propunham politicamente a outras pessoas negras. Assim como Avey, as autoras, nesta busca, retomaram seu amor à negritude porque elas reaprenderam sobre seu passado, entenderam sua cultura e história, reconheceram seus

ancestrais e assumiram a responsabilidade de ajudar outras pessoas a descolonizar seus pensamentos (hooks, 2019[1992]): “Amar a negritude como forma de resistência política, transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (hooks, 2019[1992], p. 63).

Na vida de Lélia Gonzalez, a psicanálise foi importante pois enquanto ajudava a intelectual a se abrir e a se conhecer mais, também a possibilitou buscar suas origens e sua ancestralidade. A busca da ancestralidade pelo candomblé foi um dos marcos que auxiliaram a intelectual a se encontrar em sua negritude (BARRETO, 2005), também foi no processo psicanalítico que a intelectual se reconecta com o papel de sua mãe e compara com a realidade de pessoas negras. (BARRETO,2005). O conhecimento e o amor ao corpo, para Lélia, eram muito importantes: “‘Quando eu olhava no espelho’, diz, ‘eu não enxergava um corpo negro. Comecei a acreditar até mesmo em reencarnação, achando de um jeito subliminar que talvez eu houvesse feito algo de errado em uma vida passada e que por isso eu era negra.’” (GONZALEZ, 2020, p. 283). Na literatura de Toni Morrison, bell hooks identificou que a personagem Pecola por não vincular a brancura opressiva como brancura fantasiosa que ela almejava que para ela a brancura vai significar “uma ausência da vontade de dominar e perpetuar violência contra outros” (WATKINS, 1983, p.65). Para Pecola a brancura idealizada é um refúgio espiritual onde tudo é felicidade e harmonia que contrasta com a negritude que no mundo de Pecola representa dor e violência contínua (WATKINS, 1983). A espiritualidade, o espaço oculto, teve também influência na construção da consciência das intelectuais, e é no poema de Beatriz Nascimento (2018) que começamos a pensar essas conexões para depois aprofundar:

Abrangendo todo o espaço físico visível e oculto, como luz intermitente: lobos famintos dos mais miserável outro de poder, antropófagos que não respeitam nenhum ritual, solução do esforço dos que iniciam. Surdos aos promotores do bem, elegem vítimas e as tornam assim, mesmo que elas não existam. Querem mártires na proporção da sua ambição e os fazem em vida. Eu nego, como neguei. Não sou vítima de nada e nem ninguém. Possuo meu próprio ritmo, e como humana realizo muito pouco dos meus desejos; mas somente o fato de desejar já realizei parte de mim e do mundo, o instante pleno da felicidade, nos caminhos tortuosos que ainda são os caminhos. (NASCIMENTO,2018, p. 476)

Lélia por um lado destaca a importância do conhecimento- consciência (ALMEIDA apud BARRETO, 2005) e por outro bell hooks destaca a importância da consciência sobre a realidade para interromper os condicionamentos da realidade social circunscritas com base na dominação e na opressão. Sendo, o amor-próprio também fundamental nesse processo ético, o

processo de descolonização deve necessariamente passar por um processo em que o amor-próprio seja praticado e privilegiado (YANCY; DAVIDSON, 2009). No livro “Rock my Soul: Black People and Self-esteem” (2003)⁴⁵, que também é um livro sobre masculinidade, no capítulo 15 de nome “Recovery: A Labor of Love”⁴⁶, bell hooks ao falar sobre pessoas negras e autoestima, argumenta que num contexto de supremacia racial branca é muito difícil o trabalho para pessoas negras construírem autoestima, mas este não pode ser visto como impossível. Destaca que o coração ferido aprende o amor-próprio quando começa a superar a autoestima. Uma das dimensões importantes da construção da autoestima é o “viver consciente”, bell hooks destaca esse ensinamento do livro “Auto estima e seus seis pilares” de Nathaniel Branden, e continua “viver conscientemente significa pensar criticamente sobre nós mesmos e o mundo em que vivemos” (HOOKS,2020[2000], p. 95) A autora traz a ideia de que o amor próprio é visto por muitos como uma simples ideia narcísica ou até mesmo egoísta demais, contudo ela argumenta que o amor próprio é a base para nossa prática amorosa.

Lélia detestava que as pessoas não tivessem conhecimento, principalmente nós mulheres negras, tínhamos que ter conhecimento da nossa posição perante essa sociedade massacrante. A gente tinha que amar o nosso corpo, a gente tinha que ter posição, a gente tinha que ter conhecimento de tudo. Para poder se libertar dessa internalização branca, desse embranquecimento que foi colocado (ALMEIDA apud BARRETO, 2005, p.23)

A visão de nós mesmos a partir do amor pressupõe o aprendizado que precisamos fazer mais que sobreviver para viver plenamente (HOOKS,2015[1993]). O que para pessoas negras vai significar a constante negação da necessidade de conhecer o amor, bem como encarar o auto ódio e o racismo internalizado que tem sido as pedras no caminho entre pessoas negras e o amor. Do outro lado dessa moeda, bell hooks descreve uma experiência da pessoa negra que concebe que suas necessidades individuais não são tão importantes quanto lutas coletivas contra o racismo e o sexismo no qual até mesmo a busca por consolo emocional depois de um episódio traumático e doloroso é projetado como inadequado (HOOKS,2015[1993]).

bell hooks sugere a cura através da consciência e que coletivamente quando através da resistência política “amamos a negritude” criamos as condições necessárias de movimento contrário às forças de dominação e morte que atravessam a vida negra, são estas: as

⁴⁵ Tradução: Embale minha alma: Pessoas negras e autoestima

⁴⁶ Tradução: Recuperação: uma obra de amor

transformações nas nossas formas de ver e ser. Ainda sobre cura, a autora destaca que ela pode começar quando descobrimos e enfrentarmos em nós mesmos o pensamento supremacista branco internalizado, o auto ódio e a baixa autoestima bem como aprender a verdade sobre como operam os sistemas de dominação; a consciência é central pra o processo de amor como a prática da liberdade (HOOKS, 2006). Há um destaque também da importância de admitir e aceitar a diferença de forma positiva enquanto empreende-se o trabalho de acabar com a supremacia branca.

Lélia Gonzalez e bell hooks fazem ligações entre as experiências individuais e coletivas, argumentando que tanto em projetos pessoais quanto o bem-estar emocional (HOOKS,2015 [1993]) são tão importantes quanto as lutas coletivas contra o fim de opressões. As autoras ainda identificam que as duas dimensões estão ligadas, uma vez que estar bem com o seu projeto individual por exemplo, ao passo que isso faz a pessoa se sentir conectada com o todo, faz com que esta consiga acessar a capacidade de compreensão sobre também o que está acontecendo em seu entorno. (GONZALEZ,2018,2020). É nesse sentido que bell hooks ainda argumenta que o início e a arte do amor se dão com a nossa capacidade de nos afirmar e nos reconhecer (HOOKS,2015 [1993]).

3.2.5 A comunidade e os laços de solidariedade

bell hooks e Lélia Gonzalez desenham, cada uma em seu contexto, e a partir de suas experiências, projetos políticos para pessoas negras e os ideais desejáveis para construções de sociedades democráticas, nas quais a afirmação das diferenças seja valorizada como fundamento de laços sociais de solidariedade. Tais projetos políticos são desenhados nas proposições de comunidade amada de bell hooks e da amefricanidade de Lélia Gonzalez, temos o desenho da construção de vinculação com base na solidariedade. Em termos ideológicos, sugere Lélia, se aproximar da comunidade significa maior segurança e a diminuição das possibilidades de internalização da ideologia do branqueamento (GONZALEZ,2020[1986]). Por outro lado, bell hooks acredita que vivemos uma crise espiritual de desumanização, diminuição da capacidade de amar e da internalização do racismo e do auto ódio. Essas feridas em nossa comunidade, se apresentam em diversas camadas e a cura não pode ser pensada de forma isolada, mas sim em relação aos outros, nos relacionarmos a partir da ética do amor (YANCY; DAVIDSON, 2009):

Essa é uma grande crise cultural neste momento, e uma das coisas que pode resolver essa crise é a vivência da comunidade porque ninguém é curado isoladamente, e quando começamos a trabalhar com os outros, temos que nos engajar em todas essas coisas de que estamos falando: compaixão, perdão, vontade de ouvir, de ouvir a diferença, vontade de ser inclusivo e todos esses ingredientes se juntam para que possamos experimentar a alegria da comunidade⁴⁷(hooks, 2012, p. 86)

No livro “Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano”, Grada Kilomba (2019) ao pensar separação, ou seja, a fragmentarização histórica da escravidão e do colonialismo, evidencia que esta história se centra no drama da desunião, separação e isolamento. Foram vários os esforços de pessoas negras escravizadas, tanto para manter um vínculo de conexão, quanto para manter a normalidade numa realidade fragmentada. A tese levantada pela autora é que não por acaso que nos livros “All about Love: New Visions”⁴⁸ e “Salvation: Black People and Love”⁴⁹, bell hooks escreva sobre amor e união como projeto político para pessoas negras (KILOMBA, 2019). Mais que um projeto político para pessoas negras, bell hooks nos oferece outros parâmetros pelos quais pessoas negras se incluem entre e si, e também lança bases para pensar uma sociedade em que os vínculos de solidariedade entre os diferentes povos não povoam nosso imaginário apenas como um campo utópico do desejo. bell hooks, a todo momento, ao falar sobre amor, argumenta a necessidade de construção de uma “beloved community”⁵⁰. A comunidade amada é a proposta de bell hooks para que a nossa sociedade se mova em direção ao amor. Quando bell hooks desenvolve a ideia de comunidade amada é o momento em que ela traz de forma mais evidenciada a influência do budismo em sua vida.

O argumento central defendido por bell hooks, na sua tese de doutorado, é que os livros de Toni Morrison “Olho mais azul” e “Sula” mantem entre si uma relação de continuidade e interligação sendo a figura das comunidades ponto central. Toni Morrison teria usado a figura de comunidades negras, tanto no contexto de segregação, quanto nas seguintes etapas de integração para traçar as várias etapas do desenvolvimento da história social negra e como estas comunidades foram sendo alteradas por forças fora do alcance do controle de seus habitantes que tiveram suas vidas radicalmente mudadas. No que se refere às personagens de Claudia aprendeu-se o triunfo autorealização e de Pecola a visão radical de mundo

⁴⁷ Texto original: That’s a big cultural crisis right now, and one of the things that can solve that crisis is the practice of community because no one is healed in isolation, and as we begin to work with others, we have to engage all of these things we are talking about: compassion, forgiveness, a willingness to listen, to hear difference, a willingness to be inclusive and all of those ingredients come together to make it possible for us to experience the joy of community

⁴⁸ Tradução: Tudo sobre amor: novas perspectivas

⁴⁹ Tradução: Salvação: Pessoas negras e amor

⁵⁰ Tradução: comunidade amada

transformado no qual a dominação não é o único modo possível de influência e comunicação entre as pessoas. As comunidades fictícias de Toni Morrison foram discutidas num contexto em que se pensava a ficção como forma de recuperar os aspectos positivos da história negra que eram ignorados (WATKINS,1983).

bell hooks inspirada pela ideia de comunidade amada de Martin Luther King, também vai desejar essa comunidade e desenvolver sua própria concepção sobre ela. Para bell hooks, King foi quem a guiou na compreensão da importância da comunidade amada ao trazer a ideia de que pessoas envolvidas com instituições de opressão apenas vão subverter as lógicas de dominação quando engajados com as pessoas que buscam uma saída para esses sistemas de prejuízo e violência (BROSI, HOOKS, 2012). Segundo a autora, a ideia de comunidade amada de Martin Luther King se baseia na ideia de a raça ser esquecida ou transcendida. Martin Luther King nos ofereceria uma ideia de sociedade que não via cores, baseada na justiça e no amor, na qual pessoas brancas e negras poderiam viver juntas em harmonia (HOOKS, 2009). Por outro lado, bell hooks compreendendo as limitações da sociedade pensada por King, sugere a possibilidade da comunidade amada sem a necessidade de que diferenças raciais sejam apagadas ou esquecidas (HOOKS,1995c). bell hooks advoga por uma sociedade em que as diferenças raciais possam ser afirmadas sem dor (HOOKS,1995c), num exercício em que as diferenças de identidade e de cultura possam ser reafirmadas uma vez que não haveria a necessidade de abrir mão dos nossos laços de origem para formar tal sociedade.

Com a ideia de comunidade amada, bell hooks acredita que podemos criar laços de solidariedade entre as diferentes raças e ainda argumenta que buscar esse tipo de sociedade não é uma busca à uma utopia ingênua, mas sim afirmar uma sociedade pela qual muitas pessoas lutaram e perderam suas vidas em nome de, como o exemplo o movimento por direitos civis nos estados unidos. (HOOKS,1995c). Para aqueles que ainda acreditam ser uma ideia demasiadamente utópica, a comunidade amada proposta por bell hooks, afirma que as experiências de amor nos nossos pequenos ciclos de amizades e relacionamentos nos faz crer na possibilidade de expandir essa experiência para uma dimensão maior e se pensar uma sociedade. E é neste momento que a autora lança mão da sua experiência de luta no sul segregado dos Estados Unidos, no qual ela conseguiu encontrar um vínculo de solidariedade com pessoas brancas na luta, pessoas estas que estavam dispostas a dar suas vidas pela causa (HOOKS,1995c). O amor então na sociedade proposta por bell hooks tem o papel de nos fazer radicalizar na arena política e ao contrário do que muitos desejam o amor não vai nos deixar cegos frente ao racismo sistêmico, por exemplo. O amor é aquele que quando envolvido em

ações políticas concretas também vai significar sacrifícios, sendo, portanto, uma forma de desafiar a supremacia branca. (HOOKS,1995c)

Ainda na esteira da teoria de bell hooks sobre amor, também quando falamos sobre a proposta de sociedade da autora, ela destaca que não alcançaremos uma comunidade amada apenas na teorização; a comunidade amada para ser construída exige que nós levemos em consideração as explicações e os exemplos e apliquemos efetivamente nas nossas vidas (hooks,2003b). As comunidades que construímos com os nossos amigos é um dos exemplos que a autora mobiliza, segundo ela, aqueles entre nós que não tiveram em suas famílias a primeira escola de amor é no âmbito das amizades que encontram a possibilidade de experienciar efetivamente comunidades amadas com base no carinho, respeito, conhecimento e empenho em promover o crescimento. A realização de amizades amorosas nos possibilita experimentar relacionamentos nos quais aprendemos a processar nossos problemas e mantermos os vínculos mesmo lidando com as diferenças e conflitos (HOOKS,2020[2000]).

Para bell hooks ainda, que pessoas brancas que abrissem mão da dominação com base na raça podem se ligar a pessoas negras e formar a comunidade amada que nos levaria a viver uma vida que nos aproximasse da verdade da nossa essência humana (HOOKS,2003b). Por isso também uma das chaves da comunidade amada é lutar contra todos os medos e xenofobias (HOOKS,2012). Sobre conflitos, bell hooks (2012) relata que tanto no movimento por direitos civis, movimento por poder negro, quanto nos movimentos feministas ela observou que os conflitos eram vistos como algo extremamente negativo, mas a autora argumenta que não há comunidade sem conflito. Nesse sentido, mais que tudo, a capacidade de resolver o conflito é que será o fator inspirador para lidar com este, aqui o compromisso com a comunidade é quem nos apresenta maneiras de resolver tais conflitos. E por isso, bell hooks advoga que repensar nossa sociedade é um trabalho de justiça, uma justiça restaurativa (HOOKS, 2012). Fazendo da justiça restaurativa um dos pontos centrais da comunidade amada, temos também como central aqui a ideia de reconciliação e aqui importa para autora trazer a ideia de substituímos a ideia de culpa e colocar no seu lugar a noção de responsabilidade, mesmo que haja vítimas as responsabilidades pela cura são compartilhadas (HOOKS, 2012).

Se pensarmos em como o patriarcado capitalista, imperialista e supremacista branco se impôs globalmente, ele se impôs em torno do conceito de estar certo. Até que possamos nos afastar desse tipo de pensamento absolutista, não podemos ter a amada comunidade. A maioria das pessoas pensa que comunidade significa que todos nós pensamos de forma semelhante, ou que todos estaremos tomando uma mesma ação, quando a comunidade genuína é inclusiva e diz: "Na verdade somos

diferentes, mas parte daquilo em que estamos trabalhando é sobre como estamos juntos em nossa diferença".⁵¹ (hooks,2012, p.82)

No site “Lion’s’ Roar: Buddhist Wisdom for our time” em 24 de março de 2017 é publicado um artigo-diálogo entre bell hooks e Thich Nhat Hanh,+ no qual o assunto principal é a construção da comunidade amada intitulado “Building a Community of Love: bell hooks and Thich Nhat Hanh”. No dia 7 de maio de 2020 a tradução livre em português do artigo no Portal do Geledés, instituto da mulher negra. bell hooks argumenta que quando amamos a nós mesmos amamos a nossa comunidade e mais que isso, percebemos melhor o amor quando estamos em comunidade, ao passo que, por exemplo, até mesmo a tradição intelectual do ocidente é individualista e não baseada na comunidade. Por isso a autora acredita que o amor que procuramos neste milênio é o amor em comunidade que vai além do individualismo.

No capítulo 8 do livro “Tudo sobre amor: novas perspectivas” (hooks, 2020[2000]), de nome “Comunidade: uma comunhão amorosa”, acompanhando a definição de Peck de comunidade como “reunião de grupo de indivíduos”. A autora argumenta que não há lugar melhor para compreender o amor que não em uma comunidade, local este em que mulheres e homens se organizam para garantir a sobrevivência. O melhor lugar para compreender o poder da comunidade segundo a autora, é a família estendida ou redes de comunidade; contudo só é possível criar essa comunidade, segundo a autora, quando houver uma comunicação honesta entre os indivíduos dessa comunidade. Por mais que participar de uma comunidade amorosa não signifique que não enfrentaremos resultados negativos ou coisas ruins, contudo o amor vai nos permitir enfrentar as realidades negativas de formas que elevem e afirmem a vida (HOOKS,2020[2000]). bell hooks argumenta que uma das dimensões necessárias da comunidade é o sacrifício pois abrir mão é uma maneira de sustentar o bem-estar coletivo.

No artigo "Políticas de amor e sociedades do amanhã" (2019) de Vinícius Rodrigues Costa da Silva e wanderson flor do nascimento trabalham os conceitos de "política/ética do amor" em bell hooks, “sociedade de inimizade” de Achille Mbembe e do pensamento de Sobonfu Somé a importância do "espírito". Sociedades das inimizadas, como identificado pelos autores, a negritude é o signo de morte que prevalecendo, portanto, uma ligação com

⁵¹ Texto original: If we think of how imperialist, white supremacist, capitalist patriarchy has pushed itself globally, it's pushed itself around a concept of being right. Until we can move away from that kind of absolutist thinking, we can't have the beloved community. Most people think that community means that we all think alike, or we'll all be taking the same action, when genuine community is inclusive and says, “We're actually different but part of what we are working towards is how to be together in our difference.”

estados genocidas. Em contraposição, os autores chamam de sociedade do amanhã aquelas que trazem o amor como algo essencialmente político e “que a política seja baseada em um desejo amoroso de que os encontros, mesmo quando atritados, não precisem ser destinados ao ímpeto de exterminar a figura do outro entendido como inimigo.” (SILVA, NASCIMENTO, 2019, p.176). A política do amor ainda como proposta no trabalho, rompe com o projeto colonial e é capaz de ser aplicável às sociedades de inimizades transformando-as assim em sociedades do amanhã. Este último projeto de sociedade que, baseado nos ensinamentos de Sobonfu Somé, é guiado pelo espírito que não só une, mas possibilita a existência da comunidade. Trazendo a ideia do espírito para pensar a comunidade na perspectiva da sociedade do amanhã, ele, argumentam os autores teria o papel também de humanizar nossas relações.

No livro “O espírito da intimidade: Ensinamentos ancestrais africanos sobre formas de se relacionar” (2009) Sobonfu Somé traz uma ideia de comunidade que muito se assemelha aquela proposta de sociedade pensada por bell hooks. Renato Nogueira (2020) argumenta que para Sobonfu Somé a garantia do bem-estar é de responsabilidade coletiva e o amor assim não sendo uma busca egoísta pois este não existe para satisfazer nossas fantasias (NOGUERA, 2020). No “O espírito da Intimidade” a autora nos ensina que a comunidade é o grupo de pessoas reunidas com um objetivo específico, nesta esteira ajudando uns aos outros a se cuidarem e a realizarem seus propósitos. A comunidade está ali e é sua responsabilidade garantir que seus membros sejam ouvidos e que assim possam contribuir com a comunidade por meio das habilidades que trouxeram consigo ao mundo. Sem a possibilidade da comunidade, a pessoa não tem onde demonstrar as suas habilidades e muito menos realizar seus propósitos. Nesse sentido, entende-se também que comunidade é doação, na qual cada um de seus membros tem a responsabilidade por parcela da realização do objetivo comum específico pelo qual aquela comunidade se reuniu (SOMÉ, 2009). Segundo a autora, a verdadeira comunidade deve ser guiada pelo espírito. A autora ainda ressalta a possibilidade de se criar uma noção de comunidade mesmo para aquelas pessoas que vivem no ocidente, seja em grupos voluntários em questões sociais, grupos de apoio ou todo outro grupo que busca um objetivo comum (SOMÉ, 2009). A diferença desta comunidade para aquela, é que esta não é guiada pelo espírito como deveria ser uma verdadeira comunidade. A comunidade descrita por Somé tem uma forte carga de corresponsabilidade de cada membro pelo bem-estar uns dos outros.

Para criar uma comunidade que funcione, é preciso observar cuidadosamente alguns dos seus fundamentos: espírito, crianças, anciãos, responsabilidade, generosidade, confiança, ancestrais e ritual. Esses elementos formam a base de uma comunidade. Não é preciso começar com muita gente. Preferiria um círculo de poucos bons amigos a me perceber em uma multidão de pessoas, as quais não ligam umas para as outras. (SOMÉ, 2009, p. 46)

As conceituações de comunidade propostas por Sobonfu Somé e bell hooks se assemelham em muitos aspectos, mas aqui nós destacamos a importância que as autoras dão para o espírito, e também ao trazerem as amizades que cultivamos na vida como possibilidade de no ocidente vivermos a efetiva realização de comunidades amadas. Um pouco diferente da proposição das duas autoras, mas também baseada na ideia da necessidade de construção de vínculos de solidariedade para a construção de sociedades, temos a proposição de amefricanidade de Lélia Gonzalez.

A proposta da categoria político cultural da amefricanidade, para além da crítica feita a uma exclusão da experiência negra fora dos Estados Unidos (GONZALEZ, 2020[1988])⁵². Lélia propõe a categoria para pensar a experiência negra na diáspora que também leve em consideração as experiências negras nas Américas Central, Sul e Caribe. A ideia da autora então é romper com os limites ideológicos, linguísticos e territoriais a fim de que possamos privilegiar a consciência efetiva do que realmente somos (GONÇALVES, 2020[1988], p. 235). Para Lélia, mesmo sendo oriundos de diferentes sociedades poderíamos construir uma unidade específica que fosse uma criação tanto nossa quanto dos nossos antepassados localizados no continente em que vivemos, mas inspirados em África. A argumentação da autora é que a amefricanidade tem na diáspora uma experiência histórica comum que precisa ser conhecida e pesquisada. Cabe destacar que para Lélia, a solidariedade poderia emergir a partir do reconhecimento de uma experiência histórica comum (GONZALEZ,2020[1983]). Para além da experiência histórica comum, um outro fator que também liga a amefricanidade é a experiência do racismo:

Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o racismo, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação, cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim como parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades (GONZALEZ,2020[1988], p.135)

A categoria ainda traz mulheres negras e indígenas como protagonistas na luta por resistência, resgate e reinvenção. É neste ponto portanto que a autora desloca essas figuras

⁵² A categoria político cultural da amefricanidade

para o *locus* de sujeitas políticas antagonizando assim com o lugar de objeto/comodities que a supremacia branca e escravocrata historicamente renegou à essas figuras. Lélia ainda reivindica a importância da categoria afrocentrada ao dizer que esta permitiria o resgate “de uma unidade específica” que pode ser vista dentro das diversas sociedades bem como comparada entre as diversas partes do mundo. Lélia Gonzalez (2018,2020 [1988]) então, está reivindicando a unidade cultural e política que a diáspora negra levou pessoas negras a desenvolver, com base em dinâmicas de adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas. Por ultrapassar limites linguísticos, geográficos e ideológicos, ao mesmo tempo que incorpora novas perspectivas, segundo Lélia, a categoria é extremamente democrática (GONZALEZ,2020 [1988]).

3.2.6 Espiritualidade

mulheres negras de espiritualidade tão intensa, tão profunda, tão inconsciente, que elas mesmas desconheciam as riquezas que retinham. Elas vagavam cegamente por suas vidas: criaturas tão abusadas e mutiladas em seus corpos, tão ofuscadas e confusas pela dor, que se achavam indignas até de esperança.

(Alice Walker)

É principalmente nas trajetórias de bell hooks e Lélia Gonzalez que vamos ter a dimensão da espiritualidade. O desejo de se afastarem da confusão e do ofuscamento da dor, fez com que as autoras buscassem no inconsciente o rico, profundo e intenso poder da espiritualidade. A espiritualidade parece ser para ela a ferramenta que auxilia aos afastamentos da confusão e do ofuscamento que a dor produz. O entendimento da relação das autoras com a espiritualidade facilita a compreensão do lugar que elas reservam para ela em suas produções teóricas.

Uma das dificuldades de algumas pessoas com a definição de amor que a autora segue é o uso da palavra “espiritual” que é referido por Scott Peck como “aquela dimensão de nossa realidade mais íntima em que a mente, o corpo e o espírito são um só” (hooks,2020, p.55). A prática do amor, segundo bell hooks, exige um amadurecimento espiritual que pode ser levado a cabo, tanto dentro, quanto fora de instituições religiosas. A autora encoraja que pessoas negras adeptas de instituições religiosas retomem as leituras de seus livros sagrados, principalmente, os escritos sobre amor e que estes abracem os ensinamentos como guias para

levar a vida. Esse movimento de volta para as escrituras como guias, segundo a autora é importante pois libera o amor de preocupações sectárias e estreitas, levando a possibilidade da prática do amor sem os dogmas e prescrições institucionais (YANCY; DAVIDSON, 2009). É também nesse ponto que a autora deixa evidente a sua dúvida quanto instituições religiosas tradicionais serem capazes de fornecer sustentação espiritual ou até mesmo fundamentação para a ação política. Há então um evidente esforço de oposição, empreendido pela autora, a habitual associação de religião com as necessidades espirituais. (YANCY, DAVIDSON, 2009) .

Para tratar da dimensão da espiritualidade no amor - capítulo 05 “espiritualidade: o amor divino” do livro “tudo sobre amor: novas perspectivas” (2020[2000]), a autora trata especificamente sobre espiritualidade, que não se baseia especificamente a práticas religiosas, contudo se vincula fortemente com a dimensão da necessidade identificada por hooks como a necessidade da comunidade amada. A autora argumenta que ao falar sobre espiritualidade ela se refere ao “reconhecimento dentro de cada um de nós, que existe um lugar de mistério na nossa vida onde forças que estão além do desejo ou da vontade humana alteram as circunstâncias e/ou nos guiam e nos direcionam” (HOOKS,2020[2000], p.114). hooks é enfática ao dizer que cada pessoa precisa escolher pelas práticas religiosas que mais vai contribuir para a sua vida. O despertar para o amor, segundo bell hooks, também é um despertar espiritual.

A autora destaca a compreensão de que espiritualidade e religião são diferentes, uma vez que ela admite ser possível estabelecer uma vida espiritual sem ter o intermédio de uma religião por essência, destacando que para ser significativa, a prática espiritual não precisa estar necessariamente relacionada a uma religião organizada, pois diversas pessoas encontram fora desses contextos conexões sagradas. A autora acredita que uma pessoa pode estar em contato com a espiritualidade através de uma conexão com a natureza e argumenta ainda que uma pessoa não precisa ser adepta à uma religião para conseqüentemente e necessariamente acreditar que exista uma força vital, que quando nutrida aumenta a capacidade do ser humano de entrar em comunhão com o mundo que o rodeia (HOOKS,2020[2000]). bell hooks ao falar do espiritual se refere aquele reconhecimento que cada pessoa tem sobre a existência de um lugar na vida que é circundado de mistério no qual acreditamos agir forças que estão para além do desejo ou da vontade humana (HOOKS, 2020[2000])

Audre Lorde (2019), argumenta que a separação do espiritual, que na compreensão da autora abarca emocional e psíquico e político, serve a uma dicotomização entre eles que é falsa. Para autora é o erótico - a personificação do amor em todos os seus aspectos – que liga

espiritual e político. Também separar o espiritual do erótico leva a um mundo de afetos rasos. É o erótico que nos convoca ao nosso profundo conhecimento. Nesse sentido, a pessoa ao reconhecer o erótico em sua vida (ligando espiritual e político), tem acesso ao poder que oferece a energia necessária para a execução de mudanças efetivas no mundo ao nosso redor (LORDE, 2019). Lélia Gonzalez e bell hooks não falaram especificamente sobre o erótico, mas por diversas vezes elas mobilizaram o sentimento de se ver parte do todo, o sentimento de fazer parte da humanidade: esses que são o prazer em viver, triunfar sobre um mundo que odeia a negritude (WATKINS,1983) e também fazem parte do erótico.

Ao entrar na temática de espiritualidade, Lélia Gonzalez, traz também sua experiência e relata haver uma necessidade grande de se identificar com o branco, que em alguns casos esta necessidade se realiza por meio de Jesus Cristo, o Evangelho e a Bíblia. A autora ainda relata uma época da vida em que ser “espiritualista”, sendo espírito e não corpo, foi uma forma dela de não ver e não lidar com seu corpo, rosto, cabelo, lábios e nariz que carregavam o peso da negritude. Ser espírito significava não ter problemas pois era possível sair desse mundo. A fase espiritualista então, relatada por Lélia, significou para a autora uma fase de grande internalização da ideologia do branqueamento pois ali ela rejeitava seu corpo negro (GONZALEZ, 2020[1986]). Neste caminho, no livro “Tornar-se negro” (1983), Neusa Santos Souza argumenta que o negro tomando o branco como modelo de identificação como forma única se se tornar gente, foi se afastando dos valores originais presentes na religiosidade de matriz africana (SOUZA, 1983, p.18)

Alex Ratts e Flavia Rios (2010) argumentam que o candomblé para Lélia Gonzalez, foi organizador psíquico social e nele, mesmo sem se iniciar como filha de Oxum e Ogum, a autora imergiu de forma profunda. Nas falas da autora, o candomblé aparece principalmente como parte da expressão cultural e do pensamento negro. Antes da psicanálise Lélia não se aproximava da religião por considerar uma manifestação primitiva e não importante, posição esta que a autora relaciona com sua formação em filosofia. O candomblé para a autora significou a volta para as suas raízes, suas origens e junto a psicanálise foi fundamental no processo de descobrir sua negritude. (RATTS, RIOS, 2010)

Os seres humanos, em sua subjetividade, aprenderam a estabelecer relações entre a presença física e a presença espiritual; e elas os fazem saltar sobre o largo divórcio entre a produção real de uma determinada sociedade, suas estruturas/superestruturas e as relações sociais que nelas possam estar engajadas (GONZALEZ,2018[1988], p.367)

A importância do budismo para bell hooks se deu à medida que nesta escolha de espiritualidade, a autora encontrou ferramentas para acabar com estados mentais negativos ao mesmo tempo que propiciou que ela pudesse se ver com compaixão (HOOKS, 2013b). Na perspectiva apresentada por bell hooks, a vida espiritual tem em seu cerne uma maneira de viver que honra a conexão e o ser com o outro (HOOKS,2000). A experiência de bell hooks, com forte influência do budismo, sobre espiritualidade foi a possibilidade desta em conjunto com o amor propiciaram a ponte entre corpo e mente. A autora relata que experienciou a cura e o crescimento espiritual a partir do momento que a prática de amar, na vida dela, passou a ser diária e o foco de sua vida se assentou no presente (YANCY, DAVIDSON, 2009)

Argumentando que a nossa comunidade requer uma linguagem diferente e totalmente nova, bell hooks argumenta que uma linguagem nova não baseada e fundida nas políticas de dominação pode ser encontrado a partir das linguagens oferecidas tanto por Buda quanto Jesus Cristo (BROSI, HOOKS,2012). Um outro ponto em que as autoras se debruçaram foi no campo da linguagem e a proposta das autoras foi identificar a linguagem por um lado como reprodutora de opressões, como o lugar que a resistência negra deixou sua marca e o significado por traz das palavras (BARRETO,2005; HOOKS,2019[1992]).

Ao contrário do que se pode imaginar de início, a cura para bell hooks não é algo que encontramos no mistério, no divino, no transcender a vida; mas sim o que sugere, a cura seria o trabalhar para alcançar a totalidade. Como a autora também sugeriu na passagem de Avey precisamos trabalhar para nos curar através da consciência (HOOKS, 2019, p.63). E por totalidade entende-se restauração, integridade e processo de superação. A perspectiva de cura da autora se alinha àquela proposta pelo professor, ativista e monge Thich Nhat Hanh (YANCY; DAVIDSON, 2009, 36).

3.2.7 A busca por justiça

Justiça para bell hooks é aquela que reestabelece o equilíbrio numa relação em que a distribuição de poder é desigual. A justiça é aquela que ouve os desejos da pessoa em situação de desvantagem na relação e tem a capacidade de ponderar com o outro lado e assim fazer aquela pessoa também ser ouvida. Ao falar sobre justiça e amor a autora frequentemente mobiliza a relação de dominação entre crianças e adultos. A autora argumenta que as crianças são as que mais têm seus direitos básicos desrespeitados pelos adultos que deveriam cuidar delas. A violência física mobilizada como correção de comportamento é um dos exemplos que a autora evidencia para mostrar a dificuldade de mesmo em ciclos progressistas fazer as

peças se convencerem que se o que se faz com criança fosse feito com mulheres adultas facilmente haveria a concordância de se tratar de violência e violações de direitos, mas isso não acontece pois apenas se tratam de crianças.

Aprendemos com bell hooks que o verdadeiro amor auxilia no desfazimento das representações construídas com base em dominações e opressões históricas porque, segundo a autora, quando sabemos o que é amor, amamos e somos capazes de com novos olhos buscar nossa memória e ver nosso passado; é a capacidade de transformar o presente e sonhar o futuro (HOOKS,2015). O lugar do amor é reivindicado nas lutas por libertação porque é ele que nos afasta da ética da dominação; nesse sentido, bell hooks argumenta que os esforços para liberar a comunidade mundial da opressão e da exploração passam pelo amor (HOOKS,2006). Contudo, apesar disso a autora destaca que nem dos setores radicais progressistas e da esquerda vemos a construção de um discurso sobre amor (HOOKS, 2006)

O que se alinha ao exercício também empreendido por Lélia Gonzalez de questionar a perspectiva hegemônica da história brasileira que negava o lugar das pessoas negras como agentes políticos. Ao mesmo tempo que Lélia Gonzalez identifica que para a criação de uma nação é preciso de um impulso comum para um projeto de nação que se direcione ao futuro, ela também destaca a impossibilidade de um povo de construir um futuro para si mesmo se este não conhece a sua própria história (GONZALEZ, 2020[1987]). Lélia Gonzalez argumenta que de forma distinta ao projeto de nação oferecido pela classe dominante, é de uma sociedade justa que abarca todos os segmentos em relação igualitária uns com os outros; um projeto efetivamente de democracia. Tal projeto de nação argumenta Lélia, está nas organizações negras (GONZALEZ, 2020[1987])

O nosso projeto de nação está presente em nossas instituições negras, está presente, por exemplo, em uma umbanda que recebe de braços abertos católicos, espíritas, budistas etc. O nosso projeto é efetivamente de democracia, de sociedade justa, com todos os segmentos que a acompanham e igualitária com relação a todos os segmentos. (palmas) (GONZALEZ, 2020[1987], p.252)

O paradoxo entre os discursos de liberdade e igualdade (base para a construção ocidental dos direitos do “homem” e, posteriormente, dos direitos “humanos”) e a dominação e expansão colonial europeia/euro-americana evidenciaram a existência de uma tensão fundamental inerente ao pensamento político-filosófico moderno ocidental, uma contradição que estava diretamente relacionada ao locus de enunciação desses pensadores, ou seja, ao lugar geopolítico e ao corpo político destes sujeitos (MIGNOLO, 2003). Surge, assim, um mito sobre um conhecimento universal, verdadeiro, que oculta não só aquele que fala, como

também o lugar epistêmico e o corpo-político a partir do qual o sujeito se pronuncia. No século XVIII, os pensadores europeus escreviam no auge da exploração colonial responsável pelo acentuado aumento na exploração escravista.

No século XX, o mito de democracia racial substituiu a escravidão como legitimador político e ideológico de silenciamento da condição social dos sujeitos negros no Brasil. A miscigenação racial, que dá suporte a tal mito, tem se constituído como eficaz instrumento de embranquecimento do país, e, ao mesmo tempo, funciona como elemento de fragmentação da identidade negra e de mecanismo deslegitimador da luta política empreendida historicamente pelo movimento negro no Brasil. Importante observar que o mito fundacional, é um dos aspectos de constituição da identidade das nações modernas, estratégia que visava situar as origens de um povo por meio de narrativas sobre a cultura nacional, que construía sentidos para identidade nacional (HALL, 2003). E, conforme nos ensina Lélia Gonzalez (2020[1983]), “todo mito, oculta algo para além daquilo que mostra” (2020[1983], p.80). Assim, nossa identidade nacional, construída a partir do mito de democracia racial, precisava aniquilar o corpo negro e indígena e, ao mesmo tempo, ocultar discursivamente os conflitos e as diferenças étnicas, culturais, religiosas e sociais existentes no interior do Estado brasileiro, nos projetando, assim, como uma nação harmônica e democrática.

A reinvenção das narrativas dos direitos humanos perpassa a luta política de movimentos sociais que propõe pensar os Direitos Humanos a partir de outro *locus* de enunciação, o qual denuncia direito como o discurso legitimador da construção do “outro” (não humano ou menos humano) – a partir de critérios de valoração que serviram para a construção daquilo que, no direito, é considerado mais digno ou universalizável. O processo histórico de luta por direitos de diferentes movimentos sociais – feministas, indígenas, rurais, LGBTs, negros, entre outros – nos séculos XIX e XX, significou a crítica e o tensionamento da noção de ‘universalidade’ e de igualdade jurídico formal presentes na narrativa tradicional dos direitos humanos e a aposta na diferença como forma de garantia concreta de direitos. A prática política do movimento de mulheres negras, marca do pensamento e da prática política de Lélia Gonzalez, disputou no campo político nacional e internacional a formulação de normativas no campo dos direitos fundamentais que fosse baseada em noções concretas de sujeitos, privilegiando categorias sociais como gênero, raça, idade, orientação sexual, entre outras, para proteção de direitos. A Conferência de Durban (FERREIRA,2020) contra o racismo e as conferências regionais são exemplos concretos dessas ações.

Apesar dos direitos humanos serem mobilizados pelos movimentos sociais, acima especificamente o exemplo do movimento de mulheres negras no Brasil, há o recente

reconhecimento do campo da teoria crítica que o fundamento dos direitos humanos resulta das lutas de movimentos sociais (GALLARDO,2007), povos colonizados estão em constante luta contra a produção de morte e violência na modernidade decorrente de políticas explicadas por teorias como as da necropolítica (MBEMBE,2018), o genocídio (NASCIMENTO, 1978; FLAUZINA, 2008), ou a antinegitude (VARGAS,2020). Thula Pires (2017) reivindica, a partir do diálogo entre concepções históricas e da contemporaneidade, que possam imprimir noções de direitos humanos que enfrente de forma factível a perpetuação do genocídio do povo negro. Há uma limitação na doutrina jurídica nacional (PIRES,2017) e internacional (FLAUZINA,2014) em reconhecer o sofrimento negro e as violências sistemáticas que afetam desproporcionalmente a negritude, e nesse contexto há uma ineficácia das proteções e paradigmas dos direitos humanos para efetivar essa proteção, apesar desses direitos serem aqueles que historicamente se aposta para fazer frente a sistemas de opressão e dominação:

Aqui, o direito ocupa papel privilegiado. Não apenas no reforço aos mecanismos de inibição de comportamentos que decorram da tomada de consciência da opressão, mas sobremaneira na consolidação dos processos de dessubjetivação e inferiorização de todas/os que foram confinadas/ os à zona do não ser (PIRES,2020, p.264)

No livro “Writing Beyond Race: Living Theory And Practice”⁵³ do ano de 2013, bell hooks no capítulo The Practice of Love⁵⁴ advoga que a natureza radical do amor é profundamente democrática. Ou seja, independente do status ou condição que nos encontramos na vida, podemos escolher amar o que, na perspectiva da autora, também significa deixar o pensamento dominante para trás. Além disso, a autora ainda destaca que o amor tem um poder de libertação porque ele nos move para além das categorias. Assim sendo, somos livres para sermos nós mesmos e livres para tomar os caminhos que nos afastam da dominação - “livres para pensar, escrever, sonhar, viver para além da raça” (HOOKS, 2013, p. 199)

bell hooks nos chama atenção para a necessidade de mostrar não apenas as dores e dificuldades dos processos de transformação da sociedade, pois essas são imagens parciais. Precisamos também compartilhar as alegrias advindas dos trabalhos direcionados para dentro das comunidades. Sejam projetos divididos em grupos maiores ou menores são capazes, argumenta a autora, de nos levar a experimentar alegria na luta. (HOOKS,2006).

A ética do amor é um outro ponto sobre o qual bell hooks se debruça para pensar os princípios deste: demonstração de cuidado, respeito, conhecimento, integridade e vontade de

⁵³ Tradução: Escrevendo além da raça: teoria e prática vivas

⁵⁴ Tradução: a prática do amor

cooperar. A ética do amor, segundo a autora, significa utilizar todas as dimensões do amor (seus ingredientes) no nosso cotidiano (HOOKS, 2020). A ética do amor também se baseia na ética da conexão com o espírito, com nós mesmos e com os outros (YANCY; DAVIDSON, 2009). Ainda é a ética do amor a única maneira de cortar os efeitos negativos do que ela chama de patriarcado imperialista supremacista branco. Segundo a autora, todos dos grandes movimentos por libertação produzem uma ética amorosa uma vez que estes estão preocupados com o bem-estar coletivo do país, da sociedade, vizinhança; na busca para que todos também busquem proteger e nutrir esses bens (HOOKS, 2020). É nesse ponto que bell hooks argumenta que o conhecimento é elemento vital para o amor que teria a capacidade de representarmos e vivermos o amor na dimensão daquilo que é possível ser vivido e não como aquele que está na inalcançável dimensão do mistério.

No artigo “Cultures of healing’: spirituality, interdependence and resistance in the African diaspora”⁵⁵, Mar Gallego (2019) argumenta que pesquisadores precisam investigar as raízes da cura e seus aspectos transformadores e comunitários, para assim compreender a relação entre estratégias de cura e resistência. A argumentação é que a cura tem, antes de mais nada, uma dimensão comunitária, sendo a cura individual a base para entrada numa comunidade de resistência. Talvez por isso o estranhamento cada vez mais constante à dinâmica liberal de autocuidado, que só abarca o individual. Na diáspora africana, mesmo sendo atualizado, o conceito de cura está ancorado no campo da espiritualidade africana. Contando bell hooks e Nadesha Gayle, a autora argumenta que a crença profunda do poder da espiritualidade entre pessoas negras transforma o mundo e possibilita a vida nele com integridade e unidade, apesar das violências, a espiritualidade é utilizada, como forma de resistência. A autora identifica na obra de bell hooks o argumento da espiritualidade como um elemento no processo de afirmação de uma “subjetividade radical de mulheres negras” e em Njoki Wane a importância de recuperar, manter e transmitir práticas espirituais africanas para manter nossa comunidade saudável e vibrante no futuro (GALLEGO, 2019)

Ao mesmo tempo que para bell hooks o amor está diretamente ligado à fé e a prática espiritual, ele também é essencialmente político. Ideia articulada pela autora no texto “Amor como prática de liberdade” (HOOKS, 2006,243-250). Para a autora, somente a ética do amor que vai propiciar que aqueles que trabalham por mudanças políticas radicais resistam a contínua fidelidade aos sistemas de dominação de ordem imperialista, sexista, racista e classista. A autora ainda alerta que sem a ética do amor, vamos lutar apenas contra as formas

⁵⁵ Tradução: 'Culturas de cura': espiritualidade, interdependência e resistência na diáspora africana

de dominação que afetam diretamente o nosso interesse próprio. Um dos elementos-chaves para o processo de autorrealização do ser humano é a liberdade, e a ética do amor possibilita o exercício da agência a partir da liberdade. É nesse sentido que se entende que a ética do amor conduz a liberdade (YANCY, DAVIDSON, 2009. 191)

No texto “O amor como prática de liberdade” (2006), traduzido para o português pelo professor Wanderson Flor do Nascimento, Bell Hooks questiona o senso de responsabilidade com os outros numa sociedade marcada por sistemas de opressão e de dominação. Quando a ética do amor não direciona as ações políticas e aspirações radicais o que se pensa não terá correspondência com a prática pois enquanto uma pessoa luta contra um sistema de dominação que a machuca, esta será seduzida por um sistema que domina outras pessoas. A ética do amor intervém no desejo autocentrado por mudança e nos possibilita ver o outro não como um objeto, mas sim em sua subjetividade. A ética do amor é que nos possibilita o desejo da liberdade para si que também se expanda para outros. Uma das ideias mais interessantes que Bell Hooks traz no seu primeiro livro sobre amor é a ideia de que não existe justiça sem amor. Para desenvolver tal argumento a autora apresenta a salvaguarda de direitos civis básicos para crianças que são agredidas fisicamente e abusadas por adultos na infância. Bell Hooks argumenta que abusos e agressão física têm consequências nocivas para a vida adulta, contudo, por mais que alguns adultos conseguissem identificar as agressões físicas contra crianças como atos coercitivos e abusivos, estes mesmos adultos tentavam conceber esses atos como condizentes com contextos amorosos. Por mais que esses adultos do relato com os quais Bell Hooks conversou se autodeclararam progressistas, defensores dos direitos civis e do feminismo; ele não se aplicava quando o assunto era garantir direitos básicos para crianças. Segundo Bell Hooks “Abuso e negligência anulam o amor. Cuidado e apoio, o oposto do abuso e da humilhação, são as bases do amor” (HOOKS, 2020[2000], p.64)

Para trazer a ética do amor para a nossa sociedade, ela precisa estar disposta a abraçar a mudança pois a ética pressuposta do conceito de amor desenvolvido por Bell Hooks, pressupõem que todos têm direito a viver de forma livre e plena. É a ética do amor que pode guiar a sociedade em que vivemos para a mudança (HOOKS, 2000, p. 87), de forma que a diferença não seja penalizada por condições sociais que inviabilizam a sua continuidade. Uma das proposições mais interessantes da autora é que se todas as políticas públicas fossem criadas a partir da ética do amor, não precisaríamos nos preocupar com as injustiças sociais. O comprometimento com projetos de transformação social exige a não conveniência com posturas ideológicas que excluem ou que privilegiem aspectos da realidade que só dizem respeito a parte desta. A reivindicação de mulheres negras, enquanto amefricanas, pela

diferença, traz a potencialidade da marca da libertação que não diz apenas sobre estes, mas todos os corpos (PIRES; FLAUZINA,2020). Partindo do pressuposto que há coisas que não são niveladas, as responsabilidades políticas são distribuídas a cada um em seu lugar (PIRES, FLAUZINA, 2020).

bell hooks escreve sobre se intrigar ou se deparar com homens e mulheres que mesmo ao atuar na resistência e oposição a determinadas formas de dominação, por outro lado, apoiam sistematicamente outras formas de dominação. Ao se despertar aqui a ética do amor há a aposta da autora para mudar o desejo de mudança que não passe apenas pelo desejo do fim da dominação que nos toca. A busca individual por liberdade e a luta coletiva por libertação é minada enquanto não é revista a nossa capacidade de aceitar que os sistemas de dominação têm naturezas interconectadas e interdependentes. A aposta da ética do amor, portanto, é a transformação coletiva da sociedade e o fim da política de dominações (hooks, 2006).

A ideia trazida acima das naturezas intercruzadas e interdependentes dos sistemas de dominação também foi um assunto sobre o qual Lélia Gonzalez se debruçou. As propostas de Lélia Gonzalez levavam em consideração as articulações das categorias de raça, gênero e classe bem antes dessas noções e a necessidade de se lançar luz entre a necessidade política de se analisar também os intercruzamentos entre elas (OLIVEIRA,2020). Exemplo disso é o trabalho de nome “Mulher Negra: proposta de articulação entre raça, classe e sexo” proposto por Lélia em parceria com Tereza Cristina Araújo e financiada pela Fundação Ford em 1984⁵⁶. Considerada uma das percussoras de formulações teóricas e práticas que hoje são conhecidas em torno da categoria da interseccionalidade (RIOS; RATTS,2016).

3.2.8 O laço político entre feminino e masculino

Lélia Gonzalez e bell hooks se colocam no campo da disputa do feminismo para propor ações e disputas políticas. Mulheres negras da diáspora africana, mulheres indígenas e outras que se autoinscrevem como latinas, têm proposto interpretações que evidenciam as limitações teóricas dos feminismos e outras epistemologias quando em seu cerne trazem junto com a experiência de civilização ocidental o colonialismo. Neste campo então é reivindicada a limitação conceitual do feminismo quando este atua na manutenção “verdades absolutas” que homogeneizam a experiência das mulheres como se houvesse apenas uma forma de se

⁵⁶ Disponível em <http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/do-brasil-para-o-mundo.jsp>.

experienciar a mulheridade (PORTILHO, 2019; PIEDADE,2017). Eriká Portilho, argumenta que a diferença básica, por exemplo, entre um pensamento patriarcal e a teoria feminista, seria a ideia de que feminino e masculino são partes integrantes de um todo. O princípio fundante do feminino nunca exclui a sua parte masculina pois ela é complementar. A concepção de vida que a perspectiva patriarcal traz é sobre a complementariedade fundamental que não exclui, portanto, nenhum dos sexos. Inscritos num contexto diaspórico constituído e atravessado pelo pensamento binário, pensar “unidade complementar entre homens e mulheres” (PORTILHO,2019, p. 127) é um desafio.

Apesar de fazerem denúncias Lélia Gonzalez e bell hooks, não advogam a exclusão dos homens negros e propõem o reestabelecimento dos laços pois elas identificam a necessidade da luta conjunta contra o racismo. Ao mesmo tempo que se inscrevem no campo do feminismo, as autoras se afastam das formas de pensar binárias e de certa forma, no ponto que cabe a pensar os laços políticos entre homens e mulheres, elas se aproximam da ideia de complementariedade do pensamento patriarcal. Algumas vezes a unidade e por outra a complementariedade, as autoras reivindicam tanto no endereçamento da ação política quanto para se pensar um âmbito mais individual e subjetivo da negação do masculino. A não exclusão dos homens e do masculino proposta pelas autoras segue num sentido de reivindicação do oposto complementar forjado num imaginário romântico que no Brasil se consagraram como “a tampa da panela” ou “a metade da laranja”. Essas expressões populares brasileiras derivam da ideia que uma pessoa só é completa quando encontra seu par romântico, já a ideia que as outras aqui trazem é contrária a pretensa ideia de complementação no sentido romântico e sugerem a complementação para se atingir o equilíbrio.

Ao falar sobre o feminino, bell hooks oferece as pazes com o masculino e ao falar sobre o masculino, a mesma coisa. O terceiro livro da trilogia de amor de bell hooks é o “Communion: The female search for love” (2003)⁵⁷ (YANCY, DAVIDSON, 2009, p.218). Neste livro a autora apresenta como o pensamento dela sobre amor mudou depois que ela chegou na meia idade, sendo também o momento que a autora rememora passagens na sua vida em que conseguiu colocar em prática toda a teoria que ela e outros produziram sobre amor e destaca que traduzir a teoria na prática é muito mais difícil que ler sobre ela. “Muitas vezes, quando a realidade e, sobretudo o amadurecimento, nos faz ver que a vida não é um conto de fadas, admitimos as nossas imperfeições, como também reconhecemos a imperfeição da pessoa amada.” (SOUZA,2013, p. 18-19). No que se refere as relações entre homens e

⁵⁷ Tradução: Comunhão: a busca feminina pelo amor a autora explora a questão do amor e mulheres

mulheres negras, bell hooks argumenta que mudara para melhor ao passo que pessoas negras se conscientizarem sobre a forma prejudicial que o pensamento patriarcal e crenças religiosas fundamentalistas têm impactado esses laços. Nesse contexto, para a autora é importante para a recuperação relacional o processo de experimentar conexão emocional (HOOKS,2005b)

As autoras fazem denúncia do machismo e sexismos que mulheres negras sofrem que são advindas de homens negros. Audre lorde (2019) argumenta que homens negros que estão confusos quanto os caminhos da sua autodefinição que identificam como ameaçadores a autorrealização ou os vínculos de autopreservação estabelecidos por mulheres negras. (LORDE, 2019). Lélia Gonzalez principalmente vai evidenciar o machismo existente dentro do movimento negro no Brasil ao mesmo tempo que evidencia o racismo dentro do movimento de mulheres. Ainda, neste contexto, Jaquetto argumenta que os homens negros por se relacionarem em taxas mais expressivas com mulheres brancas, eram considerados os traidores do grupo (PEREIRA,2020), e neste ponto em específico Lélia argumentava a necessidade de se levar a discussão para além do orgasmo e oferecer a mesma perspectiva da necessidade de pensarmos as pazes entre feminino e masculino, oferecendo um orgasmo muito maior que este colocado pela ruptura:

A questão da sexualidade tem que ser discutida num nível mais amplo, e não no nível do orgasmo pura e simplesmente. Estou propondo um orgasmo muito maior, um prazer e uma felicidade muito maiores. É claro que a gente necessita ter conhecimento do próprio corpo, tudo bem. Mas me parece que, nessa relação da mulher com a sua própria sexualidade, a gente pode cair em algumas armadilhas do tipo uma exaltação exagerada de nossa própria feminilidade, porque evidentemente eu não posso deixar de reconhecer que eu tenho um lado masculino também, como vocês têm um lado feminino. Na medida em que eu exagero a minha parte feminina, eu estou em desequilíbrio, embora não negue que uma das grandes coisas que aconteceram no mundo nos últimos anos foi o movimento de mulheres, quanto a isso não há dúvidas. Precisamos assumir uma posição mais equilibrada em termos dessa relação homem/mulher, porque eu não sou mulher sozinha, eu sou mulher com um homem, e é nessa relação que eu vou afirmar a minha mulheridade, numa relação de troca com o homem, senão a gente dança. E esses valores da cultura africana estão lá esquecidos no inconsciente da gente, e têm muito a contribuir no sentido do equilíbrio da relação homem/mulher. Se nós continuarmos muito ressentidas com nossos companheiros do movimento negro, se eles continuarem buscando uma relação de possessividade e de afirmação de seu machismo, nós, enquanto comunidade, estamos dançados, a esquizofrenia já se instalou aí, tranquilamente. (GONZALEZ, 2018[1991], p.388-389).

O livro segue a argumentação central de seus livros e textos anteriores sobre o amor, “o amor não pode existir num contexto de dominação” (HOOKS, 2003, p.6). A questão central do livro é como amar e ser amada como desejo de mulheres que principalmente se relacionam afetivamente com homens, sejam eles pais, avôs, irmãos, colegas, etc. Todas as

mulheres em algum momento na vida, argumenta a autora, quiseram ser amadas por alguma figura masculina e frequentemente essas figuras masculinas ao passar pela vida das mulheres deixaram algum tipo de frustração, como por exemplo, a figura paterna. Ao analisar sua busca por amor, ela também analisa o impacto do movimento feminista ao mudar para sempre as referências para a vida de mulheres ao abrir as possibilidades para a equidade.

Em relação ao movimento feminista, ainda, a autora identifica sua importância, mas identifica algumas escolhas políticas neste que interferiram de forma negativa a forma que mulheres se relacionavam com amor. A primeira constatação foi que o movimento feminista radical não só convocou as mulheres à reexaminar suas noções de amor, como encorajou que mulheres esquecessem do amor e focassem na disputa de poder como sendo a agenda central contra o patriarcado. O argumento aqui é que a aposta do movimento feminista foi o poder sobre o amor e a autora identifica que esse padrão poder versus amor, permanece nos contrastes de relação do feminino e do masculino uma vez que a dominação ainda se faz presente. O contraste também se dá quando se realiza que homens não estavam dispostos em abraçar completamente a revolução feminista e por não terem essa disponibilidade eles não se encontraram em um lugar emocional capaz de oferecer amor para mulheres, e, como bell hooks sempre afirma; não há amor sem justiça (HOOKS, 2003, p. 65-66). A autora deixou uma relação, pois o companheiro não estava aberto ao crescimento pessoal e abertura emocional a qual ela deseja se dedicar (HOOKS, 2003, p.13) e destaca a importância do amor-próprio como sendo aquele sem o qual não há o verdadeiro amor. bell hooks, ao procurar por amor, na verdade encontrou a liberdade e foi encontrar a liberdade que a fez repensar o lugar do amor em sua vida enquanto mulher. Nesse caminho, a autora realiza que o lugar do amor na vida de uma mulher não é aquele que se relacionava com a busca, mas o amor gerado na busca da autorrealização; mais que tudo aprender a ser livre, ensina a autora, é o primeiro passo para aprender a conhecer o amor.

O livro que segue a trilogia é sobre masculinidade e traz "The Will to Change: Men, Masculinity, and Love"⁵⁸ de 2004, no qual a autora vai falar sobre a falta de amor na vida de homens no sistema patriarcal (YANCY, DAVIDSON, 2009). Em "We real cool", que também é um livro sobre masculinidades, bell hooks fala sobre a facilidade de confundirmos desejo com amor em uma cultura de dominação. Ainda assim neste último livro a autora destaca que homens negros, por falta de amor, não conseguem, por vezes, se ver de outras formas que não enjaulados; se fossem amados eles teriam esperança na vida. Acontece que em direção a

⁵⁸ Tradução A vontade de mudar: homens, masculinidade e amor

homens negros são frequentemente isolados e retirados de lações de solidariedade. A finalização dessa questão para a autora se dá quando ela estabelece que a recuperação relacional para afroamericanos começou quando a escravidão acabou, essa recuperação que é como o mito de Isis que viajou pelo mundo para encontrar e depois reunir as partes desmembradas de seu amado. É a partir desse mito que bell hooks fala sobre o legado que homens e mulheres negras tem de desenhar: “os mapas de vida que traçam as buscas pelos caminhos para nos unirmos e ficarmos no amor” (HOOKS,2005b, p. 124).

Sendo mulheres negras disputando o campo político e teórico feminista, bell hooks e Lélia Gonzalez tecem críticas principalmente no que se refere a urgência de propostas interseccionais para o campo, ao mesmo tempo que suas proposições trazem a inclusão dos homens. Se o machismo, o sexismo, o patriarcado e o racismo bem como a luta contra esses sistemas de opressão e dominação deram consequência a interpretações políticas que resumiam o direcionamento tanto de setores de movimentos feministas quanto movimento negro a disputa quase que exclusivamente em torno do poder, como argumenta bell hooks (HOOKS, 2000,2001), as autoras identificam a necessidade de reatar com base no amor os laços de solidariedade que foram rompidos.

Nesse nível, as mulheres estão lado a lado com seus irmãos. Internamente, porém, as atividades das mulheres serão direcionadas à denúncia do machismo de nossos companheiros e ao aprofundamento das discussões sobre nós mesmas. Se realmente quisermos provocar o nascimento de uma nova sociedade, isso só pode ocorrer na medida em que nós próprias nos tornemos novos seres humanos; ou seja, apenas se resolvermos nossa alienação seremos capazes de transformar a sociedade que estamos denunciando. (GONZALEZ, 2020 [1985], p.123)

Ponto importante no diálogo entre as autoras foi, a afrocentricidade que não tem bell hooks como uma adepta, mas sim uma crítica (HOOKS, 2019 [1992], 1995); enquanto do outro lado a amefricanidade se apresenta afrocentrada (GONZALEZ,2018[1988]⁵⁹).

Ao falar sobre afrocentricidade bell hooks tece uma crítica ao modo como nacionalistas negros estão tentando enfrentar a crise de identidade/representação que negros estadunidenses sofrem, segundo a autora esses grupos apostam numa representação unitária da negritude, a universalização da experiência branca, o apagamento das formas africanas de conhecer e construção de uma narrativa utópica e idealizada de África. Conceitualmente, a autora tece críticas especificamente ao conceito de afrocentricidade trazido por Marimba Ani no livro “Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and

⁵⁹ A categoria político cultural da amefricanidade

Behavior”⁶⁰ “A afrocentricidade é uma forma de ver a realidade que analisa os fenômenos a partir do interesse do povo africano como ponto de referência, como afirma Asante” (HOOKS,1995)⁶¹. Para bell hooks, o problema desse conceito é de quem poderá então determinar o que é de interesse do povo africano. A autora chega a concordar que muitas críticas afrocentradas auxiliam na destruição do eurocentrismo, mas ela discorda quando estas são feitas a partir de essencialismos. Ainda a representação unitária da negritude, advoga bell hooks, se sustentam por vezes em visões da família patriarcal e nação nas quais estas são tidas como as únicas estruturas que quando transformadas seriam capazes de oferecer a resposta para o problema da crise da identidade e da representação (HOOKS, 1995).

Ainda no livro *Olhares negros: raça e representação*, a autora também reconhece os esforços individuais de nacionalistas progressistas negros em abordar a questão do gênero nas práticas e formulações políticas afrocentradas no contexto dos Estados Unidos, contudo tal exercício e avaliado por ela como ineficiente a partir do momento que tem falhado em atingir as figuras mais antigas.

Segundo a crítica levantada pela autora, ainda que a perspectiva de homens nacionalistas negros sobre gênero mostra os laços com paradigmas brancos (HOOKS, 2019, p. 202) ao desvelarem um desejo patriarcal de afirmar o controle e o poder hierárquico (HOOKS,1995). bell hooks como uma defensora do exercício de se valorizar o desenvolvimento de múltiplas subjetividades negras como forma positiva de se intervir na estrutura do patriarcado capitalista supremacista branco, as propostas do nacionalismo negro estadunidense não são vistas como avanço porque com a ideia essencialista, estática e unitária da identidade negra, há o reforço do separatismo espacial de pessoas negras em lugares isolados.

O desejo de se isolar para a autora não é um problema (HOOKS,2019), o problema em si é quando esse isolamento não é feito para a construção de imagens amorosas da negritude. A conclusão aqui então é que a autora tece uma crítica à forma que a categoria afrocentricidade é apreendida pela proposta política específica que é empreendida por grupos nacionalistas negros na década de 70 e 80.

Não há uma crítica feita pela autora que se baseie na categoria em si ou como ela é utilizada por diferentes campos teóricos ou por grupos políticos em outras geografias. Lélia Gonzalez, por outro lado, tem uma leitura diferente sobre a categoria da afrocentricidade

⁶⁰ Tradução: Yurugu: Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europeu

⁶¹ Disponível em: <https://viniuxdasilva.medium.com/identidade-negra-subjetividade-libertadora-por-bell-hooks-53a42b1ecf1c>

daquela apresentada por bell hooks. Lélia argumenta que a categoria da amefricanidade se relaciona com as ideias em torno dos campos do panafricanismo, dos estudos da negritude e da afrocentricidade.

Ao fazer essa vinculação a autora nos informa a reivindicação de uma noção de unidade para as diferentes experiências do contexto latino americano. A reivindicação do aspecto afrocentrado da amefricanidade não há uma desconsideração das especificidades existentes no contexto da diáspora. E neste sentido a autora tece a crítica a postura político-ideológica imperialista estadunidense por um lado e por outro o exercício de pessoas negras ao se definirem afro-americanos que dá consequência a invisibilização de outras experiências negras nas américas.

Há a forte reivindicação de que a realidade negra na diáspora não seja tomada a partir do contexto estadunidense. O reconhecimento das especificidades no contexto da diáspora, Lélia argumenta que são as essas contribuições específicas ao mundo panafricano que auxilia que ultrapassemos quaisquer visões idealizadas ou mitificadas sobre África. São também essas contribuições específicas que faz com que os olhares se voltem para África, mas também para a realidade negra na diáspora.

A referência teórica mobilizada por Lélia Gonzalez é Molefi K. Asante, especificamente o livro “Afrocentricity” que é referenciado por Marimba Ani em seu livro. Para além da afrocentricidade, da leitura de Asante, Lélia recorre a questão da linguagem e da libertação. Na no trecho de Asante citado por Lélia sobre linguagem, o autor argumenta a importância da linguagem ser mobilizada a fim de que ela auxilie o nosso entendimento sobre a realidade e neste sentido, é mais importante ainda que a linguagem revolucionária não leve a nossa confusão.

Nesse caminho que a autora argumenta que a reivindicação de negros estadunidenses como afro-americanos leva a confusão e ainda gera hierarquizações. A junção da ideia da linguagem revolucionária com a ideia de uma ideologia da libertação que se afasta do que é imposto por outros, que é externa ou que não derive da experiência histórica e cultural particular; motivam Lélia a cunhar uma categoria a partir da qual possamos nos auto definir, levando em consideração a nossa unidade específica, as nossas particularidades e a resistência ao colonialismo. (HOOKS, 2018[1988])⁶².

A própria história de resistência na América, argumenta Lélia, vai colocar as mulheres amefricanas num lugar de destaque, tanto na luta, quanto na produção de

⁶² texto a categoria político cultural da amefricanidade

epistemologias. Ao trazer a centralidade e a importância de exercícios de autodesignação, Lélia sugere quem poderá dizer o que é de interesse do povo africano na diáspora: nós mesmos, com a liderança de mulheres negras; as amefricanas. Ressalta-se aqui que mesmo em diálogo com outros campos, Lélia empreende o que na verdade é o centro da categoria da amefricanidade “adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas” (GONZALEZ,2018[1988], p.329).

Por fim, é importante ressaltar que apesar de num primeiro momento o item “laço político entre feminino e masculino” ter sido destacado como elemento que possibilita a construção do diálogo entre as autoras, ele carrega uma fragilidade quando é interpretado isolado dos campos de pensamentos que as autoras inauguram. O laço político do amor negro não se resume ao vínculo entre feminino e masculino. Na realidade, esse laço tem estreita relação com a noção de unidade e união dentro da ideia de comunidade. Os elementos que nessa dissertação que foram privilegiados e tratados em separado na tentativa de compartilhar as minúcias do diálogo entre as autoras, não apagam o fato de que na realidade na produção delas, estes se encontram, por vezes, juntos ou entrelaçados.

4 Amefricanizando o amor para a consumação da grande festa do batuque

Tambor está velho de gritar
Oh velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
corpo e alma só tambor
só tambor gritando na noite quente dos trópicos.
Nem flor nascida no mato do desespero
Nem rio correndo para o mar do desespero
Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero.
Nem nada!
Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra.
Eu
Só tambor rebentando o silêncio amargo da Mafalala
Só tambor velho de sentar no batuque da minha terra
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.
Oh velho Deus dos homens
eu quero ser tambor
e nem rio
e nem flor
e nem zagaia por enquanto
e nem mesmo poesia.
Só tambor ecoando como a canção da força e da vida
Só tambor noite e dia
dia e noite só tambor
até à consumação da grande festa do batuque!
Oh velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
só tambor!

(José Craveirinha)

A primeira vez que ouvi a declamação do poema de José Craveirinha foi na voz de Elisa Lucinda, ela que no álbum de compilações do 26 Prêmio da Música Brasileira em Homenagem a Maria Bethânia, recitou o poema entre as músicas “Yansã” e “As Ayabás” interpretadas por Mariene de Castro. Na voz de Elisa Lucinda mesmo velho de tanto gritar o tambor ainda grita. É pela ligação ancestral que daqui ouvimos a poesia do tambor que se recusa ser forjada no desespero. A poesia de tantos tambores que ao tocar noite e dia romperam o silêncio da dor. O som do tambor, dos que se foram e dos que ainda aqui estão, esperam pela grande festa do batuque. O som ecoa porque corpo e alma podem ser tambor e continuam a tocar através do fio que nos liga à ancestralidade. Tambor, mesmo estando velho de gritar, é convocado por Mariene de Castro:

Nenhum outro som no ar pra que todo mundo ouça.
 Eu agora vou cantar para todas as moças.
 Eu agora vou bater para todas as moças.
 Eu agora vou dançar para todas as moças.
 Para todas Ayabás, para todas elas.⁶³

O cantar, o bater e o dançar são exercícios de reverência e respeito à todas as mulheres negras que vieram antes de nós. É nessa potência política-ancestral de mulheres na diáspora negra que se ancora o exercício teórico-metodológico proposto neste trabalho. O poema na voz de Elisa Lucinda no meio da composição me remeteu aos exercícios empreendidos por mulheres negras (parteiras, guerreiras, lavadeiras, quitadeiras, benzedeiras, agricultoras, costureiras, pastoras, camponesas etc.) que empreenderam em diferentes ordens revoluções silenciosas, mas são apagadas pela disputa narrativa da história (ODÛDUWÀ, 2019, p. 30). Algumas dessas mulheres são nossas tias, mães, avós. Essas mulheres, como sugere Alice Walker “movendo-se ao som de músicas ainda não escritas [...] sonhavam sonhos que ninguém conhecia” (WALKER, 1983, p.01). bell hooks e Lélia Gonzalez como muitas dessas outras mulheres dançavam seus sonhos e desejos, mesmo que ainda pouco conhecidos por outras pessoas. O exercício do amor alinhado com a dimensão da espiritualidade, para Lélia Gonzalez e bell hooks, significou a conciliação com o corpo que carrega as marcas da negritude em contraste com a negação dele.

No que concerne às trajetórias pessoais das autoras, que influencia suas formulações teóricas, a possibilidade da reconciliação com a negritude é corpo e alma ser tambor. É dizer que apesar da confusão causada pela dor, ainda há a dignidade da esperança

⁶³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hI3gsejXk8A>

(WALKER,1983). A esperança numa vida sitiada, representa parte importante do auto inscrição de mulheres negras na humanidade por meio da potência do erótico, representado o amor em todas as suas dimensões (LORDE, 2019). Os ensinamentos pela escrita e pela oralidade é como “senti os espíritos daquelas irmãs me alimentarem, me tornando mais forte” (SHAKUR,1987)⁶⁴, porque se trata da herança deixada por mulheres negras nas quais o prazer em viver e a reivindicação do direito ao desejo sustentaram a permanência insistente da vida negra frente aos “sopros da vida” (SHAKUR,1987).

Na vida sitiada, o vivido traz as contradições a complexidade, as feridas, a construção da consciência, o prazer de viver e o amor; tudo isso que faz de nós humanos. Por isso o vivido é ferramenta para formulações sobre existir como humanidade que respeite a vida. Existe, como argumenta bell hooks, coragem na trajetória de homens e mulheres que expuseram vivências e ofereceram suas experiências como guias, em contraste à dor (HOOKS, 2017, p. 103).

As perspectivas negras como as privilegiadas nessa dissertação, por vezes mobilizando a experiência e o vivido, deslocam as perspectivas eurocêntricas e coloniais de ver o mundo. Tanto movimentos negros, quanto movimento de mulheres negras, nesse exercício de deslocamento, confrontam os estereótipos das representações negras que sistematicamente relegam a figura negra ao lugar de objeto (de análise, entretenimento, pesquisa, etc.) e trazem o protagonismo negro na história. Nesse protagonismo, há um assentamento de figuras negras enquanto humanos que nega projetos de desumanização. Fazer frente a projetos de desumanização abre margem para a reivindicação da possibilidade (alguns poderiam dizer mesmo a urgência) de se pensar reconstrução de laços de comunidades e sociedades.

Montar o diálogo entre bell hooks e Lélia Gonzalez propicia o não essencialismo de identidades de mulheres negras que, por mais que tenham muitas proximidades, também têm distanciamentos devido as particularidades (localidade, trajetória de vida, experiências, etc). Produções de mulheres negras têm nos exigido olhar a complexidade de subjetividades negras. O exercício de olhar as autoras em paralelo foi quase imperativo para mostrá-las neste trabalho na particularidade e complexidade de pequenos universos na humanidade. Vê-las enquanto subjetividades foi exercício essencial para a compreensão das construções teóricas que elas propuseram na busca pela liberdade e auto inscrição e enquanto sujeita.

Das diversas formas que a negritude foi historicamente descrita, as autoras escolhem pelas representações da negritude que liberta de sistemas de opressão e dominação.

⁶⁴ Disponível em : <https://assatashakurpor.wordpress.com/textos/das-maos-de-assata/assata-uma-autobiografia-capitulo-1/>

Subversiva, a proposta de amor apresentada por bell hooks é uma que cabe “o amor à negritude” ao mesmo tempo que desloca diversas outras concepções contrárias à liberdade e alinhadas a processos de desumanização. Nesta esteira, os atravessamentos de gênero, raça, sexualidade e outras categorias que resultam em desigualdade social são levadas em consideração para revisitações da concepção teórica sobre o amor.

O amor está sempre em relação, por isso os laços na comunidade são importantes para se pensar uma cura com base nele. Uma ética do amor que não se alinha a sistemas de opressão e dominação auxilia seu desfazimento. bell hooks em seus livros e textos sobre amor nos convoca a pensar as relações (intersubjetivas e interpessoais), a infância e as construções de família; assuntos esses nem sempre confortáveis. O desconforto é dividido também pela autora a partir do compartilhamento do vivido, posiciona esses processos no campo do real em contraste com as idealizações.

bell hooks reivindica o papel central do amor em todo exercício teórico que ela empreendeu e compartilhou. Ao escrever a autora deseja desafiar a mente dos leitores e leitoras a ir além dos paradigmas postos.

É a compaixão amorosa que toma lugar na prática intelectual de bell hooks em ajudar outras pessoas a descolonizarem suas mentes. Apesar de não amplamente reconhecida por tal, a produção de bell hooks sobre amor é complexa e importante, cabendo a ela um lugar ao lado de outros teóricos e teóricas que tradicionalmente são estudados em produções científicas sobre a temática. Produzindo sobre amor para o público em geral, à população negra, mulheres e homens; bell hooks abarca identidades excluídas pelo cânone que se dedica à temática. O conceito de amor compartilhado por bell hooks é o ponto que é a própria curva e não ponto fora dela.

A análise da tese de doutorado de bell hooks trouxe informações importantes para a compreensão dos elementos privilegiados nesta pesquisa e para o diálogo entre ela e Lélia Gonzalez, ilustrados por: 1) a questão da representação; 2) as definições sobre o amor; 3) o amor na vida de pessoas negras; 4) a recuperação de si mesmo; 5) a comunidade; 6) a espiritualidade; 7) a justiça, e; 8) laço político entre feminino e masculino. Em algumas passagens dos livros que compõem a trilogia do amor da autora, sua experiência na graduação e pós graduação universitária e na escrita acadêmica, são mobilizadas enquanto influências.

Foi analisando a tese de doutorado dela que identifiquei a influência da literatura ficcional de Toni Morrison e os debates destacados na tese como partes importantes de sua trajetória política e reflexões teóricas. Ao se debruçar sobre a discussão crítica dos livros

“sula” e “o olho mais azul”, a autora também tratou dos 8 elementos que foram privilegiados no exame do diálogo entre ela e Lélia Gonzalez.

Argumento que o estudo aprofundado sobre a ficção de Toni Morrison e as discussões literárias na tese de doutoramento de bell hooks, também informaram profundamente as influências da escrita dela para além das influências já mobilizadas por pesquisadores brasileiros que se dedicam às obras da autora. bell hooks argumenta na tese que a ficção, o drama e a poesia negra, quando analisadas, auxiliam a escrita sobre a cultura negra sem grandes distorções. Desinformação e estereótipos, como os encontrados em tratados de sociologia e antropologia, que não baseiam suas análises nessas fontes. A ficção de Toni Morrison, como argumentado na tese, da mesma forma que o drama e a poesia negra, fornece elementos importantes de um ponto de vista de dentro do subconsciente coletivo da experiência negra norte americana.

A argumentação de bell hooks ganha evidências de comprovação no seu exercício intelectual, já que parte desse subconsciente cultural coletivo é sua fonte em contraste com as distorções e desinformações das representações negras.

Toni Morrison (WATKINS, 1983) argumenta que imaginação política negra tem como força inspiradora do processo imaginativo a cultura negra a partir do ponto de vista dos/as de dentro, dos “insiders”. Nas palavras de Lorraine Hansberry é sobre a insistência “na visão simples de que toda arte é o que prepara a mente para o sono” (WATKINS, 1983, p. 05).

Ao identificar o fio que liga as obras de bell hooks sobre amor à sua tese de doutoramento, temos um exemplo bem sucedido de como a ficção pode fomentar o imaginário político negro a ir além do “realismo político posto”, como argumenta Jota Mombaça (2018)⁶⁵. A imaginação política que vai além do possível politicamente posto como aponta, é um dos pontos centrais da amefricanidade quando ao criar, reinterpretar e redefinir o “real”. Nesse sentido, argumento que amefricanizar o amor pressupõe um retorno às produções já elencadas como possibilidade de acesso ao subconsciente coletivo dessa experiência específica. Como o drama, a poesia e a ficção.

A valorização do ponto de vista dos “insiders” na obra de Toni Morrison é privilegiada como referencial nas críticas sociais e literárias estruturadas por bell hooks em seus textos. O que já era um indício de aproximação de bell hooks com a perspectiva do “vivido-concebido”, com o decorrer da revisão crítica a partir dos elementos significativos do diálogo com Lélia Gonzalez junto a influência da perspectiva de Toni Morrison, percebi que o “vivido-

⁶⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p1krp7_bA20

concebido” não era apenas a forma de aproximar bell hooks de Lélia, mas sim, foi a partir dele que de fato as autoras dialogaram.

Tendo como elementos a espiritualidade, a visão de mundo guiada por valores ancestrais, os laços de solidariedade na comunidade, acesso ao universo simbólico, as emoções, os sentimentos; o “vivido-concebido” foi a linha que costurou o diálogo entre as autoras, da mesma forma que ela também foi a sutura do refazimento do trauma da diáspora como sugerem as obras de Rosana Paulino.

O exercício de viver e conceber que bell hooks e Lélia Gonzalez empreendem, parece ser bem representada pela instalação de Rosana Paulino de nome “Tecelãs”, mulheres vão se refazendo e se modificando o tempo todo, ao mesmo tempo que mudam a realidade ao seu redor. A ideia por traz da instalação é que tanto as pessoas, o mundo e a natureza estão em transformação. Essa instalação é motivada também pelas transformações físicas e psicológicas que são propiciadas pela pulsão da vida⁶⁶. As “Tecelãs”, nas palavras de Rosana Paulino:

se tecem o tempo todo, como aranhas que tiram do próprio corpo o casulo que vai ser casa e que vai ser também elemento que elas se refugiam para passar por uma metamorfose, uma mudança. Aqui elas vão como uma infestação, como se estivessem saindo desses casulos no chão e fossem como uma infestação subindo, subindo e tomando conta de toda a parede como se fosse realmente um grupo de insetos. São mulheres insetos que se espalham e que vão se tecendo e que vão se colocando muitas vezes em grupo também esperando uma metamorfose. 15:06 - 15:51⁶⁷

Rosana Paulino argumenta, ao apresentar exposição assentamento, que pessoas escravizadas que foram trazidas ao Brasil através atlântico vermelho⁶⁸ se “refaziam” como um imperativo de sobrevivência. Contudo esse refazimento depois da travessia teve um custo, o trauma que é representado na obra de Rosana Paulino aquilo que não bate ou não se liga de maneira correta.

Ao pensar esse refazimento, com uma imagem inteira em tamanho real de uma mulher escravizada recortada na horizontal, que foi recortada em peças menores e logo depois de cortadas, suturadas uma as outras. Nas palavras da artista “quando a gente olha [a obra] a gente percebe que esse refazimento ele não bate, ele não ajeita, ele não se liga de maneira

⁶⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uNEIJArBdKw>

⁶⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uNEIJArBdKw>

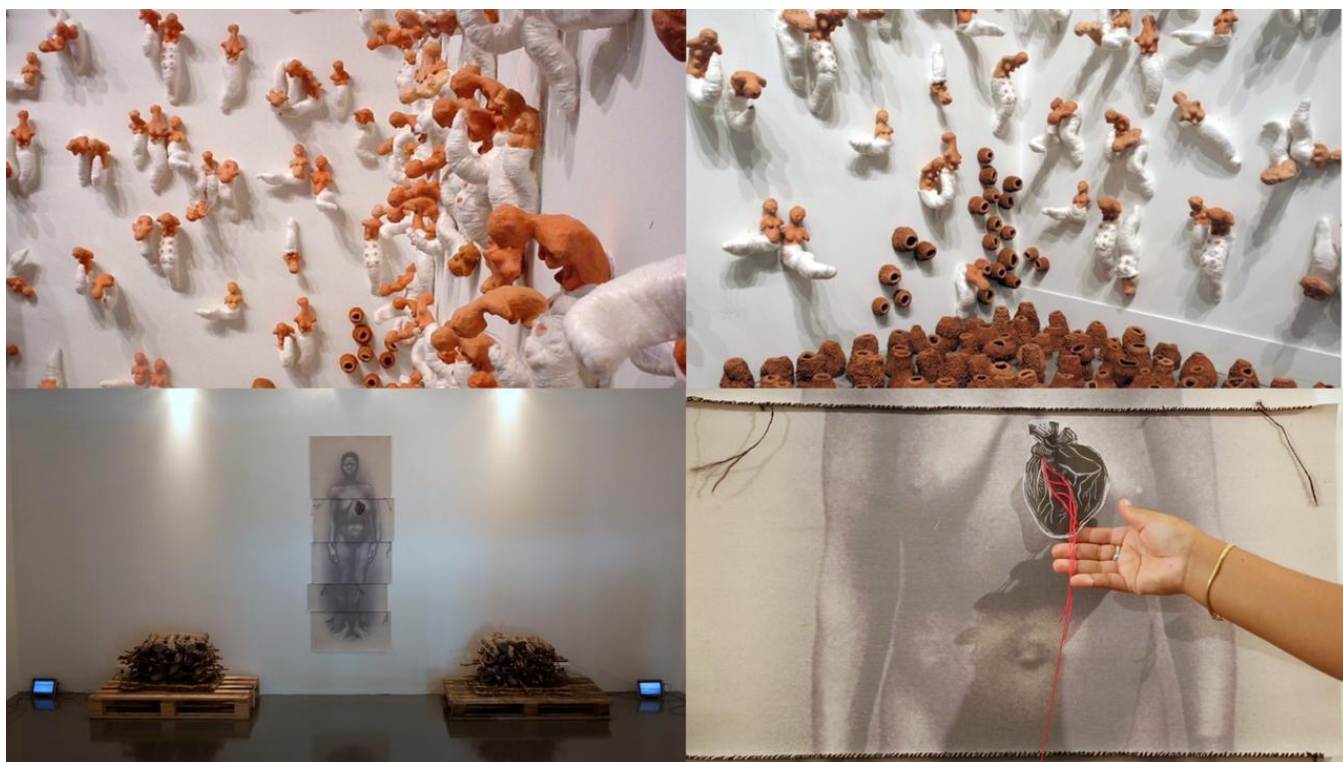
⁶⁸ É uma referência que a autora faz ao livro “Atlântico Negro” de Paul Gilroy

correta”⁶⁹. O trauma é representado na obra como refazimento que não dá conta de voltar a ser imagem inteira.

Apesar disso, Rosana Paulino coloca naquela imagem que não pode voltar a ser” inteira” um coração. O coração na obra é a reivindicação que além do trauma, há o amor, a humanidade. O coração traz a singularidade de uma pessoa que teve vida, sentimentos e comunidade. Poética e sutil, a obra em questão da exposição assentamento, traz a consciência do que o trauma fez é importante, mas tão importante quanto isso é que a herança desses corpos que que sofreram a travessia também a partir daquilo que complexifica a pessoa e faz dela única e não passível de homogeneização: o amor, a vida, a espiritualidade, a singularidade, os sentimentos e a comunidade. Uma história contada apenas na perspectiva da dor e do trauma, é apenas parte da história e em contraste o amor é uma nova forma de pensar sobre nós mesmos (hooks, 2019[1992]).

FIGURA 5 - Exposições Rosana Paulino

(legenda: no lado superior esquerdo e direito estão imagens da instalação tecelãs, já no inferior esquerdo e direito são imagens da exposição assentamento)



Fonte: Compilação da pesquisadora, 2021⁷⁰

⁶⁹ . Trecho 20:02 – 20:07. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uNEIJArBdKw>

⁷⁰ Montagem a partir de imagens coletadas do site e do blog de Rosana Paulino via: <https://www.rosanapaulino.com.br>

Os estalos que as leituras em diálogo das teorizações e trajetórias políticas de bell hooks e Lélia Gonzalez, suscitam sobre a temática do amor na complexidade da dimensão sensorial, da memória e do âmbito espiritual. Para os mais ousados e que se permitirem, a teoria que imerge do diálogo entre as autoras, oferecem guias que se alinham ao desejo de mudança. Por isso, mais uma vez o processo de tomada de consciência se torna sinônimo da cura. Mais que tudo, ler essas duas mulheres e pensar na temática amor é ser motivado a agir nos âmbitos privados e públicos: que se alimenta por motivações subjetivas e políticas capazes de intervir no comunitário e na sociedade; mas sobretudo a intervenção que reivindica a responsabilidade através da ação. Mesmo o processo criativo de Rosana Paulino, como destaca Thula Pires, sugere também o espírito de luta pela vida e pela liberdade também empreendida por bell hooks e Lélia Gonzalez (PIRES,2020):

Como no processo criativo de Rosana Paulino: “Frequentemente uma imagem montada contém indícios de outra que poderá ser realizada. Vou assim montando, fotografando, imprimindo, desmontando e remontando imagens, como num grande jogo” (PAULINO, 2011, p. 35). Esse é, para mim, o espírito da luta pela vida e pela liberdade – seguir permanentemente imprimindo, incidindo na realidade concreta, desmontando as imagens que nos aniquilam e remontando cada parte fraturada pelo racismo e pela ciscolonialidade heteropatriarcal capitalista. (PIRES,2020, p.269)

Dentre as temáticas na vida e na formação intelectual de bell hooks que a motivaram a escrever sobre amor, a morte e ao luto talvez se destaquem principalmente no contexto em que a primeira tradução em português de seu primeiro livro sobre amor é lançado; pandemia da covid 19. A perda fez bell hooks olhar para o amor, a perda me fez olhar para a minha vida, história e existência com amor. A ação do tempo e os acontecimentos da vida trazem a oportunidade de escolhermos observar as realidades de forma diferente, talvez se for desejável: recalibrar, equilibrar.

Quando Lélia Gonzalez fala sobre a importância de militantes e ativistas manterem um equilíbrio entre a vida pessoal e as atividades do movimento, se ver como pessoinha; me parece que ela está chamando atenção para a importância da reivindicação do direito do desejo em âmbito pessoalizado. O direito do desejo em âmbito pessoal é colocado pela autora como elemento importante da experiência de uma humanidade que faz parte do todo e que tem o todo em si (GONZALEZ, 2020[1986]).

Abrir mão de projetos pessoais, portanto, afasta pessoas da experiência da humanidade o que muito se aproxima de até estar na humanidade, mas não experienciar ela. Essa ponte de argumentação de Lélia, em muito dialoga com a reafirmação da unidade a partir da diferença

de bell hooks porque são as duas argumentando que o pessoal, o específico, o diferente não inviabiliza a unidade seja ela nos grupos, movimentações sociais ou na construção de comunidades que viabilizem laços de solidariedade na afirmação da vida da diferença.

A psicanálise, para além da mobilização do vivido para produzir política, é um ponto comum importante nas referências mobilizadas pelas autoras, apesar de apenas recentemente a questão racial ser reconhecida de forma tímida os efeitos do racismo na saúde mental. Rosana Borges (2019) destaca o século XIX como sendo uma época entusiasta com a filosofia da consciência ao mesmo tempo que uma concepção humanista apostava na civilização, na felicidade e na realização individual., mas é da psicanálise fundada por Sigmund Freud que vem o diagnóstico que mesmo assim algo não ia bem. Enquanto Lélia Gonzalez em suas formulações mobiliza a teoria freudiana, bell hooks, especificamente nos trabalhos que formaram o corpus analítico desta pesquisa, mobiliza preferencialmente referenciada em Jung e seus seguidores.

A figura da abnegação se destaca quando Lélia Gonzalez adentra ao desejo branco estampado em representações negras, mais especificamente na mãe preta, aquela figura no imaginário branco é louvada por ter direcionado amor infinito aos alagoes de seu povo. O amor é mobilizado nos discursos e nas representações também para oprimir e dominar, seja no âmbito público ou privado. A figura do cyborg no imaginário político negro na diáspora traz um tipo ideal de vivência política criado, tanto na ficção, quanto na realidade social da dedicação amor infinito ao branco e seu mundo (VARGAS, JAMES, 2012). Donna Haraway no texto “Manifesto Cyborg” apresentou o conceito de um cyborg feminista, um híbrido de máquina e organismo, que auxilia nas formulações de mundo futuro sem gênero. O cyborg negro, mesmo se auto definindo como não-binário, homem ou mulher, será sujeitado a violências específicas em todos os níveis possíveis, porque como argumenta Patrice Douglass (2018), quando gênero e raça convergem há o encontro de pessoas negras a esmo no oceano de violência (DOUGLASS apud VARGAS, 2020). A figura do cyborg é interessante para pensar uma série de questões, mas aqui interessa a relação do cyborg negro com o amor.

O amor do cyborg coloca como responsabilidade de pessoas negras educar e redimir os brancos ou não negros (VARGAS, 2020), isso porque as pessoas negras viriam de linhagens extraordinárias, qualidades super-humanas que permitiriam a superação de todos obstáculos. O amor do cyborg é infinito, paciente e esse é o elemento central de mudança para aqueles que fundamentalmente odeiam a negritude. É o cyborg que faz constantes apelos aos brancos que se esforcem em repararem seu ódio (VARGAS, 2018).

O sujeito político ideal de James Baldwin (VARGAS, JAMES, 2012) é tido como um exemplo do tipo ideal cyborg porque a linguagem mobilizada por Baldwin na carta para seu sobrinho, sugere a ideia de redenção negra através do amor e da luta. A abnegação é uma marca da figura ideal do cyborg e como também demonstrou Lélia, é uma característica em si privilegiada como positiva para favorecimento deles e prejuízo nosso. Para além do que o desejo branco representou na figura da mãe preta, sempre é preciso destacar, como fez Lélia, que na realidade ela empreendia “revolução silenciosa” profundamente estratégica e disruptiva.

A abnegação ainda é uma constante quando pesquisadoras negras se debruçam por analisar o tempo, a dedicação e o trabalho produtivo e intelectual de mulheres negras para a sobrevivência de comunidades e sociedades ao seu redor. A doação abnegada do tempo de mulheres negras se contrasta com o tempo necessário para o auto cuidado e o investimento em si. A tentativa de fissurar a continuidade do ideal de mulher negra que doa seu tempo de forma abnegada para tudo menos para ela, por vezes é lida como egoísmo. Joy James (2016) argumenta que a demanda de tempo diferenciado é uma vivência de “maternas cativas”. São as maternas cativas que organizam protestos contra violência policial ou contra matança desproporcional de seus filhos, montando campanhas públicas e buscando justiça. Irmãs e filhas preenchem tanto a defesa política pública quanto os afazeres domésticos privados. E entrada no domínio público de protesto, requer por vezes, deixar o domínio privado de trabalho produtivo e doméstico. Fica um vazio sobre os deveres da casa e o auxílio à família a administrar o luto que é preenchido frequentemente por outras figuras femininas. Para além do trauma e o roubo do tempo, a perda do lazer, que também requer tempo e poderia ser ferramenta de recuperação da fadiga da violência, é prejudicado. Nesses contextos, o tempo para a saúde é encurtado e se torna um dos desafios intergeracionais e ser enfrentado (JAMES, 2016, p. 280-281).

“O amor cura” durante a pesquisa essa foi uma das frases que eu me deparei com maior frequência quando busquei as referências de bell hooks em trabalhos acadêmicos brasileiros. A leitura dos textos de bell hooks auxiliou a compreender a cura do amor como consciência (hooks, 2019 [1992]), e nesse sentido amor cura porque a partir da consciência que ele pressupõe sobre os sistemas de representações racistas e sexistas; você se torna sujeito e exerce agência. A cura do amor que é a consciência das complexidades em si mesmo e sobre a realidade política ao olhar o trauma, o roubo do tempo e a perda do lazer no contexto de luta contra o genocídio, evidencia a importância do tempo e a saúde como ferramenta frente a fadiga da violência antinegra. Essa é uma experiência que olha para dentro que

personaliza o cuidado, mas como bem argumenta Lélia Gonzalez (2020[1986]), tem seus como pertencimento do todo e o todo em si, o que também surte efeitos no projeto coletivo.

Contudo, os processos de consciência nas trajetórias pessoais de bell hooks e Lélia Gonzalez trazem a espiritualidade também como centro importante. A espiritualidade foi para as autoras a cura, porque propiciou acesso a uma perspectiva diferente sobre elas mesmas e da realidade social que as circundava. Na minha experiência foram os processos de consciência que possibilitou identificar as linhas retas do determinismo antinegro ao mesmo tempo que me possibilitou ser, mesmo “no refazimento que não bate” (PAULINO,2019)⁷¹, “no caco” (NASCIMENTO,2020)⁷², “na indefinição” (MOMBAÇA, 2018)⁷³, no “cuier” (NASCIMENTO, 2019b). E assim ir escrevendo minhas histórias tortas, inacabadas, plurais, contraditórias.

Analisando a literatura de bell hooks e os sentimentos das personagens construídas por Toni Morrison, a raiva é trazida como tendo efeito positivo no processo de autoafirmação porque ela é a resposta a um sentimento de violação. A raiva seria um domínio que o “self” cuida e esse sentimento é argumentado atuando no auxílio às personagens de resistir à degradação, mas que a sustentação a longo prazo como sendo impossível. Essa raiva se internaliza e resulta em comportamento destrutivo.

Ao trazer a raiva para análise, bell hooks mobiliza Nietzsche (WATKINS,1983). Pelas minhas vivências em sentir as dores da antinegitude, falar de amor era um problema. O que mais se alinhava com os meus sentimentos era o não enxergar sentido no amor devido a profundidade da dor. Contudo, ao mesmo tempo que eu me recusava a falar da dor, ela de certa forma se fundia à minha existência. Eu só não queria falar de amor, eu estava no looping do trauma colonial e só fazia sentido era entoar o poema: Não Falarei de Amor (ALVES, 2019, p. 140).

Nesse tempo, sentir a dor das violências da antinegitude era inversamente proporcional às afirmações como de Cleria Prestes (2018), Neusa Santos (1990), Fanon (2008) e bell hooks (2013b) sobre a necessidade de superação da “fixação com o passado de dores”; algo que hoje eu verbalizo como o looping do trauma. Minha terapeuta tem umas figuras interessantes para pensar o trauma que muito me auxiliou a entender esse looping, diz ela “o cérebro é como um músculo, quanto mais você exercita ele” [em um lugar específico]

⁷¹Ver vídeo “A costura da Memória”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uNEIJArBdKw>

⁷²Faz referência ao poema Quase de Tatiana Nascimento que aparece no álbum visual de Luedji Luna. Saiba mais em: <https://www.esquerdadiario.com.br/A-beleza-indescritivel-do-novo-album-visual-de-Luedji-Luna>

⁷³Faz referência ao deslocamento que vislumbra a importância do indefinido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vztLJfJYPYs>

“menos você consegue se beneficiar de outras ligações em outras áreas dele”. Sair dessa repetição representa tanto “exercitar outras áreas do cérebro” que não aquelas restritas às feridas da escravidão, quanto experienciar outras que levam a contemplação não apenas do direito a esperança e o amor, mas o direito ao desejo. Na minha experiência foi o exercício da repetição sistemática do looping do trauma colonial que fez ser impossível experienciar de forma tranquila o prazer do cuidado oferecido à minha pele.

Da mesma forma que a psicanálise e o candomblé, o diálogo sobre amor entre bell hooks e Lélia Gonzalez me propiciou ter contato com outras experiências de mulheres negras que apesar de tudo trouxeram para suas vidas o prazer de viver para além da dor.

O diálogo entre as autoras reafirma o poder do erótico na vida de mulheres negras quando trazem para a experiência negra o prazer de viver. É também a experiência com o erótico que me fez encontrar conforto com meu vivido amefricano e a experiência do amor. Da experiência da escrita da dissertação, à mensagem de liberdade, que o considere ser a herança das autoras privilegiadas na pesquisa, é que o amor amefricano não negocia com a violência. Herança essa que tanto se alinha com o proposto por Fanon (2008) “Não sou prisioneiro da História. Não devo procurar nela o sentido do meu destino. Devo lembrar, a todo instante, que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência” (FANON, 2008, p.189).

Falar de amor e mulheres negras é também falar de histórias de resistência que mobilizam as mais sofisticadas ferramentas de sobrevivência que às vezes a palavra em si amor, apesar de também significar potência, não dá conta dessa grandeza. “E se não fosse por amor: o que mais poderia ser?” é o nome dado ao subtítulo do primeiro capítulo do livro “Candomblé no Brasil: Resistência Negra na Diáspora Africana” (2020) de Ronan Gaia, Alice Vitória e Ariel Roque que argumentam que a cosmovisão limitada do homem branco colocada em uma língua indo-europeia como o português não consegue dar conta desse “amor” que mobilizamos como sendo pilar na insistência em sobreviver das vítimas do colonialismo e da reencenação do trauma colonial.

Por mais que a língua escrita não conseguisse abranger a complexidade do furor contra o banzo e problemas sociais ligados a raça; seria a palavra axé que justificaria esse amor argumentam. Mesmo a palavra em si, amor, não conseguindo descrever o que se deseja da história de resistência negra; é a cosmo percepção e o sentir de cada pessoa que completam a mensagem que aquela palavra deveria entregar (GAIA; VITÓRIA; ROQUE, 2020).

É, portanto, o vivido que concebe a complementação da mensagem. Daí a importância dessa escrita em primeira pessoa no presente trabalho; a expertise das autoras em trazer suas

experiências para as teorizações políticas em suas obras, e; a importância de trançar no diálogo entre elas, suas biografias.

Enquanto a proposta de bell hooks traz como paradigma a representação sendo o amor, aquele que nos auxilia a dar conta dos efeitos desumanizantes (prstes,2018) das representações construídas pelo projeto do patriarcado capitalista supremacista branco; o problema da representação (hooks, 2019, p.36); já a categoria da amefricanidade bem como a proposta de amefricanização do amor, traz o conceito de humano como paradigma. A diferença no que se refere ao paradigma privilegiado pelas autoras sugere talvez o grande distanciamento entre as autoras.

O paradigma do conceito de humanidade é também sobre as representações, mas não se restringe a mudança da forma que nos vemos. O paradigma da humanidade traz em tela como somos ou podemos ser para além do conceito moderno de humanidade que tendo centralidade na antinegitude (VARGAS, 2020) que insiste na hierarquização entre humanos. A argumentação aqui levantada é que ao identificar que “se houve pouco progresso, é porque nós transformamos as imagens sem alterar os paradigmas” (hooks, 2019, p. 36), que concordando com bell hooks precisam mudar nossos modos de nos ver, mas há uma urgência em discutir-se os modos que concebemos a humanidade na modernidade. Na mobilização negra do amor como artefato para a luta política (FLAUZINA,2015), as discussões sobre humanidade, sociedade ganham centralidade dentro desse campo de discussão sobre ser e como nos relacionamos uns com os outros.

João Costa Vargas (2020) se referencia em Frantz Fanon ao compreender que o medo e o ódio à pessoa negra estão no centro do inconsciente coletivo moderno. O autor apresenta a antinegitude como princípio fundante da constituição da humanidade, porque é ela que ao negar a humanidade de pessoas negras, as coloca num contexto de desvantagens de diversas dimensões “A não existência é a pessoa negra, a negritude. Esse é o princípio fundamental da constituição da pessoa moderna” (VARGAS,2020, p.19). A antinegitude é a constante estrutural que separa as zonas do humano (zona do ser) e a do não humano (zona do não ser) (VARGAS, 2020; CARNEIRO,2005). Ambas as categorias formam, então, a hierarquização binária moderna que atribui (ou não) humanidade aos sujeitos. Tal estrutura torna objeto, tudo aquilo, supostamente, ligado à negritude, ao mesmo tempo em que torna não lugar todo espaço - físico, ontológico, social, estético, normativo e político - marcado por ela. É também a antinegitude que fundamenta a morte física e social de corpos negros autorizadas pelo estado: o genocídio antinegro. (VARGAS, 2017)

Conceição Evaristo de alguma forma apreende esse fazer negro por libertação que também podemos reivindicar como marca da ameficanidade ao dizer que “quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução” (EVARISTO, 2015, p. 123). Fica evidente a estratégia de resistência por meio das ferramentas que afirmam e produzem vida. A ação política negra, levando em conta a realidade complexa e distinta entre as subjetividades negras, requer que levemos também para essa análise essa complexidade.

Por isso, neste trabalho, o amor como resistência não é reivindicado num campo que reforce a hiperinscrição, mas sim posto como uma possibilidade alternativa à dor que nem sempre é manuseada. A perspectiva amefricana do amor não ignora os problemas em relação as representações, mas traz como paradigma a humanidade. Uma característica ética aqui neste trabalho, reivindicamos como sendo fundamental do amor nesta perspectiva também é a não negociação com a dor. A reivindicação aqui portanto, é aquela que se alinha à proposta de Jota Mombaça (2020) ao dialogar com Conceição Evaristo, a importância do lugar da dor negra no registro daquilo que a história brasileira atribui ao mesmo tempo que quer apagar, mas a dor trazida como possibilidade também de ser atravessada e “encontrar a vida também nos momentos de dor e afirmar a pulsação dessa vida”⁷⁴

4.1 Reordenando as estratégias: o imaginário político negro na diáspora e o amor revolucionário

A imaginação política na diáspora negra (VARGAS, 2020) para Jota Mombaça é marcada pela produção que não é guiado pelos modos binários de ver o mundo, é na ficção produzida pela imaginação visionária política que estão todas as estratégias que não se limitam àquilo que é projetado como possível. O exercício político engajado de pessoas negras, seja na literatura, nas artes, no fazer científico, ou nas críticas sociais e culturais quando voltadas para o passado, escancara o que não conseguíamos ver, e quando voltada para o futuro materializa os nossos desejos nas paredes misteriosas do universo.

Nesta sessão, portanto, a arte e a poética são tidas como lugar privilegiado que trazem os sonhos, os imaginários, rituais e lendas. Através da arte temos já o início do processo de amefricanização do amor e aqui lanço pistas de como também podemos avançar.

⁷⁴ Dialogo entre Jota Mombaça e Conceição Evaristo de título “Territórios de Partilha: como as poéticas podem criar novos mundos” no Canal Festival de Mulheres do Mundo. 3:24 . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ElIUCv19rw8&t=52s>

A partir das sugestões do diálogo de bell hooks e Lélia Gonzalez tratado no capítulo anterior, identifiquei que argumentação de que “o amor cura” vem de um exercício de consciência direcionada da própria pessoa e também da realidade social e política que a envolve.

Mais que tudo, aprendemos com as trajetórias das autoras a importância de se refazer e de se transformar, apesar dos sistemas de opressão e dominação que atravessam suas vidas e realidades sociais. De certa forma, a complementar a discussão que a arte de Rosana Paulino traz, Jota Mombaça fala sobre os espaços que ainda estão a se fazer e o quanto a “antologia da travessia”⁷⁵ tem a nos informar sobre como ser e estar na diáspora que não seja sobre a constante necessidade ansiosa de chegar à linha final onde se vislumbra a paz.

Nas perspectivas tomadas a partir de uma leitura conjunta de Jota Mombaça e Rosana Paulino, o processo de amefricanização pressupõe um entendimento da cura pelo amor que não busque “o normativo da perfeição” porque esta perfeição também reencena o trauma colonial do drama do eterno defeito da negritude.

Ou seja, através do sonho, ou mesmo da concentração de sentimentos num determinado momento, pode-se traçar, de forma particular e única, aspectos da vida humana que nos envolvem a todos, apontando e questionando os mecanismos sociais articulados para reproduzir a alienação. E os poetas são mestres nessa arte (GONZALEZ, 2018[1988], p. 367)

Com o corpo em movimento na “antologia da travessia” a diáspora é feita casa, o próprio percurso é casa e a indefinição também é. Num contexto em que pessoas negras não têm controle sobre suas imagens, como levanta bell hooks, argumenta Jota Mombaça (2018) que ao mesmo tempo que a auto definição faz frente a esse problema, por outro lado ela pode agir como “hipercircunção”⁷⁶. A hipercircunção se torna um problema porque ela não pensa o direito de desejar ser mais que uma dada definição. Tatiana Nascimento argumenta ser preciso haver o anúncio e a (re)criação, depois da denúncia (NASCIMENTO, 2019b, p.16). Há aqui uma reivindicação da possibilidade de refundar o possível porque este “é uma ficção politicamente regulada, extremamente densa e vigiada”⁷⁷ e ao refunda-lo tantas outras estratégias políticas aparecem. E permitem outras formas de se “imaginar outras formas de resistir, outras formas de ser resiliente, outras formas de elaborar criticamente nossa forma de

⁷⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vztLJfJYPYs>

⁷⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Doluws-0bjM>

⁷⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p1krp7_bA20

nos relacionarmos umas com as outras e com as coisas, com o mundo”⁷⁸. Antes de mais nada, é preciso sair e expandir a compreensão de que:

No Brasil, a intelectual, poetisa e cantora Tatiana Nascimento a partir da proposta dos quilombos como experimentação de liberdade (NASCIMENTO,2019, p.17), cuírlombismo literário aponta que o imaginário de heterocissexualização fundado no processo colonial que homogeneiza e inunda de estereótipos o sexo que caberia para corpos negros. O cuírlombismo literário reivindica uma existência negra para além do processo escravocrata que demandou as inúmeras estratégias de resistência e a reconstrução. Os cuírlombos são resistência, sonhos e sementes e a literatura cria novos mundos impossíveis, utópicos e distópicos.

Tatiana Nascimento (2019) traz a importância de assentar a poética no acuírlombamento que é a reinvenção apesar e contra o “silenciamento colonial htcissexualizantes” (NASCIMENTO,2019, p. 13) e a partir das narrativas ancestrais que vão além da memória das histórias mal contadas. Ainda para a poeta, enquanto reagir a dor tem significado contar histórias, falar da dor abre a possibilidade para a cura e é na afirmação do “direito ao devaneio” que o paradigma da dor tem se transformado, argumenta. A autora argumenta uma reação a dor que não se restrinja a apenas a isso, mas que também consiga ir além e curar a dor (NASCIMENTO,2019b, p. 28), mesmo que não seja pra nunca mais, porque é sobre entender como traz o poema “taipa (o big-bang do criacionismo)”⁷⁹ :

curar não significa nunca mais
vai doer,
feliz não significa nunca mais
vai chorar
ser forte não é rigidez
(aquebrantável; tem alguma coisa,
na fragilidade, pra se
aprender)
matéria é uma casa que habita a gente no
finito da jornada. mesmo que cimento
prometa eternidades, é de mariô y
barro a lembrança da acolhida
(palha, ou clorofila morrida, y
tecnologia de terra muito molhada
que a primeira deusa, velha, lenta, macerou)
perfeição é o nome de um deus:
botamos pra morar na nossa
falha. a gente é nada mais
que poeira das colisões estelares,
a gente, poeira de toque e o
dissolver as estrelas:
um registro do fim
um pedaço do nada

⁷⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p1krp7_bA20

⁷⁹ Disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/2017/11/13/taipa/>

um silêncio de vácuo a memória do brilho, do
brilho
y saudade
do infinito.

A proposta do cuírlombismo literário, traz para a comunidade e sujeitos, uma forma de ver a existência mais complexa que o binarismo que funda o processo colonial. Tatiane Nascimento evidencia que a proposta supremacista branca vai desconsiderar qualquer experiência sexual dissidente do modelo hétero normativo e cisgênero, e a partir disso até mesmo o olhar para povos milenares traz essa mesma carga de entendimento de única prática sexual que eleva a ideia de “opostos-complementares” (NASCIMENTO,2019b, p. 11) para as expressões de gênero; e isso representa o racismo colonial. Sexos dissidentes que em algumas comunidades negras são tidas como “praga branca” (NASCIMENTO, 2019b, p. 5) representam, identifica a autora, formas de contrapor a matriz branca heterocisnormativa binariocêntrica reprodutivista com uma outra verdade, às vezes vestida de “afrocentrada”, que é igualmente hetero, cis, binária, núcleo familiar.

Nas palavras da autora “o racismo colonial heterocissexualizante que anula nossa complexidade, nos desumaniza, explora, escraviza, mata, estupra, fetichiza, exotiza- impede que nos chamemos por nossos próprios nomes” (NASCIMENTO,2019b, p.12). É a poesia que que a literatura negra lgbtqi experimenta a criatividade, o visionário e o afrofuturo. É da poesia que vem a movimentação sugerida por Audre Lorde (1984) sobre a sequência linguagem, ideia e ação (NASCIMENTO,2019). No poema cuíer A.P. (ou oriki de Shiva, v. 28 out. 2018), Tatiana Nascimento (2019a) vem dissecando todo que tem sido mobilizado a partir da ótica do amor e o quanto a complicação de um cuírlombismo auxilia no desmonte de mentiras:

nós vamos destruir tudo que você ama
e tudo que c chama “amor”
nós vamos destruir

porque c chama “amor à pátria”
o que é racismo
c chama “amor a deus”
o que é fundamentalismo
c chama “amor pela família”
o que é sexismo homofóbico y
c chama transfobia de “amor à natureza”
(o que c sabe de natureza? Pra vc a natureza é só mais alguém pra ser dominada)
c chama de “amor pela segurança”
é militarismo
y o capitalismo
c chama de “amor pelo trabalho”

(mas mentira, é pura adoração pelo dinheiro)
 o que c chama de “amor à humanidade”
 é especismo, achar que todas as outras pessoas
 no planeta, todas as pessoas não-humanas
 têm que servir a você
 y esse seu “amor pela Palavra”, pela sacralidade da escrita,
 na real é só um caso histórico de má-tradução – que
 conveniente, chamar deus de “ele”
 mas eu, que olhei dentro de mim e vi a face
 amorosa de deus, sei que Ela
 é Preta
 você que come odio que vive ódio que
 vomita ódio, qual é a face de deus
 que olha de volta sua mirada?

então se liga: nós somos
 seu apocalipse
 kuér, y vamo destruir
 tudo que você ama, seus ideais de
 “civilização”, “cultura erudita”,
 “amor pela liberdade”
 “justiça”,
 isso que não passa de liberalismo,
 galerismo burgues,
 política racializada de encarceramento, epistemicídio,
 genocídio colonial: quer matar tudo
 que ri, que goza, tudo
 que dança
 tudo que luta
 quer matar a gente.
 mas a gente que nem semente daninha,
 vinga, se espalha, sobre
 vive!
 porque a gente, que você amaldiçoa
 em nome do seu amor, doentio, segrega
 dor, htcisnormativo,

a gente que é amante,
 a gente é que vive y espalha

amor (NASCIMENTO, 2019a, p. 9-12)

O amor amefricano é revolucionário justamente por sair do imposto pelo realismo político e nos dar outros referenciais para pensar a vida e a política. É o deslocamento radical do amor amefricano que nos auxilia a tecer crítica àquilo que é quase dogma na vida social.

A cura do amor revolucionário não traz a promessa de que “nunca mais vai doer”, não reforça o sentimento defeito nato da negritude, mas ele também é a consciência da acolhida da ancestralidade. O amor revolucionário amefricano pulsa na vida e nas possibilidades de presente e futuro.

No artigo “O amor negro revolucionário reimaginando a democracia” (2021), mesmo considerando ser difícil de definir, Joy James argumenta que o amor revolucionário se origina de um desejo de busca de um bem maior que implica responsabilizar-se por riscos radicais em

nome da justiça. O amor revolucionário não é romântico, não encanta e se difere do amor pessoal ou familiar. A romantização e a projeção de políticos ou celebridades como os substitutos possíveis para o ativismo radical não se alinha ao amor revolucionário.

Fred Hampton, líder dos panteras negras, e exemplo de ativista pelo amor revolucionário, argumentava que a maior arma era a educação política, sendo o amor portal para a educação ao longo da vida.

Contudo, ainda argumenta a autora que o amor revolucionário na luta por justiça e equidade não tem sido capaz de fazer frente ao desejo pela dominação racial e de classe. A autora aponta que tem sido mais aceitável o exercício do dever cívico e a formação de consenso que o exercício do amor revolucionário por equidade e libertação.

O desenvolvimento orgânico do amor revolucionário acontece porque viver numa democracia que não atende as necessidades das pessoas, justamente porque ela não foi projetada para isso, pressupõe a importância da autodefesa e do respeito próprio. A autora ainda advoga que quando o amor revolucionário é mola propulsora para a construção de estruturas comunitárias bem como vontade política e inteligência emocional que sustentem a longevidade na luta, também é criada a capacidade não só de abraçar, mas também de aprender com sobreviventes de genocídios, da escravidão, de prisões políticas e encarceramento em massa.

Cristy C. Road (2020). executa esse sair da ficção do realismo político, advogado por Jota Mombaça (2018), para imaginar outras possibilidades políticas, ela é integrante de uma banda de punk rock, ilustradora feminista cubana que vive nos Estados Unidos e ilustrou a mão o deck de tarot⁸⁰ de nome Tarot do “próximo mundo” que é considerado um grito de guerra visual que conjuga a política e a criatividade. Ela é autora da dissertação de mestrado em ilustração sobre a história do tarot no Instituto de Tecnologia da Moda na Cidade de Nova Iorque. A saber o baralho de tarot mais impresso vem da Londres de 1910 e é cheio de representação brancas e medievais o que faz que na modernidade uma grande parte de leitores não se identifiquem com essas figuras⁸¹.

O texto de apresentação do deck deixa explícito que ele visa o desmantelamento de estruturas patriarcais que silencia vítimas há muito tempo, desmantela a supremacia branca porque descriminaliza corpos negros para que o racismo (internalizado ou não) seja

⁸⁰ O tarot é uma ferramenta de adivinhação de tradição antiga que usa um conjunto de cartas. Hoje essa ferramenta é utilizada para prever o futuro, obter perspectivas sobre situações desafiadoras ou até mesmo fornecer temas para reflexão e inspiração. Disponível em: <https://www.colorlines.com/articles/next-world-tarot-tarot-deck-your-apocalyptic-dreams>

⁸¹ Disponível <https://www.autostraddle.com/cristy-c-road-next-world-tarot-407446/>

transformado em ação, descoloniza a história dos nossos antepassados, traz reconexão com a ancestralidade e tem a espiritualidade como guia, é acessível, traz o autocuidado como direito, se nutre das ideologias descolonizadas sobre bem estar e saúde que são transmitidos pelos mais velhos, as avós, os curandeiros, revisa as definições de gênero, entende as estruturas históricas de poder que atravessam as expressões de gênero, é interseccional (ROAD,2020).

Com ilustrações pós apocalípticas, o tarot do próximo mundo traz as cartas do baralho com ilustrações de corpos queers, negros, gordos, latinos, indígenas, pessoas em cadeiras de rodas, mulheres com hijabs, pessoas idosas, casais homoafetivos. Essas ilustrações são importantes porque trazem a existência da beleza no que é tido como “imperfeito” e é nessa imperfeição que as mudanças sociais mais profundas eclodem.

Cartas que tradicionalmente eram ilustradas com figuras lidas socialmente como masculinas, agora ganham ilustrações com personagens lidas como femininas e, às vezes, não binárias, como o caso da carta da força.

As cartas são inspiradas também em personalidades ativistas e eventos reais como ativista trans Jennicet Gutierrez e o protesto “Dakota Access Pipeline”⁸² e do Black Lives Matter⁸³. A resistência política e protestos contra a violência policial é um dos assuntos que aparece nas ilustrações trazendo os slogans ativistas como “parem de nos matar” e “Não consigo respirar”. Os slogans e ilustrações do deck de tarot que trazem referências ao movimento Black Lives Matter e que chamam atenção para o que se tem discutido nesta seção do trabalho são as cartas da justiça e do julgamento.

A carta da justiça traz um entendimento singular que conecta um conceito específico de justiça com o amor revolucionário. Na ilustração a justiça é representada no centro da carta, como aquela que pede uma única vez, ela está num espaço seguro e com sabedoria e ainda é rodeada por corpos dissidentes que são considerados os “pecados” dentro das comunidades, uma dessas pessoas ergue um cartaz escrito “Pare de nos matar”. A justiça é considerada a partir da importância da desobediência civil frente a sistemas de dominação enraizados no racismo, na misoginia, na homofobia, no capacitismo e no ódio.

Na concepção trazida pelo deck justiça é responsabilidade que comunga elementos como: a verdade, o amor, desafios e a humanidade; ela é o exercício do amor próprio contra as probabilidades, é a resposta radical contra as injustiças, é subestimar as estruturas históricas de poder, é ter autoridade total sob o próprio corpo, é conhecer o sentimento de

⁸² Ver mais em <https://brasildefatorj.com.br/2016/11/21/com-5oc-policia-joga-agua-em-ativistas-em-protesto-contraoleoduto-nos-eua>

⁸³ Ver mais em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/12/20/como-tres-mulheres-criaram-o-movimento-global-black-lives-matter-a-partir-de-uma-hashtag.ghtml>

casa, é ter consciência dos próprios erros e navegar no privilégio com consciência e compaixão, é deixar as filiações tóxicas e é fazer a si próprio as perguntas que limpam a consciência e permite respirar melhor.

Nesse sentido, a justiça não vai significar equilíbrio, mas sim a reação radical ao ódio e ao preconceito. Esse conceito de justiça não compreende o falar por, mas sim que os sujeitos e sujeitas falem por si, fala sobre compartilhar poder com os grupos que não tem.

As lições dadas pela justiça precisam ser aprendidas no momento atual porque ela afeta diretamente as vidas (ROAD,2020). Já a carta do julgamento traz a ilustração de uma manifestação contra a violência policial, uma placa escrita “único caminho”, cartazes escritos “black lives matter”, “sem justiça, sem paz, não a polícia racista”, “Millions March”⁸⁴ e uma faixa com a fala “I can’t breath”⁸⁵. É o julgamento que vai decidir o que é certo ou errado num mundo em que o “certo” tem sido definido a partir de histórias de violência. O julgamento é momento em que a justiça deve prevalecer, entende-se que a igualdade é fundamental para a paz e é quando a própria humanidade se senta no banco dos réus.

Para que a justiça aconteça e que os grupos sobreviventes de ódio sistêmico sejam elevados, é fundamental que as mentiras sejam escavadas e que as pessoas se agarrem a mentalidade que honra o amor e o respeito de forma a serem maiores que a política e o imperialismo (ROAD,2020)

⁸⁴ Ler mais em: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2014/12/video-mostra-rua-cheia-de-manifestantes-em-dia-de-protesto-em-ny.html>

⁸⁵ Ler mais em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/29/i-can-t-breathe-o-grito-negro-por-justica-que-queima-nos-eua-e-ecoa-pelo-mundo>

FIGURA 6- Algumas cartas do deck Next World Tarot



(legenda: da esquerda para a direita as ilustrações das cartas: sete de paus, justiça e julgamento)

Fonte: Compilação da pesquisadora, 2021⁸⁶

A sugestão de Cristy C. Road (2020) é que na desordem de mentes, almas e corpos dissidentes, que acontece o sucesso no campo dos desafios sociais. A artista se inspirou na visão de um mundo melhor no qual não falta justiça, resiliência, responsabilidade e a recuperação da magia, a ilustração traz um sistema de crenças anticoloniais no qual a justiça depende do amor revolucionário e do respeito.

O tarot inspirou amigos da artista que se afastavam de qualquer coisa espiritual por tudo parecer muito religioso⁸⁷, e que agora eles encontram outras formas de acessar algo espiritual. A forma em que a arte e a espiritualidade se cruzam na ilustração da artista vem das práticas espirituais yorubá, mais especificamente as raízes da Santeria que é um dos pontos de partida do deck. Mesmo que dificultado por um mundo colonial e capitalista a artista

⁸⁶ Montagem a partir de imagens coletadas do site oficial da ilustradora Cristy C Road datadas dos anos de 2018 e 2019 via <https://www.croadcore.org/drawings.htm#gallery-26>

⁸⁷ Disponível em: <https://www.colorlines.com/articles/next-world-tarot-tarot-deck-your-apocalyptic-dreams>

considera importante se conectar com seus ancestrais é fundamental para a ancestralidade. Para a artista ainda o autocuidado e o romantismo entre casais são partes de estruturas capitalistas que não levaram ela a se sentir completa, mas aumentou a pressão para que ela se sentisse inútil e incompleta, por isso a autora relata:

Comecei descolonizando meu entorno e falando com as raízes da minha identidade: fazendo altares para meus ancestrais que queriam me ajudar, descobrindo aquela conexão entre meu corpo e a terra / universo que é alimentada por plantas e remédios ancestrais e rituais em conjunto com a lua e o sol, trabalhando verdadeiramente com a terra e resistindo ao capitalismo e à colonização, mas no contexto de uma vida urbana. Descobrir o que realmente parece, aceitar que precisava de minhas raízes, mas não podia correr de volta para Miami. Emparelhar isso com a propriedade total de meus objetivos criativos e identidade (que definitivamente brilhou desde que descobri o punk rock) é o que eu precisava há muito tempo⁸⁸

Falar sobre ferramentas que façam frente aos sistemas de dominação e opressão, é mobilizar o vocabulário político dos direitos humanos, mas sendo essas formulações em disputa, há que se considerar o que a imaginação política visionária tem a informar para a ampliação desse vocabulário.

A zona do não ser experiencia a inefetividade de garantias jurídicas frente às violações de direitos direcionadas a zona do não ser porque” As categorias jurídicas não foram pensadas a partir da realidade vivida por quem habita a zona do não ser e não se comunicam com o sentido e amplitude de nossas reivindicações por igualdade, saúde, moradia, propriedade, liberdade, vida, segurança” (PIRES, 2020, p. 265).

É imperativo que a proteção jurídica oferecida pelos direitos humanos se comunique com a realidade vivida também pela “zona do não ser”. Também a descolonização da produção do pensamento pode oferecer outras formas de teoria e práticas jurídicas.

Contudo, uma outra realidade institucional e intersubjetiva demanda uma substituição total, completa, absoluta e político-culturalmente disputada. É preciso coragem para romper com o pacto narcísico que sustenta o racismo cisheteropatriarcal capitalista e muito mais do que “boa intenção” para romper com o colonialismo jurídico. Exijo que levem em

⁸⁸ Texto original: I started decolonizing my surroundings and speaking to the roots of my identity: making altars for my ancestors who wanted to help me, discovering that connection between my body and the earth / universe that is fueled by plants and ancestral medicine and rituals in conjunction with the moon and the sun, truly working with the earth and resisting capitalism and colonization but in the context of an urban life. Finding out what that truly looks like, accepting that I needed my roots but couldn't run back to Miami. Pairing that with the total ownership of my creative goals and identity (that's definitely shone since finding punk rock) is what I've needed for a long-ass time.” Disponível em <https://www.autostraddle.com/cristy-c-road-next-world-tarot-407446/>

consideração [...] que luto pelo nascimento de um mundo humano, um mundo de reconhecimentos recíprocos (FANON, 2008, p. 181; PIRES, 2020, p.269).

O amor numa perspectiva amefricana oferece aos direitos humanos uma ampliação do vocabulário político justamente por trazer à humanidade, enquanto paradigma o convite para não negociar com o ódio que na modernidade resulta em políticas de morte.

Desse modo, o imaginário político na diáspora se torna ferramenta factível o que fortalece o sonho de liberdade. E é neste sentido, tendo como ilustração, tanto conceito de amor revolucionário, quanto o exemplo do imaginário político negro na diáspora que argumento a importância dessa intelectualidade ser admitida como fonte teórica para uma produção teoria e prática de direitos humanos que se politize e que auxilie na construção de novas formas de nos relacionarmos e novos mundos, a partir da ética do amor revolucionário amefricano produzido pelo imaginário político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma mulher jovem negra ainda engatinhando nos caminhos que Lélia Gonzalez, bell hooks e tantas outras já percorreram, acredito haver uma urgência na destruição do que concebemos como humanidade para que seja cabível a máxima, ser humano também é ser negro.

Contudo, poder sonhar com outras possibilidades de viver, em muitas medidas, têm também passado pelo exercício da liberdade, de poder conjecturar aquilo que podemos ser para além do que a partir da dominação política das representações e produções de imagem podemos ser. Vamos começar a conceber e exigir politicamente outras formas de nos vinculamos e relacionarmos conosco, em comunidade e em sociedade; quando munidos de representações libertadoras.

A politização do amor proposta por bell hooks, em consonância com outras vozes negras convidadas para a dança dessa dissertação, nos faz conceber o amor como uma arma potente e urgente para dar conta de todas as ordens de autofagias ao mesmo tempo que construímos pontes para um futuro em que essas autofagias não sejam os alicerces das nossas sociedades do amanhã, sejam elas em quais âmbitos forem. “Temos que nos voltar para dentro do quilombo e nos organizar melhor no sentido de dar um instrumental para esses que vão chegar e vão continuar o nosso trabalho” (GONZALEZ, 2018[1991], p.382).

O amor, nas perspectivas estudadas, quase consenso foi convite para a mudança bem como a ação também em direção a justiça: Não há justiça sem amor, bem como sua ética/política. bell hooks e Lélia Gonzalez não falaram as mesmas coisas sobre o amor, mas elas se completam, elas são as companheiras de dança para embalar a procura por estalos. As provocações delas nos chacoalham a cada sentença e capítulo, mas elas não nos deixam sem esperança ou sozinhas.

Os estalos que as leituras das duas suscitam sobre a temática são na dimensão sensorial, é a memória, é no espiritual; para os mais ousados e que se permitirem, a consciência sinônimo da cura. Mais que tudo, ler essas duas mulheres e pensar na temática amor é ser motivado a agir: para você, para os outros, no individual, no coletivo, no comunitário, na sociedade, no político; mas agir.

As trajetórias pessoais e políticas das autoras são tanto exemplo da unidade específica que a diáspora negra produziu e Lélia denomina de amefricanidade, Quanto exemplo da construção da subjetividade radical de mulheres negras apontada por bell hooks. Não há que se questionar também que em suas semelhanças e diferenças, as autoras nos auxiliam tanto no

processo de descolonização mental e reafirmam a necessidade da nossa autodefinição. Tudo isso alinhado a um profundo processo de consciência são as curas para as feridas do racismo porque nos liberta de forma que não o passado e muito menos pensamentos ou estruturas supremacistas brancas poderão nos definir.

Na experiência da escrita deste trabalho, não tive dúvida que a temática amor me levou a encarar muito das imagens tanto da negritude quanto da vida negra. Por muitas vezes, eu extremamente provocada, assim como em processo similar relatado pelas autoras, tive que pegar meus pedaços e cacos no chão. Mas também, pelo exemplo delas e tantas outras mulheres negras, compreendi e senti a possibilidade do amor à negritude como ferramenta política que transforma minha/nossa forma de nos ver e ser.

Foram diversas vezes na escrita que eu me sentia exercendo minha humanidade que não tem muito a ver com essa que dizem por aí ou reivindicada pelas campanhas por direitos. Terminei a escrita desta dissertação com a sensação que me tocava enquanto eu a escrevia. A palavra que me parece representar o diálogo entre bell hooks e Lélia Gonzalez é a busca pela libertação. Eu sempre me via com as autoras num lugar de intimidade que de início era difícil colocar em palavras, mas que hoje compreendo que é o lugar em que a busca pela libertação se dá pelo caminho em que a negritude não é a minha comunhão de dor, mas sim de possibilidade; onde nós três nos encontramos no amor. Por isso o amor pra mim é o nosso encontro e a nossa negritude tornou isso possível. O eu sou porque somos aqui, ganha outra dimensão; a da cura. Que a partir daqui batendo, cantando e dançando para todas as moças possamos construir estratégias no horizonte do imaginário político no qual amor e resistência sejam conjuntamente possíveis.

Tanto a categoria do amor quanto a da amefricanidade informam um agir que necessariamente leva para o cenário político outras implicações de responsabilidade para sujeitos políticos.

Neste sentido, mais que as categorias em separado, a proposta de amefricanização do amor oferece aos direitos humanos ampliação de vocabulário político principalmente em contextos em que o amor é mobilizado para a perpetuação de sistemas de opressão e dominação. Para além da urgente promoção da descolonização dos direitos, o campo da teoria crítica e do ativismo em direitos humanos podem ser pioneiros na defesa radical em âmbito político de uma ética do amor que não negocia com a violência.

Por fim é importante reafirmar a potencialidade política do imaginário negro tanto no que se refere aos direcionamentos teóricos, quanto ativista. Não apenas sobre o conhecimento

da existência de outras formas, outros caminhos, outras possibilidades, mas é sobretudo sobre o engajamento porque o amor chama para a ação.

A ação com base na ética do amor direcionada consecução da justiça frente a sistemas de dominação e opressão é um campo importante a ser explorado e aprofundado por estudiosos e estudiosas principalmente, do campo dos estudos dos direitos humanos. Há potência em se pensar o amor nas lutas políticas.

REFERÊNCIAS

AL ELEAZAR FUN. Prefácio. *In* GONZALEZ, L. **Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

ALVES, Odailta. Eu não falarei de amor. *In*: GALDINO, D. (org.). **Profundações 3**. Ipiaú: Voo Audiovisual, 2019. 140 p.

ANI, Marimba. **Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior**. Trenton: Africa World Press, 1994.

BARRETO, Raquel de Andrade. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez**. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em história) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, 2005.

BARRETO, Raquel Introdução: Lélia Gonzalez, uma intérprete do Brasil. *In* **Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, p. 12-27, 2018.

BARTHOLOMEU, Juliana. Escrevivências: As contribuições de Sueli Carneiro e Lélia Gonzales ao pensamento Social Brasileiro. **Pensata: Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP**, v. 9, n. 2, 2020.

BORGES, Rosane. Das perspectivas que inauguram novas visadas. *In*: HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Borges. São Paulo: Elefante. p. 25-29, 2019.

BRITO, Maíra de Deus. **Não. Ele não está**. 1 edição. Curitiba: Appris, 2018.

BROSI, Grosi; HOOKS, Bel. The Beloved Community: A Conversation with bell hooks. **Appalachian Heritage**, v. 40, n. 4, p. 76–86, 2012.

BUENO, Winnie de Carvalho. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009)**. Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2019.

CARDOSO, Claudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 965–986, 2014.

CARNEIRO, Aparecida. Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo: Tese (Doutorado em Educação) - Filosofia da Educação, Universidade de São Paulo, 2005.

CARVALHO, Lucymara da. Silva; SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. Escrevo sobre mim e por nós: raça, solidão e afetividade da mulher negra retinta no Brasil. **Revista TransVersos**, n. 20, p. 153–174, 2020.

COLLINS, Patricia. Hill. **Pensamento feminista negro**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DILLARD, Cyntia. We are still here: declarations of Love and Sovereignty in Black Life Under Siege. **Educational Studies**, v. 52, n. 3, p. 201–215, 2016.

DUBOIS, WEB. **The souls of black folks**. Oxford: University Press, 2007.

EVARISTO, Conceição. “Em legítima defesa”. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, p. 07-09, 2018.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.), **Representações performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007, p. 21.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas.2015

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FERREIRA, Sibelle de Jesus. **Mulheres negras em Durban: as lideranças brasileiras na Conferência Mundial contra o Racismo de 2001**. 2020. 267 f., il. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) —Universidade de Brasília, Brasília, 2020

FILHAS DE LAVADEIRAS. Direção: Edileuza Penha de Souza. Produção: Ruth Maranhão e Marcus Azevedo. 2019. Disponível em: <https://vimeo.com/484780182>

FLAUZINA, Ana Luiza. Pinheiro. As fronteiras raciais do genocídio. **Revista de Direito**, Brasília, v. 1, n. 1, 2014.

FLAUZINA, Ana Luiza. Pinheiro. **Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro**. 145 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FLAUZINA, Ana Luiza. Pinheiro. **Utopias de nós desenhadas a sós**. Brasília: Brado Negro, 2015.

FLAUZINA, Ana. PIRES, Thula. Supremo Tribunal Federal e a naturalização da barbárie. **Rev. Direito e Práx.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 02, 2020, p. 1211-1237.

FLAUZINA, Ana; PIRES, Thula. Uma conversa de pretas sobre violência sexual. In: PEREIRA, B. et al. (Orgs.). **Raça e gênero: discriminações, interseccionalidades e resistências**. São Paulo: EDUC, p. 65-88, 2020b.

GAIA, Ronan da Silva Parreira; VITÓRIA, Alice da Silva.; ROQUE, Ariel Teixeira. **Candomblé no Brasil: resistência negra na diáspora africana**. Jundiaí: Paco Editora, 2020.

GALLARDO, Helio. **Sobre el fundamento de los derechos humanos**. Revista de Filosofía da Universidad, v. 45, p. 9-24, 2007.

GALLEGO, Mar. 'Cultures of healing': spirituality, interdependence and resistance in the African diaspora. **African and Black Diaspora: An International Journal**, 13:1, 68-79, DOI: 10.1080/17528631.2019.1637144, 2020.

GEREMIAS, Priscila. Luedji Luna: "Falar de amor é reconstituir a humanidade que nos foi negada". **Revista Marie Claire**, 25 set. 2020. Disponível: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2020/09/luedji-luna-falar-de-amor-e-reconstituir-humanidade-que-nos-foi-nogada.html>. Acesso 26 abr. 2021.

GÓES, Luciano. Corpos Negros, Prisões Brancas: Rediscutindo a periculosidade com o Criminólogo (?) Frantz Fanon. In MAGNO, Patricia Carlos; PASSOS, Raquel Gouveia. **Direitos humanos, saúde mental e racismo: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon**. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, p. 156-170, 2020.

GOMES, Ana Cecilia de Barros. **Colonialidade brasileira na Academia Jurídica: uma leitura decolonial em perspectiva amefricana**. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Direito) - Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

GUIMARÃES-SILVA, Pamela.; PILAR, Olivia. A voz que incomoda a Casa Grande: a escrevivência de Conceição Evaristo e a desobjetificação dos sujeitos pesquisados. *In: Intelectuais Negras: vozes que ressoam*. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, [s.d.]. v. 3,p. 35–53, 2019.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG,2003

HOOKS, Bell. Bell hooks talks to Suzanne Moore [entrevista concedida a] Suzanne Moore, **Wasafiri**, online, volume 13, edição 27, p. 12-16, 1998. DOI: 10.1080/02690059808589585.

HOOKS, Bell. **All about love: new visions**. New York: HarperCollins Publishers, 2000.

HOOKS, Bell. **Belonging: A culture of Place**. Nova Iorque: Routledge,2009.

HOOKS, Bell. **Black Looks: Race and Representation**. Boston/MA: South End Press, 1992.

HOOKS, Bell. Building a Community of love: bell hooks and Thich Nhat Hanh. Lion’s Roar: buddhist wisdom for our time, 27 mar. 2017. Tradução Debora Helena de Rezende Rodrigues. *In* **Construindo uma comunidade de amor**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/construindo-uma-comunidade-de-amor/> . Acessado em: Acesso em: 8 jun. 2021

HOOKS, Bell. **Communion: the female search for love**. 1st ed. New York: William Morrow. 2003.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. 1ª edição 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro, 2014.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins fontes, 2013a.

HOOKS, Bell. Identidade negra: subjetividade libertadora (1995). Tradução de Vinicius da Silva. **Medium**, 29 de Novembro de 2020 .Disponível em: <https://viniuxdasilva.medium.com/identidade-negra-subjetividade-libertadora-por-bell-hooks-53a42b1ecf1c> . Acesso em 07 jun. 2021.

HOOKS, Bell. **Killing race: ending racism**. 1 st ed. New York: Henry Holt and company, 1995c.

HOOKS, Bell. O amor como prática de liberdade. Tradução de wanderson flor do nascimento. *In: Outlaw Culture: resisting representations*. Nova Iorque: Routledge, p. 243–250, 2006.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Borges S. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **Reel to real: race, class and sex at the movies**. New York: Routledge classics, 2009.

HOOKS, Bell. **Rock my soul: black people and self-esteem**. 1st ed. New York: Atria Books, 2003a.

HOOKS, Bell. **Salvation: black people and love**. New York: HarperCollins Publishers, 2001.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. 1ª ed. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. **Sisters of the Yam: Black Women and Self-Recovery**. New York: Routledge, 2015[1993].

HOOKS, Bell. **Teaching community: a pedagogy of Hope**. New York: Routledge, 2003b.

HOOKS, Bell. **Teaching to transgress: education as the practice of Freedom**. New York: Routledge, 1994.

HOOKS, B. **The will to change: men, masculinity, and love**. New York/London: Washington Square Press, 2004.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: Werneck, J. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006

HOOKS, Bell. **We Real Cool Black Men and Masculinity**. New York: Routledge, 2005b.

HOOKS, Bell. **Writing beyond race: living theory and practice**. 1 st ed. New York: Routledge, 2013b.

HOOKS, Bell; MCKINNON, Tania. Sisterhood: Beyond public and private. **SIGNS**, v. 21, n. 4, p. 814–829, 1996.

JAMES, Joy. “Concerning Violence”: Frantz Fanon’s rebel intellectual in search of a black cyborg. **South Atlantic Quarterly**, v. 112, n. 1, p. 57–70, 2013a.

JAMES, Joy. Black Revolutionary Love Reimagines Democracy. **Thuthout**, 18 fev. 2021.

JAMES, Joy. Presidential power and captive maternals: Sally, Michelle, and Deborah. **Women in philosophy**, 6 maio 2020.

JAMES, Joy. **Seeking the beloved community: a feminist race reader**. 1 st ed. Albany: State University of New York Press, 2013b.

JAMES, Joy. The Womb of Western Theory: Trauma, Time Theft, and the Captive Maternal. **Carceral Notebooks**, v. 12, p. 253–296, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LIMA, Fátima; ANDRADE, Ludmilla Lins. Racismo e Sociogenia em Frantz Fanon: Diálogos com Grada Kilomba e Conceição Evaristo. In MAGNO, Patricia Carlos; PASSOS, Rachel. Gouveia **Direitos humanos, saúde mental e racismo: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon**. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, p. 85-101, 2020.

LINO, Tayane Rogeria. **O lócus enunciativo do sujeito subalterno: uma análise da produção científica de bell hooks e Gloria Anzaldúa**. Belo Horizonte: Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

LOPES, Juliana Araújo. **Constitucionalismo brasileiro em pretuguês: trabalhadoras domésticas e lutas por direitos**. Brasília: Dissertação (Mestrado em Direito)- Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Trad. Stephanie Borges. Autêntica Editora, 2019.

LUNA, Luedji. **Bom mesmo é estar debaixo d’água (Álbum visual)**. Salvador: ProAC/SP – Programa de Ação Cultura do Estado de São Paulo; Dan Produções; Oxalá Produções, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z71PX61UdJ4>. Acesso em: 8 jun. 2021.

LUNA, Luedji. **Um Corpo no Mundo**. Brasil: YB Music: 2017. Disponível em: http://www.ybmusic.com.br/gravadora_disco.asp?disco_id=329. Acesso em: 8 jun. 2021.

LUZ, Marco Aurelio. Da Porteira para dentro, da porteira para fora. In: SANTOS, Joana. Elbein dos (org.) **Democracia e diversidade humana: desafio contemporâneo**. Salvador: SECNEB, p.57-74, 1992

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. Obstáculos ideológicos à dinâmica da pesquisa em educação. In: **Revista da Faeba, Educação e Literatura**, Salvador: UNEB, Departamento de Educação, Campus I, ano 7, n. 10 jul./dez. 1998.

MAGNO, Patricia Carlos; PASSOS, Rachel Gouveia. **Direitos humanos, saúde mental e racismo: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon**. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, p. 258-272, 2020.

MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/ projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOMBAÇA, Jota. [Parte 5] **Refundar o Possível**. AFRICA NAS ARTES, 2018. 1 vídeo (4m 05s) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p1krp7_bA20. Acesso em: 8 jun. 2021

MOMBAÇA, Jota. [Parte 3] **Morar na indefinição**. AFRICA NAS ARTES, 2018. 1 vídeo (2m 25s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Doluws-0bjM>. Acesso em: 8 jun. 2021

MOMBAÇA, Jota. [Parte 1] **Autodefinição**. AFRICA NAS ARTES, 2018. 1 vídeo (4m 05s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vztLJfJYPYs>. Acesso em: 8 jun. 2021

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva; Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Maria. Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Tatiana. **07 notas sobre o apocalipse ou poemas para o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Garupa, 2019a.

NASCIMENTO, Tatiana. **Cuírlombismo literário: poesia negra LGBTQI desorbitando o paradigma da dor**. Série Pandemia. São Paulo: N-1 Edições, 2019b.

NJERI, Aza. Amor: um ato político-poético. *In*: SANTOS, Franciele Monique dos; CORRÊA, Diogo Silva (Orgs). **Ética e filosofia: gênero, raça e diversidade cultural**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020

NOGUERA, Renato. Fanon, o Cortiço e Anjo Negro: breve esboço sobre relações inter-raciais heterossexuais no contexto do racismo. *In*: MAGNO, P. C.; PASSOS, Rachel Gouveia. **Direitos humanos, saúde mental e racismo: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon**. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, p. 49-127, 2020.

NOGUERA, Renato. **Por que amamos: o que mitos e filosofia têm a dizer sobre o amor**. Rio de Janeiro: HaperCollins Brasil, 2020.

ODÛDUWÀ, Abisogun Olátunjí. **Às irmãs: mulheres africanas na revolução preta mundial**. Diáspora Africana: Filhos da África, 2019.

OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim. Lélia Gonzalez e o pensamento interseccional: uma reflexão sobre o mito da democracia racial no Brasil. **Revista interterritórios**, v. 6, n. 10, p. 89-104, 2020. DOI Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/244895>. Acesso em: 8 jun. 2021

OLIVEIRA, Denilson de Araújo. Leituras Geográficas e Fanonianas do Racismo, do Trauma e da Violência Psíquica: alguns apontamentos teóricos. *In*: MAGNO, Patricia. Carlos; PASSOS, Rachel Gouveia. **Direitos humanos, saúde mental e racismo: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon**. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, p. 103-127, 2020.

PAULINO, Rosa. **Curso Arte, ação e pensamento anticoloniais**. Rio de Janeiro: MUSEU DE ARTE DO RIO, 2019. 1 vídeo (165 min 42 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sww6jN3_yyg&t=7531s. Acesso em 8 jun. 2021.

PAULINO, Rosa. **Imagens de sombras**. São Paulo: Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2011.

PAULINO, Rosa. O Amor: modos e usos - fechamento. *In*: Rosa Paulino. **Rosa Paulino: artista visual, pesquisadora e educadora**. [s.l.], 8 nov. 2011. Disponível em: <https://www.rosanapaulino.com.br/blog/?s=amor+>. Acesso em: 8 jun. 2021.

PAULINO, Rosana. **Parede da memória**. [s.l.]: CÉLIA ANTONACCI, 2020. 1 vídeo (19 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vkFdzF4y6c0>. Acesso em: 8 jun. 2021.

PENNA, William Pereira. **Escrevivências das memórias de Neusa Santos Souza: apagamentos e lembranças negras nas práticas psis**. Belo Horizonte: Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, 2019.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. **Dengos e zangas das mulheres-moringa: Vivências afetivo-sexuais de mulheres negras**. Pittsburgs: Latin America Research Commons, 2020.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Quando falamos de amor: vivências afetivas na produção de intelectuais negras. Congresso Epistemologias do Sul. **Anais**[...], v. 1, n. 1, p. 254-262. 2017.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. **Tramas e dramas de gênero e de cor: a violência doméstica e familiar contra mulheres negras**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PHILLIPS, Dom. ‘Brazil is a racist contry, statistically’: Luedji Luna, the bold voice of Bahia. **The Guardian**, 7 dec. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2020/dec/07/brazil-is-a-racist-country-statistically-luedji-luna-the-bold-voice-of-bahia>. Acesso em: 26 abr. 2021.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. 1ª ed. São Paulo: Editora NÓS, 2017.

PIRES, Thula. Direitos Humanos traduzidos em pretuguês. 13o mundos de mulheres e Fazendo gênero 11. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2017a. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499473935_ARQUIVO_Texto_completo_MM_FG_ThulaPires.pdf. Acesso em: 7 jun. 2021.

PIRES, Thula. O. Diálogo com Fanon: o negro como não ser. In: MAGNO, Patricia Carlos; PASSOS, Rachel Gouveia. **Direitos humanos, saúde mental e racismo: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon**. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, p. 258-272, 2020.

PIRES, Thula. Racializando o Debate. **Revista Sur**, v. 15, n. 28, p. 65–75, 2019. Disponível em: <https://sur.conectas.org/racializando-o-debate-sobre-direitos-humanos/>. Acesso em: 8 jun. 2021.

PORTILHO, Erica. **Matriarcado afreekana: narrativas cruzadas do ventre negro ao Brasil**. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) - Programa de Pós Graduação em Relações Étnico Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2019.

PRESTES, Clésia Rosane dos Santos. **Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras: resiliência em mulheres negras: transmissão psíquica e pertencimentos**. São Paulo: Dissertação (mestre em psicologia) - Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, 2013.

PRESTES, Clésia Regina dos. Santos. Ressignificação da identidade e amor como resistências à violência racial, em favor da saúde psíquica. *In*: SILVA, Maria Lucia da Silva; FARIAS, Marcio; OCARIZ, Maria Cristina; NETO, Augusto Stiel. (orgs.). **Violência e Sociedade: o racismo como estruturante**. 1ª ed. São Paulo: Editora Escuta, 2018.

RAMOS, Luciana de Souza. **O direito achado na encruza: territórios de luta, (re) construção da justiça e reconhecimento de uma epistemologia jurídica**. Brasília: Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, 2019.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010

WATKINS, Gloria Jean. **Keeping A Hold On Life: Reading Toni Morrison's Fiction**. Santa Cruz: Tese (doutorado em literatura), University of California, Santa Cruz, 1983.

RIOS, Flavia.; LIMA, Marcia. Introdução. *In*: GONZALEZ, L. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, p. 6-18, 2020.

ROAD, Cristy. **Next World Tarot**. New York: Silver Sprocket. 2020.

RODRIGUES, Arianne Mesquita. **Um ensaio de Bell Hooks: Uma proposta de tradução comentada**. Brasília: Monografia (graduação em letras) - Instituto de Letras: Universidade de Brasília, 2018.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte: pàde, àsèsè e o culto Égun na Bahia**. Petrópolis:Vozes,2000.

SHAKUR, Assata. **Assata: Uma Autobiografia** (Assata: Na Autobiography, 1987) Tradução: foc – Assata Shakur em Português <https://assatashakurpor.wordpress.com>

SILVA, Caroline Lyrio; PIRES, Thula. **Teoria Crítica da raça como referencial teórico necessário para pensar a relação entre direito e racismo no Brasil**. *In*: W. A. Steinmetz, H. J. de S. Gordilho, F. A. de C. Dantas (orgs.) XXIV Encontro nacional do Conpedi. **Anais**[...]Florianópolis: CONPEDI, 2015

SILVA, Vinicius Rodrigues Costa da; NASCIMENTO, Wanderson Flor. do. Políticas do amor e sociedades do amanhã. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, v. 10, p. 168–182, 2019.

SILVEIRA, Helena Isabel Barbosa. **Reflexão sobre questões de tradução da obra feminista Theory from margin to center, de bell hooks**. Lisboa: Dissertação (Mestrado em tradução) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2018.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1988.

SOMÉ, Sobunfu. Aceitar a dor. Quando banhar-se em lágrimas cura as feridas mais profundas. Tradução Aline Matos Rocha. **Portal Geledes**. 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/aceitar-a-dor-quando-banhar-se-em-lagrimas-cura-as-feridas-mais-profundas-por-aline-matos-rocha/>. Acessado em: 26 jun 2021

SOMÉ, Sobunfu. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. Tradução de Deborah Weinberg. São Paulo: Odysseus, 2009.

SOUZA, Elizandra. **Filha do fogo: 12 contos de amor e cura**. São Paulo: MJIBA-Comunicação, Produção e Literatura Negra, 2020.

SOUZA, Edileuza. A ancestralidade africana de Mestre Didi expandindo a intelectualidade negra brasileira. 9º Congresso Internacional da Associação de Estudos Brasileiros (BRASA). **Anais[...]**. New Orleans: Tulane University, 1967. Disponível em: <sitemason.vanderbilt.edu/files/jgM3V6/Souza%20Edileuza%20Penha%20de.pdf>. Acesso em: 4 abr 2021.

SOUZA, Edileuza. **Cinema na panela de barro: Mulheres Negras, Narrativas De Amor, Afeto e Identidade**. Brasília: Tese (doutorado em educação), Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2013.

SOUZA, Edileuza. **Tamborizar: história e afirmação da autoestima das crianças e adolescentes negros e negras através dos tambores de congo**. 2005. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação, subárea: Pluralidade Cultural) - Universidade do Estado da Bahia, 2005. Disponível em: http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2005/eileuza_penha_de_souza.pdf. Acesso 26 abr. 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. 2º ed. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

ST. NORBERT COLLEGE. **Conversations from St. Norbert College** featuring bell hooks. Youtube, 30/04/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yVuuP9zgshI> . Acesso em: 25/06/2021

VARGAS, João Costa; JAMES, Joy A. **Resfusing Blackness-as-Victimization: Trayvon Martin and the Black Cyborgs.** In YANCY, George JONES, Janine. (Eds.) Pursuing Trayvon Martin: Historical Contexts and Contemporary Manifestations of racial Dynamics. Lanham, MD: Lexington Books. p. 193-205, 2012.

VARGAS, João Costa. O Cyborg e a escrava: Geografia da morte e imaginação política na diáspora negra. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) ABPN**, v. 12, n. 34, p. 52–72, 2020.

VARGAS, João Costa. Por uma mudança de Paradigma: Antinegitude e antagonismo estrutural. **Revista de Ciências Sociais: RCS**, v. 48, n. 2, p. 83-105, 2017

VARGAS, João Costa. Racismo não dá conta: antinegitude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade. **Revista em Pauta**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 45, 2020

VARGAS, João Costa. **The Denial of antiblackness: multiracial redemption and black suffering.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. **Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970 - 1990.** Rio de Janeiro: Dissertação (mestrado em história comparada) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

VIEIRA, Henrique. **O amor como revolução.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

WALKER, Alice. **Em busca dos Jardins de Nossas Mães.** Tradução Katia Costa-Santos, 1983

XAVIER, Giovana. Segredos de penteadeira: conversas transnacionais sobre raça, beleza e cidadania na imprensa negra pós-abolição do Brasil e dos EUA. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 52, p. 429-450, 2013.

YANCY, George; DAVIDSON, Maria Del Guadalupe. **Critical perspectives on bell hooks.** 1st ed. New York: Routledge, 2009.

ZACARIAS, Laysi S. **A luta política do movimento negro e a (não) centralidade do direito.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2018